

ALICINEZ GUERRA ALBUQUERQUE

**CONHECIMENTOS E PRÁTICAS
DE EDUCADORES E NUTRICIONISTAS
SOBRE A EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL
NO AMBIENTE ESCOLAR**

RECIFE
2012

ALICINEZ GUERRA ALBUQUERQUE

CONHECIMENTOS E PRÁTICAS
DE EDUCADORES E NUTRICIONISTAS
SOBRE A EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL
NO AMBIENTE ESCOLAR

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Nutrição do Centro de Ciências da
Saúde da Universidade Federal de
Pernambuco para obtenção do título
de Mestre em Saúde Pública.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Mônica Maria Osório de Cerqueira

Co-orientadora: Prof^ª. Dra. Cleide Maria Pontes

RECIFE
2012

Alicinez Guerra Albuquerque

Conhecimentos e práticas de educadores e nutricionistas sobre a Educação Alimentar e Nutricional no ambiente escolar

Dissertação aprovada em: _____/_____/_____

Banca Examinadora

Professora Dra. Adriana Falângola Benjamin Bezerra
Centro de Ciências da Saúde - Universidade Federal de Pernambuco

Professora Dra. Francisca Márcia Pereira Linhares
Centro de Ciências da Saúde - Universidade Federal de Pernambuco

Professor Dr. Ivonaldo Neres Leite
Centro de Ciências Aplicadas e Educação - Universidade Federal da Paraíba

*Dedico este trabalho a DEUS, aos meus pais,
aos meus irmãos, e ao João Gabriel.*

Aos militantes na área de alimentação e nutrição, independente da formação acadêmica, que acreditam que a Educação Alimentar e Nutricional precisa ser reconhecida nos diversos espaços e áreas de conhecimento.

Aos atores escolares, que alimentam as esperanças de um dia a Educação Alimentar e Nutricional possa enraizar e se fortalecer no cotidiano escolar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por mais uma conquista na minha vida. A realização desta é considerada para mim uma verdadeira realização de um sonho. Este sonhado ainda quando eu estava no segundo período da graduação em Nutrição.

Minha profunda gratidão aos meus pais, Ilza e Sebastião, pelo cuidado, felicidade e educação proporcionada desde pequena. Obrigada por tudo!

Agradeço aos meus irmãos e ao João Gabriel pelo incentivo, pela amizade, carinho, paciência e compreensão em todos os momentos.

Agradeço a Professora Mônica e a Professora Cleide, que estiveram presentes na orientação desde a concepção inicial do estudo. Obrigada pela confiança depositada, apoio, atenção, e compreensão. A partir deste estudo tive a oportunidade de adentrar na metodologia qualitativa, e concretizá-la no campo.

Agradeço aos demais professores do curso pelos conhecimentos transmitidos e construídos durante o curso.

A todas as minhas colegas de turma, obrigada pela amizade construída ao longo destes dois anos.

Agradeço as alunas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), por parte das infindas transcrições das entrevistas.

Agradeço as funcionárias da Pós-graduação em Nutrição, Neci e Cecília, pela atenção no atendimento.

Agradeço as colegas nutricionistas das Gerências Regionais de Educação, aos professores da Gerência de Políticas Educacionais da Secretaria Estadual de Educação, a gestora Isabel Maria da Escola Severino de Andrade Guerra do município de Machados e aos seus professores, participantes do estudo.

Agradeço aos dirigentes e aos colegas de trabalho pelo apoio nos momentos necessários.

"A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo de busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria."

Paulo Freire

RESUMO

A educação alimentar e nutricional (EAN) consolida-se como uma estratégia para promover a saúde e a segurança alimentar e nutricional. No ambiente escolar faz-se necessário que a EAN seja vivenciada pelos escolares de modo a contribuir para construção do conhecimento sobre a alimentação e motivar práticas alimentares saudáveis. Neste âmbito destacam-se os conhecimentos e atuação dos profissionais que lidam com o processo da prática-pedagógica e alimentação escolar, respectivamente, os educadores e nutricionistas. Estes profissionais devem conhecer a EAN e sua configuração com a incumbência de implementá-la na escola. Assim, este estudo tem como objetivo analisar os conhecimentos e práticas sobre EAN na escola, na perspectiva de educadores e nutricionistas. O estudo utilizou uma abordagem qualitativa. Esse se realizou durante o período de maio a julho de 2011, e ocorreu na Secretaria Estadual de Educação do estado de Pernambuco e em uma escola estadual. Os participantes foram 7 educadores da Gerência de Políticas Educacionais, 8 professores da escola e 13 nutricionistas das Gerências Regionais de Educação, selecionados pela amostra intencional, seguindo critério de saturação. A coleta dos dados consistiu de entrevista semiestruturada individual e a análise das informações foi realizada por meio da Análise do Conteúdo Temática. Como resultados emergiram as seguintes categorias temáticas: A EAN como regra de comer certo; A finalidade da EAN: promover hábitos alimentares saudáveis; A escola: um ambiente fomentador e potencializador da EAN; Atribuições e parcerias dos atores escolares para a EAN; Barreiras do professor e nutricionista para exercer a EAN; A EAN como prática pedagógica centrada na realidade alimentar do aluno. A escola é carente em práticas de EAN; Estratégias de EAN; Limitações para a prática da EAN nas escolas. Conclui-se que os profissionais referiram diversos conhecimentos sobre a EAN voltados à promoção da saúde, ao aspecto biologicista da alimentação e a condução do seu processo educativo. Há poucas práticas de EAN na escola, norteadas pela transversalidade e interdisciplinaridade, predominando ações isoladas, sendo reflexo do pensamento fragmentado sobre a alimentação e de algumas limitações do contexto escolar. Daí a necessidade de buscar intervenções para compartilhar o conhecimento multidimensional da alimentação e poder abordá-lo nas práticas de EAN na escola.

Palavras-chaves: educação alimentar e nutricional, escola, nutricionista, educador.

ABSTRACT

Food and nutrition education (FNE) is consolidated as a strategy to promote healthy and secure food and nutrition. In the school environment it is necessary that the FNE is experienced by students in order to contribute to build knowledge about feeding practices and encourage healthy eating. In this context we highlight the knowledge and performance of the professionals who deal with the process of practice-teaching and school feeding, respectively, educators and nutritionists. These professionals should know the FNE and its configuration with the task of implementing it at school. Thus, this study aims to analyze the knowledge and practices of FNE in school, by the perspective of educators and nutritionists. These study used a qualitative approach. It took place during the period of May to July of 2011, and occurred in the Department of Education of the state of Pernambuco and at one state school. Participants were seven educators of the Educational Policies Management, 8 teachers from the school and 13 nutritionists from the Regional Management of Education, selected by purposeful sampling, following saturation criterion. Data collection consisted of individual semi-structured interviews and analysis of data was performed by means of Thematic Content Analysis. The results yielded the following themes: FNE as rule of eating right; The purpose of the FNE: promoting healthy eating habits; School: an environment for development and promotion of FNE, Assignments and partnerships of school actors to FNE; Difficulties teacher and nutritionist to exercise FNE; FNE as a pedagogical practice focused on the reality of the student's alimentation. The school is lacking on the practice of FNE, Strategies of EAN; Limitations of EAN to practice in schools. We conclude that many professionals reported knowledge of the focus of EAN on health promotion, the biological aspect of food and the conducting of its educational process. There is little practice of EAN on school, guided by transversely and interdisciplinary, there is a predomination of isolated actions, reflecting the fragmented thinking about alimentation and limitations of the school context. Hence the need for seeking interventions to share multidimensional knowledge of alimentation and approach it in EAN's practice in school.

Keywords: food and nutrition education, school, nutritionist, educator.

LISTA DE ABREVIACOES

EAN	Educao Alimentar e Nutricional
ESAG	Escola Severino de Andrade Guerra
GRE	Gerência Regional de Educao
GPE	Gerência de Políticas Educacionais
PNAE	Programa Nacional de Alimentao Escolar
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
OTM	Orientaes Teóricas Metodológicas
SAN	Segurança Alimentar e Nutricional
SEE/PE	Secretaria Estadual de Educao de Pernambuco

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1 REFERENCIAL TEÓRICO	13
1.1 A Educação Alimentar e Nutricional: estratégia de promoção à saúde e segurança alimentar e nutricional	13
1.2 A escola, o Programa de Alimentação Escolar e os Parâmetros Curriculares Nacionais .	16
1.3 As bases teóricas educacionais para a Educação Alimentar e Nutricional	19
1.4 A atuação dos educadores e nutricionistas e a interdisciplinaridade na escola	22
2 CAMINHO METODOLÓGICO	27
2.1 Delineamento da Pesquisa	27
2.2 Cenário do Estudo	27
2.3 Participantes do Estudo	29
2.4 Coleta das Informações	30
2.5 Análise das Informações	32
2.6 Aspectos Éticos	33
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	34
3.1 Artigo I	34
3.2 Artigo II	51
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICE A	78
APÊNDICE B	79
APÊNDICE C	82
ANEXO A	99
APÊNDICE D	100

APRESENTAÇÃO

A Educação Alimentar e Nutricional (EAN) pode ser entendida como uma estratégia para construir, formar e compartilhar conhecimentos sobre a alimentação, hábitos alimentares e atitudes em prol da promoção da saúde e Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) (BRASIL, 2011). Consolida-se apresentando um papel vinculado à produção e socialização de conhecimentos sobre a alimentação que podem auxiliar a tomada de decisão do ser humano para a prática alimentar saudável (SANTOS, 2005). A EAN é necessária em virtude do atual perfil de saúde e nutrição da população, que expressa alta prevalência de doenças crônicas não transmissíveis, entre essas a obesidade (IBGE, 2010a).

Apesar de ser um tema presente nas políticas públicas relacionado à promoção da saúde, à educação e à segurança alimentar e nutricional, a EAN é pouco implementada (SANTOS, 2010). Para a promoção da EAN faz-se necessário compreender os espaços sociais em que a mesma pode inserir-se enquanto estratégia mediadora da prática alimentar pessoal e da sociedade.

Nesse contexto, a escola aparece como ambiente privilegiado para o desenvolvimento da EAN, pois possui a função de formar cidadãos críticos sobre o mundo e as pessoas, conhecedores dos diversos assuntos relacionados à vida e à sociedade, dentre esses a alimentação e nutrição humana, com a finalidade de construir a cidadania e melhorar a qualidade de vida. E ainda na escola, a EAN está presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais e também no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Este último restrito as escolas públicas brasileiras, busca oferecer diariamente a alimentação escolar e, a partir dessa, formar hábitos alimentares saudáveis. Nesse âmbito, a EAN na escola deve ser reconhecida por seus profissionais, em particular os educadores e nutricionistas, pois lidam com a temática da alimentação e nutrição no sistema de educação.

No sistema educacional, os educadores possuem papel importante na configuração e instituição da EAN, de modo a conduzir a formação do aluno sobre práticas alimentares, proporcionando subsídios para escolhas alimentares saudáveis, com vistas à promoção da saúde e SAN. Os nutricionistas, responsáveis técnicos pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), destacam-se por contribuir no fortalecimento e disseminação das ações e ideias sobre a EAN na escola, por meio da interação com a equipe escolar. (BRASIL, 2009a; COSTA; RIBEIRO V.; RIBEIRO E., 2001).

Então, a partir dessa configuração institucional e das responsabilidades desses profissionais em consolidar a EAN na escola, surge à questão condutora do presente estudo: quais são os conhecimentos teóricos e as práticas de EAN dos educadores e nutricionistas na escola pública estadual de Pernambuco? Portanto, este estudo tem o objetivo de analisar os conhecimentos e as práticas de nutricionistas e educadores sobre EAN no ambiente escolar.

A relevância deste estudo está em desvelar e analisar os conhecimentos e práticas de educadores e nutricionistas sobre a EAN na escola pública. A partir dessa análise, pretende-se subsidiar a construção coletiva para a implementação da EAN, reconhecendo as possibilidades e limitações dessa práxis educativa, e buscar novos direcionamentos para a atuação destes profissionais. Dessa maneira, espera-se contribuir para promoção da EAN na escola com vistas à melhoria da qualidade de vida da comunidade escolar, com repercussões na sociedade.

Esta dissertação está estruturada em quatro partes: a primeira está o *Referencial Teórico*, resultado de uma reflexão realizada sobre o objeto de estudo “EAN na escola pública,” ancorado em vários autores e também no saber acumulado na minha formação e prática profissional enquanto nutricionista. O referencial está disposto em construtos que caracterizam o objeto de estudo, tais como: a EAN como uma estratégia de promoção à saúde e de segurança alimentar e nutricional; a escola, o Programa Nacional de Alimentação Escolar e os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental; as bases teóricas educacionais para a Educação Alimentar e Nutricional; a atuação dos educadores e nutricionistas e a interdisciplinaridade na escola. A segunda parte está o *Caminho Metodológico*; a terceira os *Resultados e Discussão*. Nesta estão dispostos o Artigo I e o Artigo II. E por último, estão as *Considerações Finais* do estudo.

O primeiro artigo, “Conhecimentos de educadores e nutricionistas sobre a Educação Alimentar e Nutricional na escola”, que será submetido aos Cadernos de Saúde Pública, aborda as concepções da EAN na perspectiva dos educadores e nutricionistas, bem como a escola, a merenda escolar e os seus atores para a conformação da EAN. O segundo artigo, “Práticas de Educação Alimentar e Nutricional na escola: uma visão de professores e nutricionistas”, será submetido à Revista de Ciências e Saúde Coletiva procura desvelar a configuração prática e as limitações da EAN na escola, na visão dos educadores e nutricionistas.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 A Educação Alimentar e Nutricional: estratégia de promoção à saúde e de segurança alimentar e nutricional

A princípio ainda não existe um conceito oficial para a EAN, tampouco uma teoria. Isso por se tratar de um tema interdisciplinar, que abrange complexas redes conceituais provindas de diferentes campos do saber que envolve a alimentação e as mudanças alimentares das pessoas e da sociedade (DIEZ-GARCIA, 2011). Estas mudanças alimentares são marcadas e determinadas pelas dimensões da alimentação, tais como: a do direito humano, a biológica, a psicossocial e cultural, a ambiental e a econômica; portanto, considera os aspectos individuais e do contexto social (CASTRO I.; CASTRO L.; GUGELMIM, 2011). A partir dessa configuração tenta-se integrar as dimensões da alimentação na abordagem da EAN, a fim de superar a visão estritamente biologicista desta educação, que é focada no aspecto nutricional da alimentação.

Neste sentido, a primeira dimensão da alimentação consiste em assumi-la como um direito humano, de modo que a EAN possa propiciar a sua exigibilidade perante a compreensão do dever do estado em garanti-la, de maneira a desenvolver a consciência política sobre o tema. Na dimensão biológica, a EAN trata dos aspectos fisiológicos da alimentação, dar enfoque aos aspectos nutricionais e sanitários dos alimentos em prol do funcionamento adequado do corpo, a partir da utilização biológica dos nutrientes para prevenir doenças. Na dimensão psicossocial e cultural, a EAN contempla os valores e escolhas alimentares das pessoas e sociedades e o ato de se alimentar, incluindo as relações nesse envolvidas. Na dimensão ambiental, a EAN comporta o entendimento da produção, disponibilidade e consumo de alimentos de maneira sustentável. A dimensão econômica se remete em primeiro lugar à questão do acesso financeiro aos alimentos, e em segundo, às relações de trabalho que se estabelecem desde o plantio, colheita, armazenamento, transporte e comércio de alimentos, e também nos locais onde há produção de refeições, como restaurantes, indústrias, ressaltando o tratamento, reconhecimento e valorização dos profissionais que lidam com os alimentos (CASTRO I.; CASTRO L.; GUGELMIM, 2011).

A EAN, por se tratar de um tema interdisciplinar, é prudente não incorporá-la num conceito fechado, pois pode estreitar o seu entendimento frente às dimensões da alimentação e de suas finalidades. Contudo é encontrada na literatura, uma noção para o seu significado que se aproxima dos enfoques acima descritos:

“A EAN, um conjunto de estratégias sistematizadas para impulsionar a cultura e a valorização da alimentação, concebidas no reconhecimento de respeitar, mas também de modificar crenças, valores, atitudes, representações, práticas e relações sociais que estabelecem em torno da alimentação, visando o acesso econômico e social de todos os cidadãos a uma alimentação quantitativa e qualitativamente adequada, que atenda aos objetivos de saúde, prazer e convívio social” (BOOG, 2004).

Nesta definição, a EAN é tida como estratégia. Uma estratégia, por sua vez, corresponde a um cenário de ações planejadas para serem implementadas conforme as possibilidades e os percalços que podem surgir durante a sua execução. Assim, é flexível ao considerar as mudanças do contexto, capaz de moldar-se a esse para garantir a sua efetividade (MORIN, 2005).

Para embasar a EAN na escola, considera-se importante o termo que lhe anuncia: “Educação”. A educação apresenta-se na perspectiva de ser “uma atividade mediadora no seio da prática social”, pois compreende um meio responsável pela construção de conhecimentos para potencializar práticas sociais focadas na transformação da sociedade, visando à melhoria da qualidade de vida humana (SAVIANI, 2009). Toda educação deve promover a capacidade da pessoa em entender o “todo”, o contexto, e a “parte”, a unidade, de modo multidimensional (MORIN, 2005). Portanto, é preciso conhecer as dimensões da alimentação, poder conectá-las umas as outras e ao seu contexto, para então, promovê-la.

A EAN ao considerar em seu processo educativo o entrelaçamento dos conhecimentos que compreende as dimensões da alimentação, e essas ao seu contexto, estará contribuindo para melhorar o atual perfil epidemiológico e nutricional. Este perfil vivenciado na atualidade corresponde a uma expressiva prevalência do sobrepeso e obesidade e o impacto desses na incidência de várias doenças crônicas (hipertensão arterial, diabetes, doenças do coração e alguns tipos de câncer). Havendo destaque, nos últimos anos, para o aumento do sobrepeso em crianças em idade escolar mais acelerado que nas demais faixas etárias (IBGE, 2010a).

Esse contexto é decorrente da interação de fatores individuais, sociais, políticos, econômicos e ambientais. Dessa maneira, estão atrelados não apenas às formas de

conhecimento sobre a alimentação, mas também aos aspectos da dificuldade de acesso físico e econômico aos alimentos que corroboram para a decisão da escolha alimentar e modos de vida determinantes dos problemas em geral (BRASIL, 2006a).

Neste sentido, a EAN almeja auxiliar nas mudanças alimentares pessoais e da sociedade, a partir da construção do conhecimento e motivação para lutar em prol da prática da alimentação saudável, na perspectiva de promover a saúde e a segurança alimentar e nutricional (SAN). Esses fins estão dispostos na Política Nacional de Alimentação e Nutrição, que descreve a prática da alimentação saudável como um dos eixos estruturadores para a promoção da saúde, por ser um dos fatores que determina diretamente a condição de saúde e nutrição dos seres humanos (BRASIL, 2011).

A prática da alimentação saudável acontece quando há acesso físico e econômico a alimentos adequados em quantidade e qualidade, que apresentam elevado valor nutritivo (frutas, hortaliças, leguminosas, tubérculos, cereais, leite, carnes, ovos), sejam variados, com preferência para a escolha de alimentos *in natura*, inseridos nos hábitos alimentares regionais, produzidos na cultura local, que atendam aos aspectos higiênico-sanitários, desde o plantio livre de agrotóxicos, e aos aspectos afetivos e de socialização do ser humano (BRASIL, 2006a). Neste conceito percebe-se a articulação entre as diferentes dimensões da alimentação e o seu contexto.

Na prática cotidiana de profissionais que lidam com essa temática, a EAN está voltada à circulação de informações sobre aprender a consumir uma alimentação saudável. Por um lado a EAN que abrange a chamada “alimentação ideal”, quando considera apenas as questões nutricionais, e exclui a realidade alimentar vivenciada pelas pessoas nos diversos níveis sociais, culturais, econômicos e afetivos. E do outro, uma EAN que aborda uma “alimentação real”, a qual busca integrar a parte nutricional e o contexto alimentar das pessoas. Essa última possui maior chance de sucesso em virtude de integrar o contexto social, aproximando-se da noção da prática da alimentação saudável (SILVA; RECINE; QUEIROZ, 2002).

Outra finalidade da EAN é proporcionar o despertar para a garantia da SAN. Esta se configura como a concretização do direito humano ao acesso regular e permanente a alimentos em qualidade e quantidade suficiente de modo a suprir as necessidades alimentares, sem comprometer outras necessidades básicas, tendo como base práticas alimentares saudáveis, inseridas no contexto sociocultural e que apresentam o foco de ser econômica e ambientalmente sustentáveis (BRASIL, 2006b).

Assim, a EAN está voltada ao entendimento dos princípios que compõe a SAN (plantio adequado, disponibilidade, acesso físico e econômico, escolha, preparo, consumo e utilização biológica do alimento) (BRASIL, 2011; CASTRO I.; CASTRO L.; GUGELMIM, 2011). Esses princípios estão entrelaçados às dimensões da alimentação e encadeados na direção da garantia da sobrevivência do ser humano com uma melhor qualidade de vida.

A partir da EAN espera-se auxiliar na decisão de escolha por alimentos que atendam aos aspectos biológicos, afetivos e socioculturais individuais, o uso sustentável do meio ambiente, despertar a consciência política e econômica para tal. Neste sentido, reafirma-se a EAN como mediadora para proporcionar a construção do conhecimento, despertar a consciência e motivação em prol das mudanças alimentares na direção de práticas alimentares saudáveis, que envolvam todos os princípios da SAN e dimensões da alimentação. E, assim, buscar a superação da fragmentação dos conhecimentos que circundam a alimentação, integrá-los para então responder aos problemas alimentares e nutricionais das pessoas e da sociedade.

A EAN necessita alcançar todos os ciclos de vida, desde a infância à velhice, assim, pode ser implementada tanto na educação formal (da pré-escola à universidade), quanto na educação informal (ambiente de trabalho e comunidade), conselhos de segurança alimentar, rede de saúde e apoio, e a mídia (BOOG, 2004). No ensino formal, a escola é colocada como um ambiente estruturador do desenvolvimento de capacidades em saúde (SOUZA et al., 2011). Neste sentido, a escola pode contribuir e influenciar positivamente a saúde das crianças e adolescentes (WHO, 1999).

1.2 A escola, o Programa de Alimentação Escolar e os Parâmetros Curriculares Nacionais

A escola é uma instituição responsável pela formação cidadã do ser humano, se constituindo num território de construção de conhecimentos e de identidades do mundo e das pessoas, resultado de um processo dinâmico gerado a partir de uma rede de relações sociais (OLIVEIRA, 2000; RIBEIRO, 2004). Dessa forma, o ambiente escolar é considerado um cenário apropriado para o desenvolvimento de intervenções em EAN, pois, além de conter as dimensões do aprendizado e ensino, existem as relações entre a família e comunidade escolar, que proporcionam um espaço físico e o emocional adequado para tal (BIZZO; LEDER, 2005).

Alguns passos políticos foram dados na direção da implementação da EAN na escola, como a sua inclusão em um dos eixos do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) (BRASIL, 2009a) e a publicação da Portaria Interministerial nº 1.010, de 8 de maio de 2006, que institui as diretrizes para a promoção da alimentação saudável nas escolas de educação

infantil, fundamental e de nível médio das redes públicas e privadas, em âmbito nacional (BRASIL, 2006c).

Ainda em algumas escolas públicas existe o Programa Saúde na Escola, que almeja contribuir para a formação integral dos alunos da rede pública de educação básica, por meio de ações de prevenção de doenças e de promoção da saúde. Esse programa prevê a articulação da escola com os serviços básicos de saúde da região. A regulamentação deste programa descreve no artigo 4º as ações de saúde previstas na escola, dentre as quais, está à promoção da alimentação saudável, que insere a EAN (BRASIL, 2007a).

Há também o Programa Mais Educação, estabelecido pelo Ministério da Educação por meio da Portaria Interministerial nº 17/2007 e pelo Decreto nº 7.083, de 27 de janeiro de 2010. Este programa amplia a carga horária do aluno, tendo caráter de ensino integral, para proporcionar atividades escolares complementares com enfoque na cultura, esporte, direitos humanos e desenvolvimento social. Na prática escolar o programa funciona por meio de oficinas inseridas em macro campos, selecionados pela escola. Dentre esses está educação ambiental, direitos humanos em educação, promoção da saúde, e investigação no Campo das Ciências da Natureza. Dessa forma, a EAN pode perpassar por todos esses campos (BRASIL, 2007b; BRASIL, 2010a).

Neste âmbito destaca-se o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que busca atender a todas as escolas públicas do Distrito Federal, estados e municípios do país. O PNAE é regulamentado pela Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009, e expõe o direito à alimentação escolar saudável para todos os alunos da educação básica, da creche ao ensino médio, e educação de jovens e adultos. Esse direito é exercido por meio do oferecimento de refeições durante o período de permanência do aluno na escola. No artigo 17, inciso III, o PNAE apresenta a diretriz que determina a promoção da EAN nas escolas, com o intuito de formar hábitos alimentares saudáveis nos alunos atendidos, mediante atuação interdisciplinar dos profissionais de educação e do nutricionista, sendo este último o profissional responsável técnico pelo programa (BRASIL, 2009b).

O PNAE apresenta dois eixos operacionais que se complementam, um referente à oferta de refeições e o outro a EAN. Assim, práticas alimentares saudáveis podem ser formadas a partir do consumo da alimentação escolar. O PNAE propõe incluir a EAN no processo de ensino e aprendizagem, que perpassa pelo currículo escolar, abordando o tema em sua complexidade de dimensões para auxiliar no desenvolvimento de práticas saudáveis de vida, na perspectiva da SAN e da promoção à saúde (BRASIL, 2009b).

A literatura apresenta a possibilidade de se encontrar uma concepção exclusivamente assistencialista (oferecimento de refeições) do PNAE por professores e gestores de escolas, em detrimento de seus princípios pedagógicos (LULIANO; MACUSO; GAMBARDELLA, 2009). Entre outras estratégias de EAN, está à implantação e manutenção de hortas escolares pedagógicas, a formação da comunidade escolar, entre outras (BRASIL, 2006c).

Além do PNAE, é importante enfatizar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o Ensino Fundamental, os quais constituem o plano curricular oficial para o ensino fundamental brasileiro. Esses configuram uma referência nacional de conteúdos e objetivos articulados para o ensino - aprendizagem das disciplinas. Como tal, os PCNs possuem uma estrutura curricular completa, são abertos e flexíveis para adaptar-se à elaboração do currículo das várias secretarias e em diferentes contextos por todo o país (BRASIL, 1997a).

Os PCNs abrangem além das disciplinas obrigatórias, especificamente para o ensino fundamental II (Língua Português, Matemática, História, Geografia, Ciências Naturais, Artes, Educação Física e Língua Estrangeira) os "temas transversais", que embora não constituem disciplinas específicas, são conteúdos para serem abordados nas disciplinas tradicionais, de forma transversal. Essa transversalidade de temas pressupõe a integração destes nas disciplinas obrigatórias das escolas de ensino básico. Os temas transversais são temas sociais: ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, orientação sexual, trabalho e consumo em geral (BRASIL, 1997a).

A transversalidade dos temas corresponde aos aspectos didáticos da interdisciplinaridade (BRASIL, 1997b). Esta, por sua vez, não tem a pretensão de criar novas disciplinas ou saberes, mas de utilizar os conhecimentos de várias disciplinas para definir um tema ou compreender um determinado objeto frente a diferentes pontos de vista (BRASIL, 2000).

Os PCNs trazem a ideia básica de que a escolaridade deve ser relevante para a vida cotidiana. Por isso, dispõem e orientam os temas transversais no planejamento do currículo do ensino fundamental, a fim de munir os alunos de uma visão ampliada para a aprendizagem (WHO, 1999). Logo, a EAN pode ser inserida transversalmente nas disciplinas, de maneira que possa reforçar a autonomia dos educandos para agirem como protagonistas em direção à promoção de práticas alimentares saudáveis, com vistas à promoção da saúde e da SAN.

A partir dos PCNs as Secretarias de Educação organizam suas Matrizes Curriculares. No estado de Pernambuco, a Matriz Curricular para o Ensino Fundamental II orienta que os temas transversais (Educação, Direitos Humanos e Cidadania, História da Cultura Pernambucana, Educação e Trabalho, Educação Ambiental) sejam inseridos nas disciplinas obrigatórias.

Dentre esses temas percebe-se que mesmo com a ausência da temática da Saúde, isso não representa uma barreira para a inserção e prática da EAN, visto que essa pode inserir-se considerando as dimensões da alimentação (PERNAMBUCO, 2011).

Para facilitar a aplicabilidade da Matriz Curricular nas escolas estaduais de Pernambuco, foram criadas as Orientações Teóricas Metodológicas (OTMs), que norteiam o professor no planejamento e no processo de ensino da disciplina. As OTMs são referenciais estruturadores das práticas de ensino das disciplinas, tendo o objetivo de melhorar a qualidade do ensino, de forma contextualizada, reflexiva e crítica para a ação pedagógica e a docência (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO, 2008).

A EAN está descrita nas OTMs da disciplina Educação Física, com enfoque no aspecto nutricional da alimentação para promover a saúde, em Ciências, além desse aspecto, há o ambiental. Na disciplina de Artes pode ser inserida na produção de Música e diversas atividades, nas disciplinas de História e Geografia, observam-se as dimensões da alimentação ligadas à produção, disponibilidade, acesso, comercialização dos alimentos e o enfoque ambiental. Na disciplina de Matemática a EAN pode inserir-se nos mais diversos assuntos, como estudo das probabilidades, massas, números, gráficos, entre outros que contemplem as dimensões da alimentação. Em português pode ser incluída em textos para trabalhar a produção e compreensão oral e escrita (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO, 2008). Enfim, o campo é vasto e há infindas possibilidades de exercer a transversalidade em EAN no currículo escolar.

Apesar desses documentos orientadores para a implementação da EAN, a escola precisa possuir o desejo de desenvolvê-la a partir da inserção da mesma no projeto político-pedagógico (plano teórico que estabelece a missão da escola), a fim de concretizá-la na prática do cotidiano. Segundo Santos (2005), é necessário aprofundar a forma da inclusão da EAN na escola, sendo importante considerá-la dentro das discussões teóricas da educação, não reduzindo o tema à mera inclusão de conteúdos. Portanto, é necessário adentrar nas concepções educacionais para moldá-las à EAN.

1.3 As bases teóricas educacionais para a Educação Alimentar e Nutricional

Em princípio, a concepção da educação é constituída de três componentes: primeiro é o da filosofia da educação (dita as finalidades, os valores do homem e sociedade, a partir da reflexão e compreensão da problemática educativa); o segundo é a teoria da educação

(sistematiza os conhecimentos sobre a questão educacional para compreender o lugar e sua função na sociedade); o terceiro nível é a prática pedagógica, (forma como é planejado e executado o processo de ensino, cuja função é influenciar o aluno de maneira a interferir e propiciar mudanças em sua forma de pensar, agir, e se expressar sobre determinado objeto, espaço, pessoas e situações) (SAVIANI, 2008).

O processo de ensino significa uma sistematização de atividades do educador e educandos, com a finalidade de construir e assimilar conhecimentos para desenvolver e aprimorar a capacidade de pensamento autônomo, crítico e multidimensional. O processo de ensino envolve os conteúdos de programas e de livros didáticos, métodos e recursos pedagógicos, e também a relação entre educador e educandos (LIBÂNEO, 1994).

Dentre as concepções da educação, destacam-se quatro dessas para o entendimento da EAN enquanto teoria educacional. A primeira concepção é a humanista tradicional, conhecida como pedagogia tradicional (iniciou-se no final do século XIX), a qual se resume a uma visão essencialista da pessoa. Essa é percebida apenas na essência ideal de ser humano, não considera os aspectos de seu contexto (SAVIANI, 2008).

A prática pedagógica na educação tradicional está centrada no educador, nos conteúdos cognitivos transmitidos aos alunos, na disciplina, na memorização que visa moldar a mente e formar hábitos. Os métodos de ensino consistem na exposição verbal da matéria realizada pelo educador. Os conteúdos são desarticulados da experiência e realidade social dos educandos (SAVIANI, 2008; LUCKESI, 1994). Além disso, a EAN enquanto educação tradicional associa apenas a falta de instrução e de conhecimento em relação a uma alimentação saudável, como causa dos problemas sociais e nutricionais (VALENTE, 1989).

A segunda é a concepção humanista moderna, destaca-se a corrente da pedagogia nova ou escolanovismo. Nesta considera-se a essência real do educando, e não a essência ideal como na anterior. Cada um deles é visto de forma peculiar, são instáveis, e vistos na situação de vida e interação entre eles. Em relação ao eixo pedagógico, esse migra do intelecto para vivências do educando, do lógico para o psicológico, do esforço para o interesse, da disciplina para a espontaneidade. Assim, a direção do educador é transferida para a iniciativa do educando, contudo esse ainda está subordinado ao conhecimento do educador (SAVIANI, 2008).

Os conteúdos na educação da escola nova passam a ser menos valorizados, priorizam-se os métodos. Nesta concepção, o método de ensino busca enfatizar as atividades, as experiências, a vida e o interesse dos educandos, porém não contribui para a compreensão do conhecimento articulado ao contexto social vivenciado. A maioria dos métodos de ensino

valoriza o trabalho em grupo como requisito para assimilação do conhecimento. Por isso, são chamados métodos ativos (SAVIANI, 2008; LUCKESI, 1994).

A EAN na teoria da escola nova estabelece a necessidade de integrar o educando na sociedade, de maneira a moldá-lo as demandas dessa, assim, busca adaptá-lo para tal. Por isso, na prática pedagógica, observa-se a participação dos alunos nas escolhas dos temas a serem discutidos na sala de aula, porém a solução já está definida pelo educador, restando-lhes a aprender o que já está estabelecido (VALENTE, 1989).

A terceira é a concepção da educação tecnicista. As características desta reportam-se a objetividade, neutralidade e positividade do conhecimento, onde o tema é explicado a partir de sua descrição empírica observável e mensurável, não há a subjetividade (SAVIANI, 2008). A EAN na teoria tecnicista preocupa-se com técnicas e procedimentos para assegurar a transmissão das informações, sendo neutras e objetivas, inspiradas no racional, eficiência e produtividade, onde uma vez aprendendo como fazer, chega-se a formação adequada do aluno (VALENTE, 1989). Os conteúdos de ensino são princípios científicos, estabelecidos por especialistas, sendo considerados apenas aqueles que podem ser reduzidos ao conhecimento mensurado e observado. Os assuntos utilizados para a instrução estão em manuais, livros didáticos, recursos audiovisuais (LUCKESI, 1994).

A quarta concepção é educação libertadora, idealizada por Paulo Freire, a qual se sobressai das demais por integrar o educando, o educador, a temática a ser apreendida e o seu contexto social, na busca da construção do conhecimento multidimensional e interdisciplinar da EAN na escola. Portanto, difere das três primeiras teorias que tendem a contemplar o conhecimento sobre a EAN de forma fragmentada de seu contexto e das relações sociais que se estabelecem nele.

A educação libertadora possui o caráter político, idealizada para a educação de adultos e a educação popular (educação informal, que nasceu no seio de comunidades). Por isso, há dificuldade de praticá-la oficialmente nas instituições, sem que, no entanto, acarrete impedimento para os profissionais adotarem os seus pressupostos em todas as modalidades e níveis do ensino formal (LUCKESI, 1994).

Esse caráter político da educação libertadora preconiza despertar os educandos para as transformações necessárias à esfera política e econômica, já que estabelecem relações de poder desde a produção ao consumo de alimentos, e compreendem os “fatores básicos” (raízes) dos problemas nutricionais existentes na sociedade (PORTILHO; CASTAÑEDA; CASTRO, 2011; BATISTA FILHO; SHIRAIWA, 1989). No tocante a EAN nesta concepção libertadora, ganha espaço pela possibilidade de adentrar nas esferas econômica e do direito

humano a alimentação, as quais devem ser abordadas nas escolas, junto às demais dimensões da alimentação.

A educação libertadora considera durante a prática pedagógica o contexto, as aspirações, anseios e conhecimentos prévios dos educandos, gerando um diálogo e criticidade desses. Por isso, esta teoria é conhecida como problematizadora, capaz de contribuir no desenvolvimento da consciência e motivação para mudanças na realidade e aquisição do conhecimento, de forma a superar a normatização da transmissão do conhecimento, vista na concepção de educação tradicional. Esta última, intitulada de bancária (FREIRE, 2005).

Neste âmbito, a educação libertadora apresenta o método de ensino correspondente a um grupo de discussão, o qual abre caminho para o diálogo entre os educandos e educador. Esse grupo possui a missão de autogerir a aprendizagem, definindo o conteúdo e dinâmica das atividades. Então, o processo educativo parte do interesse real dos alunos pelo tema a ser trabalhado. O papel do educador é de mediador, ao mesmo tempo, possui o poder para junto aos educandos desvelar os determinantes da temática vivenciada, para alcançar as possíveis soluções em conjunto (FREIRE, 2005; LUCKESI, 1994). Ao abordar os determinantes da temática educativa, é possível gerar um conhecimento multidimensional. Devido as suas características, a educação libertadora é considerada a mais apropriada à realização da EAN.

A problematização do ato educativo na EAN é sugerida por autores que se aproximaram da temática da EAN libertadora, por proporcionar ao aluno, bem como ao educador, uma compreensão contextualizada dos problemas alimentares, nutricionais e de saúde existentes na sociedade (RODRIGUES; BOOG, 2006; SAWAYA, 2006; CAMOSSA et al., 2005; MANÇO; COSTA, 2004).

A transposição das concepções educacionais para caracterizar a EAN em teorias educacionais é necessária para fornecer subsídios para conhecer como pode ser fundamentada e executada nas práticas escolares. Assim, surge a atuação dos profissionais que trabalham diretamente com a temática da alimentação no ambiente escolar, particularmente, os educadores e nutricionistas.

1.4 A atuação dos educadores e nutricionistas e a interdisciplinaridade na escola

Os educadores e nutricionistas são considerados atores importantes no processo de implementação da EAN, uma vez que, apresentam a função de mentores na condução da prática pedagógica e coordenação do PNAE, respectivamente.

Esses profissionais enquanto seres humanos estão inseridos na sociedade, e não podem dissociar-se dela. O ser humano enquanto sujeito carrega consigo componentes biológico, psíquico, social, cultural, afetivo e racional. A sociedade, por sua vez, também carrega componentes econômico, histórico, sociológico, religioso, entre outros. Tanto o ser humano quanto a sociedade não devem ser estudados considerando apenas um componente, deve-se ter em mente o “todo”, considerando todos os aspectos imbricados na relação do ser humano e sociedade (MORIN, 2005).

Dessa forma, o conhecimento destes profissionais, sobre a EAN na escola, é uma interpretação e reconstrução da linguagem e do pensamento, apreendidos do mundo externo durante o curso da vida, e se expressa sob a forma de palavra (MORIN, 2005). Logo, é preciso situá-los no contexto social, e buscar a interdisciplinaridade para a atuação em EAN.

A construção dessa interdisciplinaridade envolve primeiramente a superação do conhecimento fragmentado em torno da EAN, de forma a entender as dimensões da alimentação e sua finalidade. Segundo Thiesen (2008) existe um consenso quanto ao significado e intenção da interdisciplinaridade, sendo de reafirmar à necessidade de superação da visão fragmentada na construção e socialização do conhecimento.

A interdisciplinaridade está voltada a unir as abordagens disciplinares dos objetos de estudo (THIESEN, 2008). Então, pensar na EAN remete a possibilidade de superar a fragmentação dos conhecimentos produzidos em torno da alimentação e, concomitantemente, resistir ao saber compartimentalizado que pode existir na escola.

A interdisciplinaridade para a EAN exige a integração de educadores e nutricionistas num trabalho conjunto, a interação das disciplinas do currículo escolar entre si para trabalhar o tema da alimentação com base na realidade cotidiana. Isso para superar a compartimentalização do conhecimento, de modo a formar integralmente os educandos (LUCK, 2000). Dessa forma, a escola, um ambiente de construção de conhecimentos, necessita acompanhar o novo olhar interdisciplinar, de modo a enfrentar as mudanças que acontecem em todos os segmentos da sociedade (THIESEN, 2008).

O desenvolvimento de experiências interdisciplinares, ainda é incipiente na escola, de modo que as ações técnicas isoladas ainda são predominantes. Embora haja um esforço institucional na direção da interdisciplinaridade (BOOG, 2008; THIESEN, 2008), como por exemplo, na execução de programas de alimentação escolar, a transversalidade dos temas no currículo escolar, dentre outros programas e projetos.

Apesar da interdisciplinaridade está sendo debatida em formações dirigidas a equipe gestora (diretor, coordenador pedagógico e secretário) e nas escolas, principalmente na organização do projeto político-pedagógico, os desafios ainda são enormes para superar a fragmentação das disciplinas, reconstruir e socializar o conhecimento que orienta a prática. Os motivos para tal situação se deve a uma série de questões, como: a forma de estruturação dos currículos escolares, que tende a fragmentar os conteúdos das disciplinas e, conseqüentemente, há resistência por parte dos educadores em integrar sua disciplina aos temas transversais; a estrutura organizacional dos recursos humanos do sistema público; e as demandas de alguns setores da sociedade que clamam por um saber compartimentalizado, em outras palavras, especializado (THIESEN, 2008).

E ainda, salienta-se a formação acadêmica do profissional, a qual apresenta um modelo curricular fragmentado, que se distancia dos proclames da interdisciplinaridade. Por exemplo, o nutricionista possui sua formação enraizada num tradicional modelo tecnicista biomédico de intervenção, que objetiva apenas a mudança de comportamento das pessoas, por meio da transmissão de normas e regras e que foca a doença em detrimento do “processo saúde-doença-cuidado e seus fatores determinantes” em torno da vida individual e da sociedade (COSTA; RIBEIRO V.; RIBEIRO E. 2001; SANTOS, 2005).

Portanto, na atualidade a EAN passa a ser um desafio à prática profissional do nutricionista. Para que essa se insira na escola, a fim de exercer um trabalho educativo interdisciplinar, faz-se necessário que se estabeleça uma relação de diálogo entre o saber popular e o saber técnico apreendido na graduação, de forma a superar o tradicional modelo tecnicista de intervenção (COSTA; RIBEIRO V.; RIBEIRO E., 2001).

Dessa maneira, o nutricionista pode contribuir no fortalecimento e disseminação das ações e ideias sobre a EAN na escola, uma vez que são os responsáveis técnicos pelo Programa de Alimentação Escolar (PNAE). Para reforçar sua atuação na escola, a Resolução 465/2010, dispõe sobre as atribuições dos nutricionistas na escola, e expõe a responsabilidade deste em propor e realizar ações de EAN para a comunidade escolar (BRASIL, 2010b).

Essas ações devem ter caráter interdisciplinar do saber e da prática, por meio da articulação do nutricionista aos gestores e coordenadores pedagógicos, para inserir no planejamento das atividades as dimensões da alimentação integradas às disciplinas do currículo e ao contexto, com destaque para a inclusão dos aspectos ecológicos e ambientais da alimentação (BRASIL, 2010b; FRANCO; BOOG, 2007; COSTA; RIBEIRO V.; RIBEIRO E., 2001).

Com relação ao professor, esse necessita ir além da compreensão densa de sua área de formação, observando que essa não é suficiente para dar conta de todo o ensino, e deve se transformar num profissional com visão integrada da realidade, a partir da aquisição dos conceitos que associam sua área de formação às outras ciências (THIESEN, 2008). Logo, o educador deve possuir o conhecimento multidimensional da alimentação para prática da EAN, tendo uma postura consciente de sua atuação para auxiliar a formação dos hábitos alimentares saudáveis dos alunos (DAVANÇO; TADDEI; GAGLIANONE, 2004).

O educador se revela como principal disseminador de conhecimentos e realizador de ações em EAN capazes de despertar o interesse e a participação da comunidade escolar, por apresentar similaridade comunicativa, possuir maior contato com os educandos, fazendo parte do cotidiano dos mesmos (BERNARDON et al., 2009; BIZZO; LEDER, 2005). Por isso, esse profissional apresenta função importante na configuração e instituição da EAN. Segundo Gadotti (2000), os educadores são agentes “transformadores da informação em conhecimento”. Eles podem proporcionar o desenvolvimento da consciência crítica, de modo a conduzir a formação do educando sobre práticas alimentares, com possibilidades de subsidiá-los para escolhas alimentares saudáveis e autonomia para a qualidade de vida, com vistas à promoção da saúde e da SAN.

Os professores de Ciências contribuem na identificação das relações entre alimentação, conteúdos curriculares e realidade local, como também no domínio de estratégias facilitadoras para a formação em EAN (CANINÉ; RIBEIRO, 2007). Para ser educador em EAN não basta transmitir informações corretas de forma didática, porque ser educador implica em apreender a maneira como o educando vivencia o problema alimentar, não apenas em relação ao consumo de alimentos, mas a todas as questões de natureza subjetiva e social da vida cotidiana (BOOG, 2008). Enfim, a promoção da EAN demanda o reconhecimento do conhecimento multidimensional da alimentação, com a abordagem da realidade social e alimentar das pessoas, e a confrontação de práticas educativas em EAN.

Diante desta configuração, reafirma-se a escola como um ambiente de vida para a prática da EAN, de modo a proporcionar ao aluno a cidadania e a autonomia quanto à alimentação. Assim, a escola deve ser uma instituição interdisciplinar. Essa será constituída a partir do momento em que seus profissionais sejam capazes de partilhar o saber, ceder à linguagem técnica e fragmentada, aventurar-se na conexão dos conhecimentos e adotá-la no cotidiano (THIESEN, 2008).

Além da interdisciplinaridade a ser desenvolvida na escola, outros requisitos são necessários para enraizar e fortalecer a EAN neste ambiente, tais como a formação diferenciada do nutricionista (BIZZO; LEDER, 2005). E ainda, é necessária a compreensão, por parte dos profissionais, dos diferentes aspectos teóricos educacionais e o reconhecimento da importância da EAN na escola, considerando-a nas várias dimensões que compõe a alimentação das pessoas na sociedade, incluindo a totalidade de determinações e relações que se estabelecem em torno das questões alimentares, com vistas a superar a fragmentação do conhecimento para que haja transformações sociais, fortalecimento da cidadania, promoção da saúde e da SAN.

2 CAMINHO METODOLÓGICO

2.1 Delineamento da Pesquisa

Este estudo utilizou abordagem qualitativa. Essa abordagem foi escolhida devido a sua capacidade de moldar-se ao objeto deste estudo, a “Educação Alimentar e Nutricional (EAN) na escola”, de forma a desvelar o universo de conhecimentos e práticas percebidas por educadores e nutricionistas no ambiente escolar. Também oferece a possibilidade de conhecer os significados, crenças, valores, atitudes sobre o objeto inserido no contexto do sistema educacional e, dessa forma, buscar a descrição e compreensão do objeto de forma subjetiva (MINAYO, 2008).

Dentro desta abordagem qualitativa, este estudo é do tipo descritivo e exploratório. O estudo do tipo descrito pretende desvelar os fatos e fenômenos da realidade, estabelecendo relações entre si. O estudo exploratório, por sua vez, busca investigar um objeto pouco conhecido, identificar e descobrir aspectos importantes do mesmo, com possíveis surgimentos de novos problemas de pesquisa (SANTOS, 2009; TRIVIÑOS, 1987). A escolha destes tipos de estudo deve-se aos objetivos traçados para a pesquisa, que consiste em analisar os conhecimentos e as práticas de educadores e nutricionistas sobre a EAN na escola.

2.2 Cenário do Estudo

O estudo foi realizado na Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco (SEE/PE), localizada na cidade de Recife-PE, e numa escola pública estadual. A escola escolhida foi a Escola Severino de Andrade Guerra (ESAG) que está sob a jurisdição da Gerência Regional de Educação (GRE) Vale do Capibaribe, situada no município de Limoeiro. Essa constitui a única escola estadual do município de Machados, situado na mesorregião Agreste e na Microrregião Médio Capibaribe do Estado de Pernambuco.

O município de Machados possui um total de 13.596 habitantes, sendo 62,1% da população residente na zona urbana e 37,9% na zona rural (IBGE, 2010b). A escolha desta escola justifica-se por apresentar o Programa de Alimentação Escolar funcionando regularmente, no sentido de seguir os cardápios que são planejados e orientados pelo nutricionista, e também por ter uma gestão e educadores que apresentaram receptividade ao estudo.

Além disso, soma-se a escolha da escola, o fato da mesma localizar-se numa região que apresenta a produção e comercialização de alimentos como base econômica e de sobrevivência para a maior parte da população economicamente ativa, tais como lavoura permanente, plantação de banana, limão, mamão, coco e maracujá, e como lavoura temporária, abacaxi, mandioca, cana-de-açúcar e milho, caracterizando uma região de destaque nas dimensões da SAN, desde o plantio, disponibilidade e acesso a alimentos (IBGE, 2010b). O município é conhecido tradicionalmente como “Terra da Banana”.

A Escola Severino de Andrade Guerra (ESAG) possui 1.041 alunos, considerada de grande porte, de acordo com a classificação de Tassitano et al. (2009). A escola oferece as seguintes modalidades de ensino segundo número de alunos e professores: o Ensino Fundamental II (426 alunos e 23 professores), Normal Médio (antigo Magistério) e Ensino Médio (615 alunos e 32 professores) (IBGE, 2010b).

O estado de Pernambuco possui 8.796.448 habitantes (IBGE, 2010c), 1.104 escolas estaduais que atendem aproximadamente 876.661 alunos matriculados em Creche, Pré-escola, Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA) (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO, 2009). Existem 17 Gerências Regionais de Educação (GRE) no estado de Pernambuco, cada qual é responsável por um conjunto de escolas localizadas nos diferentes municípios do estado (APÊNDICE A).

A Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco (SEE/PE) possui um dos maiores contingentes da força de trabalho do estado, com aproximadamente 45.000 vínculos, sendo 35.725 efetivos, 9.861 contratados temporariamente. Mesmo com um número expressivo de servidores efetivos, o quadro de pessoal desta secretaria ainda não se revela suficiente para atender a demanda apresentada, levando a constantes contratações de pessoal temporário. A SEE/PE apresenta 29.549 professores atuantes em sala de aula (PERNAMBUCO, 2008).

O quadro de pessoal da SEE/PE incide também no pequeno número de profissionais nutricionistas responsáveis técnicos pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) do estado. Atualmente, cada uma das GREs possui um ou dois nutricionistas, totalizando vinte e dois profissionais que se somam as sete nutricionistas atuantes na sede da SEE/PE. Dentre esses profissionais, apenas cinco possuem vínculo estatutário, sendo o restante desses contratados.

2.3 Participantes do Estudo

O estudo teve três grupos de participantes: o primeiro, educadores atuantes na Gerência de Políticas Educacionais (GPE) do Ensino Fundamental II da SEE/PE, que exercem a função de técnicos de ensino, responsáveis pelo planejamento do currículo escolar do ensino fundamental II das escolas; o segundo, professores que lecionam em turmas de Ensino Fundamental II da Escola Severino de Andrade Guerra (ESAG); e o terceiro, nutricionistas responsáveis técnicos pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) das escolas públicas estaduais do estado, atuantes nas GREs.

Os critérios de inclusão dos participantes corresponderam a educadores técnicos de ensino da GPE do Ensino Fundamental II da SEE/PE com uma trajetória no sistema educacional, desde a prática-pedagógica em sala de aula até a gestão do planejamento do currículo escolar. Em relação aos professores da ESAG, esses deveriam lecionar em turmas do 6º ao 9º ano em diversas disciplinas, serem de diferentes licenciaturas e terem o mínimo de cinco anos de experiência em sala de aula de escola pública estadual de Pernambuco. Os nutricionistas seriam aqueles que atuassem nas GREs e conseqüentemente, nas escolas.

Os participantes foram selecionados por meio da amostragem intencional, seguindo o critério de saturação. A amostragem intencional busca selecionar os sujeitos aptos a responder as questões do estudo, de modo a interagir com o objeto e objetivos do mesmo. O dimensionamento dos sujeitos seguiu o critério de saturação amostral. Este critério abrange o surgimento da redundância de informações coletadas, ou seja, a repetição das informações pelos participantes. Então, à medida que se realizava a coleta, eram observadas as informações que surgiam e quando essas passavam a se repetir e a responder as questões do estudo, chegava-se a saturação da amostra, assim, cessava-se a coleta (MINAYO, 2008; MINAYO, 2009). Todos os participantes puderam interagir com o objeto do estudo de maneira ampla no tocante a responder as perguntas que lhes eram colocadas.

Dessa forma, participaram 7 educadores técnicos de ensino da GPE do Ensino Fundamental II da SEE/PE, responsáveis pelo Planejamento do Currículo do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) da rede de escolas estaduais; 8 professores da ESAG que lecionavam turmas do 6º ao 9º ano em diversas disciplinas, apresentavam diferentes licenciaturas e o mínimo de cinco anos de experiência em sala de aula de escola pública estadual; e 13 nutricionistas atuantes nas GREs, esses também atuam diretamente nas escolas, por meio de visitas técnicas, pois são os responsáveis técnicos do PNAE nas respectivas escolas de cada GRE.

Não participaram do estudo, um professor de matemática da ESAG, visto que este apresentava formação em Administração, um outro professor de educação física que ainda cursava a graduação de Educação Física, um educador técnico de ensino que havia sido removido do setor, um dia anterior a realização da entrevista. Com relação aos nutricionistas da GRE Metropolitana Norte, foi excluída a pesquisadora responsável pelo estudo, bem como os nutricionistas da Sede da SEE, pois esses não atuam diretamente nas escolas.

2.4 Coleta das informações

A coleta das informações foi realizada no período de maio de 2011 a julho de 2011, procedida por meio de entrevista semiestruturada individual aos educadores e nutricionistas, utilizando um roteiro específico contendo perguntas fechadas e abertas, o qual abordou inicialmente as características demográficas, de formação acadêmica e profissional dos participantes, e a seguir as perguntas norteadoras, as quais permitiram emergir os conhecimentos teóricos e práticas sobre a educação alimentar e nutricional na escola (APÊNDICE B).

As perguntas norteadoras da entrevista foram iguais para todos os participantes, a saber: *De acordo com seus conhecimentos, o que você sabe sobre a Educação Alimentar e Nutricional (EAN) na escola? Como você percebe as ações e atividades de Educação Alimentar e Nutricional (EAN) na escola?*

A entrevista semiestruturada oferece possibilidades para que o participante alcance a liberdade e a espontaneidade para enriquecimento da investigação por meio da presença consciente e atuante do pesquisador, permitindo ao entrevistado discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada, favorecendo, assim, a descrição, explicação e compreensão do objeto do estudo em sua totalidade (TRIVIÑOS, 1987; MINAYO, 2008). Dentre as vantagens observadas nesta técnica pode ser citada a padronização do instrumento, que reduz o risco de interpretação equivocada por parte do pesquisador, evitando grandes variações no entendimento das perguntas, já que as questões são as mesmas para os participantes (ALMEIDA, 2005).

Para verificar a adequação do instrumento proposto, foi realizado um pré-teste dos roteiros por meio da aplicação de seis entrevistas, sendo duas para educadores, duas para professores e duas para nutricionistas. Essas entrevistas não fizeram parte da amostra, uma vez que a partir de sua análise, o instrumento foi discutido e reformulado pelos pesquisadores.

As entrevistas foram agendadas em local decidido com os participantes, tais como, na biblioteca e em sala privativa da SEE/PE, onde aconteceu as entrevistas com as nutricionistas e educadores, no auditório da ESAG, com os professores. Esses locais eram silenciosos, seguros, e havia adequada estrutura física (cadeiras e mesa).

A coleta de informações foi realizada pela pesquisadora responsável e correspondeu a momentos de interação verbal entre o participante e a entrevistadora, onde outros questionamentos foram realizados para aprofundar os depoimentos dos entrevistados, mas sempre a partir do contexto da fala (MINAYO, 2008).

Por meio desses procedimentos, foram coletadas as informações necessárias para análise pretendida. A coleta das informações com os nutricionistas aconteceu na SEE/PE porque esses residiam nas várias regiões do estado de Pernambuco. Isso pode ser uma limitação do estudo, pois não houve contato da pesquisadora com o contexto de trabalho vivenciado por todos os nutricionistas. Contudo, esse fato pode ser minimizado em virtude de encontros mensais que aconteciam na SEE, nos quais houve participação da pesquisadora. Esses encontros foram reuniões dos nutricionistas junto à coordenação da Gerência de Merenda Escolar, tanto para socializar os trabalhos realizados em cada GRE, quanto para o recebimento de orientações sobre o PNAE.

A coleta das informações realizada na escola foi seguida da observação da dinâmica do ambiente da escola, a chegada dos professores, a disposição às salas de aula. Houve oportunidade de observar a chegada dos alimentos para a merenda escola, sua distribuição e consumo pelos alunos. A merenda da escola possui boa aceitação pelos alunos. Contudo, observou-se no intervalo das aulas a comercialização de alimentos ricos em gorduras e açúcares, tanto na porta da escola, quanto no interior da mesma, facilitando o acesso de alguns alunos, os quais consumiam esses alimentos.

A coleta dos educadores técnicos de ensino procedeu-se acompanhada da observação do ambiente de trabalho desses profissionais, quando a pesquisadora aguardava a disponibilidade do educador para iniciar a entrevista, o que contribuiu para conhecer um pouco a dinâmica da função técnica de ensino.

No decorrer do estudo, no contato com os educadores técnicos de ensino, professores e nutricionistas, antes e durante a realização das entrevistas, foi estabelecido um clima agradável, de boa receptividade, eles se sentiram seguros para relatar, espontaneamente, sobre o assunto das perguntas norteadoras. Essa disponibilidade por parte dos participantes foi um fator considerado favorável no desenvolvimento do estudo, principalmente, porque possibilitou gerar um clima de confiança.

No total foram realizadas 28 entrevistas, onde cada grupo de participantes alcançou a saturação da amostra, assim, foram 7 educadores técnicos de ensino, 8 professores e 13 nutricionistas. O tempo médio de duração das entrevistas entre os educadores técnicos de ensino foi de 22 minutos; entre professores da ESAG foi de 10 minutos; e entre os nutricionistas foi de 16 minutos.

As entrevistas foram gravadas em gravador digital e MP4, e logo em seguida foram transcritas na íntegra e digitadas no *software* Microsoft Office Word 2007, por dois alunos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e pela pesquisadora responsável.

2.5 Análise das informações

A análise deste estudo foi baseada nos pressupostos da Análise do Conteúdo Temática, proposta por Bardin. Essa “procura conhecer aquilo que está por trás das palavras” a partir das significações (conteúdos) das falas (BARDIN, 2009, p. 45).

A Análise do Conteúdo Temática seguiu as seguintes fases (BARDIN, 2009):

1ª Pré-análise: para cada pergunta norteadora da entrevista respondida pelo participante foi realizada uma “leitura flutuante” das informações coletadas (análise e conhecimento do texto, retomada do objetivo e dos pressupostos como: *os conhecimentos dos educadores e dos nutricionistas sobre EAN apresentam maior enfoque voltado à promoção da saúde, em detrimento do fortalecimento do escolar quanto a SAN; a EAN está associada ao Programa de Alimentação Escolar focada no oferecimento de refeições; os Parâmetros Curriculares Nacionais não facilitam a orientação para a prática da EAN na escola; os educadores tende a admitir não conhecer a EAN, assim foge a responsabilidade do educador, sendo essa do nutricionista; as ações e atividades de EAN são pontuais nas escolas, não sendo referida a educação problematizadora para sua prática*).

Em seguida foi formada a “constituição do corpus” para cada pergunta norteadora, que significou uma organização das informações coletadas quanto à verificação das normas de validade qualitativa, como a *exaustividade*, sendo considerados todos os aspectos levantados em cada pergunta norteadora da entrevista; a *representatividade*, onde se garantiu participação de cada grupo estudado (educadores técnicos de ensino, professores e nutricionistas); a *homogeneidade*, tendo assegurado a mesma técnica de coleta; a *pertinência*, onde o material de cada entrevista foi considerado adequado em responder os objetivos do estudo. Após a constituição do corpus, foi determinada a definição das Unidades de Registro

ou Núcleos de Sentido (palavras-chaves ou frase que respondiam a pergunta condutora), e as Unidades de Contexto (parágrafo da entrevista onde estava localizado o núcleo de sentido, sendo delimitada a compreensão do mesmo).

2ª Exploração do material: nesta fase foi procedida à codificação para se alcançar as categorias temáticas. A primeira codificação realizou-se por meio dos Núcleos de Sentido contidos nas Unidades de Contexto, agrupando-os por semelhança de significados. Essa codificação resultou em frases, temas e acontecimentos. Na segunda codificação, foi feita uma confrontação da codificação anterior com os Núcleos de Sentido e as Unidades de Contexto, havendo um novo agrupamento, sendo estabelecidas as subcategorias. A partir de todas as subcategorias formadas em cada entrevista foi possível identificar a importância de cada uma, observando a semelhança semântica dessas, sendo classificadas e agregadas, definindo-se as categorias temáticas.

3ª Interpretação dos depoimentos: por fim, foi realizada a distribuição das categorias temáticas encontradas, interpretação e discussão das mesmas a luz dos construtos do referencial teórico.

As análises foram feitas no formato de grelhas, utilizando o *software* Microsoft Office Word 2007. Um exemplo das grelhas está no APÊNDICE C.

2.6 Aspectos Éticos

O presente estudo foi previamente apresentado e autorizado pela chefia da Gerência de Merenda Escolar e Livro Didático da Secretaria Estadual de Educação. Após esta etapa o projeto foi submetido em 23/12/2010 à análise do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos, do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal de Pernambuco (CEP/CCS/UFPE), de acordo com a resolução N.º 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovado em 03/02/2011, sob n.º 485/10 (ANEXO A). O pré-teste foi realizado somente após esta aprovação. Os participantes receberam informações detalhadas sobre a finalidade e objetivos do estudo, tendo assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, mediante a garantia do sigilo e do anonimato (APÊNDICE D).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Artigo I

Conhecimentos de educadores e nutricionistas sobre a Educação Alimentar e Nutricional na escola

Knowledge of educators and nutritionists on the Food and Nutrition Education in School

Resumo

O objetivo deste estudo qualitativo foi analisar os conhecimentos de educadores e nutricionistas sobre a Educação Alimentar e Nutricional (EAN). Foi realizado na Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco e em uma escola da região agreste do estado. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com educadores técnicos de ensino (7), professores da escola (8) e nutricionistas (13) das Gerências Regionais de Educação e submetidas à Análise de Conteúdo Temática. Dos resultados emergiram cinco categorias temáticas: A EAN como regra de comer certo; A finalidade da EAN: promover hábitos alimentares saudáveis; A escola: um ambiente fomentador e potencializador da EAN; Atribuições e parcerias dos atores escolares para a EAN; Barreiras do professor e nutricionista para exercer a EAN; A EAN como prática pedagógica centrada na realidade alimentar do aluno. Conclusão: Há uma lacuna no conhecimento dos nutricionistas e educadores em relação à EAN integrada as dimensões da alimentação para promover a Segurança Alimentar e Nutricional.

Palavras-chaves: educação alimentar e nutricional, escola, nutricionista, educador.

Abstract

The aim of this qualitative study was to analyze the knowledge of educators and nutritionists about Food and Nutrition Education (FNE). It was held at the Department of Education of Pernambuco and in one school of the state. The semi-structured interviews were conducted with educators (7), school teachers (8) and nutritionists (13) of the Regional Management of Education and were submitted to qualitative analysis. The results highlighted five themes: FNE as rule of eating right; The purpose of the FNE: promoting healthy eating habits; School: an environment for development and promotion of FNE, Assignments and partnerships of school actors to FNE; Difficulties teacher and nutritionist to exercise FNE; FNE as a pedagogical practice focused on the reality of the student's alimentation. Conclusion: There is a gap in knowledge of nutritionists and educators regarding the integration of FNE on the dimensions of alimentation to promote food and nutrition security.

Keywords: food and nutrition education, school, nutritionist, educator.

Introdução

A educação alimentar e nutricional (EAN) pode ser entendida como uma estratégia para construir, formar e partilhar hábitos e atitudes pessoais e comunitários, em torno da alimentação saudável, com objetivo de garantir a Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) e promover a saúde. Neste contexto, a EAN apresenta o papel de produzir e socializar conhecimentos sobre alimentação saudável que podem auxiliar a decisão de escolha dos alimentos.¹

A alimentação saudável possui várias dimensões, dentre essas se destacam: o direito humano, de modo que a EAN possa propiciar a exigibilidade do alimento perante a compreensão do dever do estado em garanti-lo; a biológica, a EAN trata os aspectos nutricionais e sanitários dos alimentos, em prol do funcionamento adequado do corpo para prevenir doenças; a psicossocial e cultural, abrange os valores e escolhas alimentares, e o ato de se alimentar, incluindo todos os ritos; a ambiental, comporta a produção, disponibilidade e consumo de alimentos de maneira sustentável; a econômica remete ao acesso financeiro aos alimentos, e as relações de trabalho desde o plantio, colheita, armazenamento, transporte e comércio dos alimentos.²

A EAN deve alcançar todas as pessoas, desde a infância a velhice, com o desenvolvimento das ações que perpassam pela educação formal e educação informal.³ Na educação formal, o ambiente escolar se destaca como uma instituição apropriada para o desenvolvimento da EAN. Nele acontecem às práticas pedagógicas, necessárias ao processo de aprendizagem que tem a função de formar cidadãos críticos sobre o mundo, conhecedores dos diversos assuntos ligados à vida e à sociedade, dentre esses a alimentação e nutrição humana, com a finalidade de melhorar a qualidade de vida.

Além disso, existe na escola pública o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), cujo objetivo é oferecer refeições saudáveis aos alunos e promover a EAN com vistas à formação de hábitos alimentares saudáveis e desenvolvimento da cidadania.^{4,5,6} Portanto, o PNAE corresponde a um instrumento de EAN, por meio do oferecimento de refeições saudáveis e articulação da EAN com o currículo escolar.⁵

No sistema educacional, os educadores possuem papel importante na configuração e instituição da EAN, já que os mesmos, conhecem e convivem diariamente com o educando, possuindo uma relação simultânea de troca e construção de conhecimentos. Entretanto, a promoção da EAN na escola exige a compreensão de limites e possibilidades, tais como o conhecimento do educador, sendo este chave da efetividade da formação de ideias nas

escolas.^{7,8} Já, os nutricionistas destacam-se em contribuir no fortalecimento e disseminação da EAN na escola, por meio da interação com a equipe escolar, uma vez que são os responsáveis técnicos pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).^{4,5}

Apesar da EAN está presente nas políticas públicas de promoção à saúde, de educação e de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), ela ainda é pouco implementada.⁹ Para promoção da EAN na escola é preciso trazer a luz uma reflexão sobre a temática com vistas a compreendê-la e assim poder melhorar a atuação dos educadores e nutricionistas.

Diante da importância e responsabilidade que esses profissionais conferem ao sistema educacional em desenvolver ações consistentes em EAN, este estudo, tem o objetivo de analisar os conhecimentos de educadores e nutricionistas sobre a EAN no ambiente escolar.

Caminho Metodológico

O presente estudo é do tipo descritivo e exploratório, conduzido pela abordagem qualitativa. Essa abordagem foi escolhida por oferecer caminhos para desvelar o universo de significados e conhecimentos das pessoas perante o objeto de estudo, situando este no espaço e contexto histórico.^{10,11}

Este estudo foi realizado na Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco (SEE) e na Escola estadual Severino de Andrade Guerra (ESAG), localizada no município de Machados, região do agreste do estado. Esta escola possui 1.041 alunos, considerada de grande porte,¹² distribuídos no Ensino Fundamental II (426 alunos e 23 professores) e Ensino Médio (615 alunos e 32 professores). Esta escola foi escolhida por ter o PNAE funcionando regularmente, ter educadores disponíveis a participar do estudo, e ser situada numa região que possui a produção e comercialização dos alimentos como base econômica, caracterizando uma região de destaque nas dimensões da SAN.¹³

Como critérios para inclusão, foram considerados os educadores com a função de técnicos de ensino da Gerência de Políticas Educacionais (GPE) do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) da SEE, responsáveis pelo planejamento do currículo escolar e com experiência em sala de aula; os professores da escola que lecionavam turmas do Ensino Fundamental II, de diferentes disciplinas, que possuíam diferentes licenciaturas, e no mínimo cinco anos de experiência em sala de aula de escola pública estadual; e os nutricionistas das Gerências Regionais de Educação (GREs), responsáveis pelo PNAE das escolas de cada GRE.

A amostra foi do tipo intencional. Para o seu dimensionamento, utilizou-se o critério de saturação estabelecido à medida que as falas se repetiam até o ponto de não surgir novas

informações.^{11,14} Os participantes foram: 7 educadores técnicos de ensino da GPE da SEE, 13 nutricionistas das GREs e 8 professores da ESAG. O estudo piloto foi realizado com seis participantes, dois de cada grupo. Estes sujeitos não foram incluídos na amostra devido à reformulação do instrumento.

A coleta das informações foi realizada no período de maio a julho de 2011, por meio de entrevista semiestruturada individual,^{11,15} utilizando roteiro contendo perguntas fechadas, referentes às características demográficas, formação acadêmica e profissional, e a questão norteadora: *De acordo com seus conhecimentos, o que você sabe sobre a Educação Alimentar e Nutricional (EAN) na escola?* As entrevistas foram realizadas em locais privativos, sendo todas gravadas em MP4 e transcritas na íntegra logo após a coleta.

Em seguida as informações foram analisadas por meio da Análise do Conteúdo Temática, proposta por Bardin.¹⁶ A análise seguiu as seguintes fases: a fase de pré-análise, realizou-se uma “leitura flutuante” das informações (análise e conhecimento do texto), em seguida formou-se a “constituição do corpus”, uma organização do material coletado quanto à verificação das normas de validade qualitativa (*exaustividade, representatividade, homogeneidade, pertinência*); na segunda fase definiram-se os núcleos de sentido e as unidades de contexto; e a codificação a partir dos núcleos de sentido, agrupados por semelhança de significados em subcategorias, para alcançar as categorias temáticas.

Por fim, foi realizada a interpretação das informações a luz do referencial da EAN como estratégia de promoção à saúde e de segurança alimentar e nutricional, a escola, o Programa Nacional de Alimentação Escolar e os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental; das bases teóricas educacionais para a EAN, e da atuação dos educadores e nutricionistas e interdisciplinaridade na escola.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco, sob nº 485/10, em respeito aos preceitos definidos na Resolução 196/96. Para garantir o anonimato cada participante foi identificado por uma letra (nutricionista, letra N, professores, letra P e educadores técnicos de ensino, letra E) e um número correspondente à ordem da entrevista.

Resultados

Atores do estudo

Os nutricionistas do estudo eram todos do sexo feminino, com idade entre 22 e 52 anos, apresentando dois meses a dois anos de exercício profissional no PNAE do estado. Com relação aos professores, sete eram do sexo feminino, e apenas um era do sexo masculino, com

idade entre 32 e 45 anos, apresentando cinco a dezoito anos de atuação em sala de aula de escola pública estadual, formação acadêmica em letras, matemática, biologia e geografia. Os educadores técnicos de ensino eram do sexo feminino, com idade entre 29 e 54 anos, formação acadêmica em letras, matemática, biologia e educação física.

A análise possibilitou o agrupamento dos conhecimentos dos participantes sobre a EAN na escola em seis categorias temáticas:

Categoria I: A EAN como regra de comer certo

A EAN começa na infância e consiste em conhecer os alimentos bons e ruins para a saúde, escolher e consumir alimentos promotores da nutrição e saúde.

“... é a educação que a gente recebe desde criança, como a forma que a gente deve se alimentar, o que é bom e o que é ruim para nossa saúde... o ser bom são os alimentos que nos fazem bem... fornecem as substâncias necessárias no aspecto nutricional... os ruins são os que prejudicam a nossa saúde, como gordura em excesso... refrigerantes, abusar de doces...” (P. 7)

“... é básica para pessoa... tem que saber se alimentar, tem que ter uma educação alimentar para que ele não cometa erros que prejudiquem seu próprio organismo...” (P. 3)

Categoria II: A finalidade da EAN: promover hábitos alimentares saudáveis

A EAN é vista como uma atividade que busca fornecer o conhecimento sobre a alimentação saudável. Essa alimentação corresponde ao acesso e consumo de alimentos que atendem aos princípios da nutrição, priorizando os alimentos in natura, produzidos sem agrotóxicos e que fazem parte da região. A partir dessa alimentação, pode-se potencializar a disposição, o raciocínio, o trabalho, e prevenir doenças. A EAN gera escolhas alimentares conscientes com intuito de formar hábitos alimentares saudáveis. Esses devem está associados ao exercício físico e ingestão adequada de água.

“... atividade é muito importante, porque contribui para os alunos terem novos conhecimentos de uma alimentação adequada e equilibrada...” (N. 7)

“... alimentação saudável vai ter que obedecer a quatro pontos, quantidade, qualidade, harmonia e adequação... na rotina diária se consegue ter acesso e comer cada grupo de alimento de uma forma completa e variada... que tenha um conteúdo maior de alimentos in natura em detrimento dos industrializados...” (N. 9)

“... ter uma alimentação saudável... é buscar o máximo de produtos que sejam produzidos de uma maneira mais saudável, sem agrotóxicos...” (P. 8)

“... tentar conscientizar para se alimentar melhor, com os próprios hábitos alimentares... de cada região...” (N. 4)

“... a partir do momento que você se alimenta bem, você tem disposição, raciocina melhor, trabalha melhor, vive mais... e se você não se cuidar, vai refletir em... problemas de saúde...” (P. 2)

“... o hábito alimentar saudável, o quê hoje se preconiza dentro da alimentação... junto também com a atividade física...” (E. 4)

“... a gente fala muito da alimentação e esquece muito da água, às vezes a gente nem tem fome, tem fome de sede, de água...” (E. 5)

Na escola o enfoque da EAN está voltado para o processo de reeducação alimentar, que possa contribuir para um presente e futuro com saúde. Entretanto, a propaganda e a vida agitada interferem na escolha e consumo dos alimentos.

“... a educação alimentar e nutricional na escola está mais voltada para... para uma reeducação alimentar das nossas crianças, para futuramente elas não terem uma saúde prejudicada... não só futuramente, mas como ainda na juventude...” (N. 6)

“... a mídia coloca muito forte os alimentos que não são muito nutritivos...” (E. 6)

“... devido à correria exacerbada... hoje não se tem tempo de parar para comer, de ver o quê realmente faz bem para a saúde, o quê não faz...” (E. 7)

Categoria III: A escola: um ambiente fomentador e potencializador da EAN

A escola é considerada um ambiente privilegiado para promover a EAN, onde a atuação do professor e do nutricionista, e a idade escolar são pontos favoráveis para formação de hábitos alimentares saudáveis perduráveis em todo o ciclo vital.

“... Educação alimentar e nutricional na escola é... de suma importância que exista, porque é na escola... que o aluno pode ter a... chance de ter hábitos alimentares saudáveis... com professores... ensinando...” (N. 1)

“... ultimamente as nutricionistas... se preocupam com a boa alimentação dos alunos... com a escolha dos alimentos, a conservação dos alimentos...” (P. 1)

“... deve-se trabalhar na escola, porque é a partir da infância que são formados os hábitos alimentares... que vão percorrer até a vida adulta...” (N. 11)

Ainda existe na escola a merenda escolar, que quando composta de alimentos saudáveis é vista como forma de EAN, capaz de melhorar o aprendizado do aluno.

“... a educação alimentar é uma forma de levar para as crianças, uma alimentação mais saudável...” (N. 2)

“... a alimentação aqui na escola do aluno, a alimentação é saudável... rica em nutrientes...” (P. 6)

“... a gente observa... uma alimentação mais sadia nas escolas... você vê, por exemplo, o inhame, você vê a macaxeira... tipos de alimentos que não são necessariamente esses enlatados, esses embutidos...” (E. 1)

“... é o objetivo... é um rendimento melhor do aluno... é aprender...” (N. 12)

Categoria IV: Atribuições e parcerias dos atores escolares para a EAN

A abordagem da EAN pelo professor é essencial para o aluno compreender a importância de alimentos saudáveis, apesar de acreditar que essa função é do nutricionista, mas que pode haver parceria entre os mesmos e entre os outros atores da escola. Dessa forma, a EAN pode ser inserida de forma transversal nas disciplinas.

“... como professora na área... de biologia, mexe um pouco mais então acho importante à gente alertar os alunos... da alimentação (ênfase)...” (P. 4)

“... acho que essa atribuição é realmente de um nutricionista, mas a gente pode cooperar, contribuir para que isso realmente aconteça...” (E. 2)

“... tem que ser uma parceria, o professor, a merendeira, a gestão, a equipe nutricional que prepara o cardápio, enfim, com um objetivo, que é a nutrição da criança...” (E. 3)

“... A questão da transversalidade seria... o próprio professor tentar abordar na sua disciplina... conteúdo de alimentação saudável...” (N. 13)

Categoria V: Barreiras do professor e nutricionista para exercer a EAN

Um dos professores da escola desconhece a EAN.

“... Na verdade, sei de nada não...” (P. 5)

Para o nutricionista a EAN possui a parte teórica vista na faculdade, e a prática apreendida na experiência profissional.

“... Eu sei mais a parte teórica... e agora... que eu estou trabalhando, que teria mais a parte prática, mas sabia muito pouco, tinha muita pouca parte prática...” (N. 6)

“... a gente vê na faculdade... um pouco dos grupos alimentares, do prato equilibrado, como é que você deve montar o prato equilibrado... abordando... os quatro grupos de alimentos... onde tivesse verduras cruas, verduras cozidas, uma porção de proteína, a leguminosa, a massa, o carboidrato, frutas e verduras... e não esquecer a água para hidratação. Eu vejo a educação nutricional assim...” (N.5)

Categoria VI: A EAN como prática pedagógica centrada na realidade alimentar do aluno

A EAN envolve um processo educativo, com intuito de formar e melhorar os hábitos alimentares. O processo da EAN não pode limitar-se ao conteúdo, é preciso ter habilidade em dialogar o conhecimento junto ao aluno partindo do seu contexto alimentar de acesso aos alimentos, tornando a aprendizagem mais fácil. Portanto, a EAN não é válida quando se apresenta na forma da educação tradicional.

“... é um processo educativo pedagógico... para formação de hábitos alimentares...” (N. 13)

“... muitas vezes eles (alunos) deixam de se alimentar com alimentos mais saudáveis... por não ter a informação, o conhecimento...” (N. 3)

“... sei o conteúdo, sei a importância, mas saber passar para eles, para eles entenderem o que eu quero passar, aí tem que ter um jeitinho para fazer isso através de desenhos, dinâmicas e conversas, depoimentos deles próprios... porque eles aprendem mais facilmente...” (N. 8)

“... a gente tem que ter todo um jogo de cintura, porque quando não se tem acesso adequado aos alimentos, a gente tem que fazer algumas peripécias, e na nutrição encontrar caminhos para adequar essa alimentação de acordo com a realidade de cada grupo...” (N. 10)

“... Será que educação é só chegar falar, falar, falar, falar? Eu acho que depositar na cabeça do aluno, aquela educação bancária que Paulo Freire fala... O que é alimentação saudável? O que é importante para eu comer? E não levar em consideração o quê que o aluno diz, e os hábitos alimentares dele, o dinheiro que ele tem para comprar aqueles alimentos, a realidade dele, acho que não é muito válido não...” (N. 1)

Discussão

A EAN é concebida como estratégia para construir conhecimentos com base no respeito à cultura e valorização da alimentação, para proporcionar mudanças cognitivas e comportamentais que promovam a garantia de acesso e consumo a uma alimentação

saudável.³ Por sua vez, a escola possui o papel de formar cidadãos críticos sobre o mundo e as pessoas, conhecedores dos diversos assuntos ligados à vida e a sociedade. Assim, sendo um ambiente capaz de desenvolver estratégias de promoção da saúde, como a EAN.^{17,18}

As falas deste estudo mostram que alguns professores percebem a EAN como um saber identificar, escolher e comer alimentos promotores de saúde em detrimento dos causadores de doenças. Essa concepção restringe a EAN apenas na dimensão biológica do alimento, desconsiderando as questões socioeconômicas, culturais e de prazer associadas ao alimento.

Portanto, observa-se uma lacuna no conhecimento em relação ao tema, visto que a EAN apresenta enfoques para além da prevenção de doenças e promoção da saúde. Boog³ refere à necessidade da EAN para o reconhecimento do direito humano ao acesso a alimentação saudável, bem como para a sustentabilidade ambiental, no sentido de incentivar a adoção da produção de alimentos sustentáveis, que preconiza, por exemplo, a produção livre de agrotóxicos.

A EAN tem sido utilizada como estratégia com a finalidade de ajudar as pessoas a formar hábitos alimentares e de vida saudáveis.¹⁹ Nesta direção, os participantes deste estudo a compreende como uma atividade educativa para conhecer e praticar uma alimentação saudável. A alimentação saudável, na visão desses profissionais, se baseia na escolha e consumo dos alimentos regionais, produzidos livres de agrotóxicos, e que atendem aos princípios nutricionais da qualidade, quantidade, harmonia e adequação. A partir do conhecimento e prática dessa alimentação se alcança a formação de hábitos alimentares saudáveis responsáveis por promover a saúde e prevenir doenças.

Essas concepções consideram apenas os aspectos nutricionais, socioeconômicos, ambientais, e culturais da alimentação, exclui a dimensão psicossocial/afetiva, composta dos valores, escolhas e relações que permeiam o ato da alimentação.² A ingestão adequada de água e o exercício físico são aliados da EAN, à medida que colabora, respectivamente, para a identificação da real necessidade de comer e da melhoria da qualidade de vida.

Como a EAN é vista como meio para conhecer e praticar uma alimentação saudável é necessário buscar um conceito abrangente para a mesma. Alguns princípios da alimentação saudável são colocados no Guia Alimentar Brasileiro, sendo assim, adequada em quantidade e qualidade, atrativa, variada, disponível para acesso tanto físico quanto econômico, que possui alimentos de elevado valor nutritivo, com preferência para os alimentos *in natura*, enraizados nos hábitos alimentares regionais, produzidos e inseridos na localidade, que atenda aos aspectos higiênico-sanitários desde o plantio, e aos aspectos afetivos do ser humano.²⁰

Atualmente o estilo de vida de muitas pessoas não permite a prática da alimentação saudável, segundo um educador, seja pela escassez de tempo para um momento tranquilo no ato de alimentar-se, ou seja pela dificuldade em reconhecê-la diante de diversos tipos de alimentos. Isso se deve ao processo de industrialização de alimentos que se aprimorou na pós-modernidade, o qual tornou o alimento cada vez mais persuasivo por meio de propagandas, acesso, disponibilidade, além de saborosos e práticos para o consumo.

Fala-se na era da alimentação globalizada, na qual as fronteiras antes existentes entre as localidades e o global estão cada vez mais dissolvidas. Assim, a alimentação é marcada por complexas relações políticas e econômicas.²¹ No Brasil, este cenário é decorrente da economia de mercado e interesses econômicos, potencializados pelo neoliberalismo, que prevalece sobre os interesses sociais. O Estado necessita resgatar seu papel como mediador das relações entre mercado e sociedade e assumir o apoio, proteção e promoção da saúde.^{22,23}

Nesse contexto, os atores do estudo reafirmam ser a escola como um ambiente estruturador do desenvolvimento e da aprendizagem para a EAN. A escola carrega parte da responsabilidade em formar os conhecimentos e comportamentos em torno desta temática, pois apresenta todas as dimensões do aprendizado, sejam as do ensino, sejam as das relações entre a família e a comunidade.²⁴ Neste sentido, a escola possui um cenário apropriado para o desenvolvimento da EAN também por ter alunos em faixa etária favorável à implementação desta estratégia.

A EAN, segundo os participantes deste estudo, começou a se consolidar recentemente neste ambiente, por conta da existência da merenda escolar e do nutricionista inserido como responsável técnico do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), o qual se preocupa em proporcionar uma merenda escolar saudável. Este programa fixa o direito à alimentação escolar saudável para todos os alunos, e a partir dessa contribui para a formação dos hábitos alimentares saudáveis.⁴ Os participantes relatam esta função do programa, ao proferir que, atualmente, a merenda escolar está mais saudável, contendo alimentos in natura e variados, sendo assim uma forma de EAN.

Esse relato aparece para reafirmar que a EAN na escola está focada nas questões nutricionais. A EAN com esse enfoque tem sido abordada em algumas pesquisas de intervenção em escolas, onde se constata nos alunos, em curto prazo, mudanças alimentares, como o aumento do consumo de frutas, verduras, redução de fastfood e refrigerantes. Contudo, não se sabe se as mudanças observadas são mantidas em longo prazo e até onde poderão contribuir para melhorar a saúde.^{18,25,26,27}

A presença do professor é essencial na escola, visto que se revela como principal disseminador de conhecimentos e realizador de ações capazes de despertar o interesse e a participação dos alunos, por apresentar similaridade comunicativa, possuir maior contato e fazer parte do cotidiano dos mesmos.^{24,28,29} Esse necessita ir além da compreensão densa de sua área de formação e deve se transformar num profissional com visão integrada da realidade, a partir da aquisição dos conceitos que associam sua área de formação as outras ciências.³⁰

Por isso, o nutricionista compreende que o professor pode trabalhar a EAN na escola de forma transversal nas disciplinas. A transversalidade está colocada nos Parâmetros Curriculares Nacionais como norte para inserção de temas, como alimentação e nutrição no planejamento das várias disciplinas.³¹ Mas essa orientação não é suficiente para a abordagem interdisciplinar da EAN. O professor necessita ter conhecimento sobre a temática e que seja formado para tal.³²

Neste estudo, um professor de língua portuguesa refere carência de conhecimento em relação à EAN, sendo uma barreira para exercê-la. Isso talvez pelo fato de sua formação não abarcar o assunto ou limitar-se apenas as questões imediatas e técnicas da disciplina. Ao mesmo tempo, o professor de biologia destaca a EAN como essencial a ser tratada com os alunos.

Os professores de ciências podem contribuir na identificação de conteúdos curriculares de alimentação e proceder à articulação desses com a realidade dos alunos na sala de aula.³³ Mas, todos os educadores devem possuir o conhecimento na área, uma postura consciente de sua atuação na formação dos hábitos alimentares dos alunos.³⁴

Os nutricionistas e educadores consideram que podem ser parceiros para a EAN, ou seja, desenvolver um trabalho interdisciplinar na escola. Apesar desta atribuição ser considerada, pelo educador, do nutricionista por conta da formação em nutrição. Yokota et al.³⁵ descrevem que o nutricionista é um mediador entre o saber educacional e o saber da alimentação, tendo uma função determinante na implantação da EAN na escola.

A formação acadêmica em nutrição, expressa pelo nutricionista no estudo, parece ser insuficiente para trabalhar a EAN na escola, em relação a adquirir o conhecimento da prática durante o exercício profissional, apesar de ter o arcabouço teórico. Este último surge nas falas de algumas nutricionistas como conteúdos referentes ao prato equilibrado, focados na alimentação saudável restrita ao aspecto nutricional. Este conhecimento teórico pode decorrer da formação no tradicional modelo tecnicista biomédico de intervenção, que enfoca a doença

em detrimento da saúde e seu contexto. Assim, a EAN pode ter a finalidade de transmitir normas para mudar hábitos alimentares.^{1,5}

A formação dentro do modelo biomédico representa uma barreira ao exercício da EAN pelo nutricionista, pois esse deve seguir a Resolução 465/2010. Esta regulamentação expõe as atribuições do nutricionista, para a EAN voltada à comunidade escolar, articuladas aos gestores e coordenadores pedagógicos para o planejamento de atividades que abarcam questões ecológicas e sociais da alimentação.³⁶ Um educador afirma que o exercício da EAN na escola deve envolver a participação de professores, nutricionistas, gestores escolares e merendeiras. A partir dessa fala, cogita-se a esperança da participação e a integração dos profissionais na construção interdisciplinar da EAN.

Numa pesquisa de formação em EAN para esses profissionais, se observou a integração dos mesmos neste processo. Como resultado, parece que os professores e gestores perceberam a necessidade de melhorar a abordagem da alimentação e nutrição, tanto no plano pedagógico quanto na condução do Programa de Alimentação Escolar, além de reconhecerem o trabalho das merendeiras. Essas, por sua vez, sentiram-se valorizadas pelo trabalho junto aos demais profissionais.³⁷

A interdisciplinaridade para a EAN exige a integração de educadores, nutricionistas e merendeiras num trabalho conjunto, de interação das disciplinas do currículo escolar entre si com a realidade cotidiana da alimentação.³⁸ Segundo Boog³⁹ intervenções técnicas isoladas predominam em relação às interdisciplinares.

A EAN ainda aparece nas falas como uma prática pedagógica baseada na realidade alimentar dos alunos. Neste sentido, esta prática pedagógica da EAN pode estar fundada na teoria educacional libertadora.⁴⁰ Essa teoria também chamada de problematizadora, considera no processo educativo o contexto do aluno, os seus anseios e conhecimentos prévios. O educador almeja superar a normatização da transmissão do conhecimento, de modo a estabelecer o diálogo e a criticidade, capazes de contribuir na construção do conhecimento, no desenvolvimento da consciência e na motivação dos alunos para a realização de mudanças na realidade.⁴⁰

Alguns estudos descrevem a realização da EAN por meio da educação problematizadora, por essa proporcionar ao aluno e ao educador uma compreensão contextualizada dos aspectos alimentares, nutricionais e de saúde existentes na sociedade.^{41,42,43,44} Uma “educação que promove construção de conhecimento promove mudança”. Dessa forma, pode-se alcançar melhoria dos hábitos alimentares de crianças e adolescentes e, assim, promover a saúde⁴⁵ e a SAN.

Considerações finais

Há diversos conhecimentos que permeiam a EAN na escola, como uma forma de consumir alimentos corretos, capazes de prevenir doenças; como atividade para formar hábitos alimentares saudáveis; como prática pedagógica centrada na realidade alimentar do aluno. E ainda é expressa no fornecimento da merenda escolar.

Neste contexto, os educadores e professores se identificam com a EAN inclusive considerando o nutricionista parceiro no desenvolvimento da interdisciplinaridade, sendo uma possibilidade para o exercício da EAN. Entretanto, existem lacunas no conhecimento desses profissionais em relação à EAN integrada as dimensões da alimentação para promover a SAN.

Dessa forma, é preciso formar esses atores da escola para o exercício da EAN inserida no contexto social, buscar o entendimento das dimensões da alimentação, a interdisciplinaridade para a prática da EAN e reconhecer esta como uma estratégia para além da promoção à saúde, de modo a abranger também a SAN, com vistas à melhoria da qualidade de vida da comunidade escolar, com repercussões na sociedade.

Referências

1. Santos LAS. Educação alimentar e nutricional no contexto da promoção de práticas alimentares saudáveis. *Revista de Nutrição*. 2005 set./out; 8(5):681-692.
2. Castro IRR, Castro LMC, Gugelmim A. Ações Educativas, Programas e Políticas envolvidos nas mudanças alimentares. In: Diez-Garcia RW, Cervato-Mancuso AM. *Mudanças Alimentares e Educação Alimentar e Nutricional*. Rio de Janeiro: Ed Guanabara Koogan; 2011. p. 19-20.
3. Boog MCF. Contribuições da Educação Nutricional à Construção da Segurança Alimentar. *Saúde em Revista*. 2004 out; 6(13):17-23.
4. Brasil. Resolução nº. 38 de 16 de julho de 2009. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar aos alunos da educação básica no PNAE. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 30 jul. 2009. Seção 3, p. 38.*
5. Costa EQ, Ribeiro VMB, Ribeiro ECO. Programa de alimentação escolar: espaço de aprendizagem e produção de conhecimento. *Revista de Nutrição*. 2001 set/dez; 14(3):225-229.

6. Franco AC, Boog MCF. Relação teoria-prática no ensino de educação nutricional. *Revista de Nutrição*. 2007 nov./dez; 20(6):643-655.
7. Domene SMA. A escola como ambiente de promoção da saúde e educação nutricional. *Psicologia USP*. 2008 dez; 19(4):505-517.
8. Schmitz BAS, Recine E, Cardoso GT, Silva JRM, Amorim NFA, Bernardon R, Rodrigues MLCF. A escola promovendo hábitos alimentares saudáveis: uma proposta metodológica de capacitação para educadores e donos de cantina escolar. *Cadernos de Saúde Pública*. 2008; 24(2supl):312-22.
9. Santos LAS. V Encontro Nacional do Programa Nacional de Alimentação Escolar, 2010: Resgate Históricoda Educação Alimentar e Nutricional no Brasil: alguns desafios e dilemas. <http://www.fnde.gov.br/index.php/ae-encontros-tecnicos> (acesso em 08/mar/2011).
10. Santos MJFS. Desenho de estudos e desenhos amostrais em pesquisa qualitativa. In: Várquez ML, Ferreira MR, Mogollón AS, Fernandez MJ, Delgado ME, Vargas I. *Introdução às técnicas qualitativas de pesquisa aplicadas em saúde - Materilas 168. Grups de Recerca d' America id' Africa (Cursos GRAAL 5)*. Barcelona: Servei de Publicacions, IMIP; 2009.
11. Minayo MCS. O desafio do conhecimento Pesquisa Qualitativa em Saúde. 11 ed. São Paulo: Hucitec. 2008, p. 191-192.
12. Tassitano RM, Barros MVG, Tenório MCM, Bezerra J, Hallal PC. Prevalência e fatores associados ao sobrepeso e à obesidade em adolescentes, estudantes de escolas de Ensino Médio de Pernambuco, Brasil. *Cadernos Saúde Pública*. 2009 dez; 25(12):2639-2652.
13. IBGE. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Resultado do Censo Demográfico 2010. Sinopse do Censo Demográfico 2010 Pernambuco. Machados – PE. Brasil. Situação em 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?codmun=260910> (acesso em 12/nov/2011).
14. Minayo MCS. Ciência, Técnica e Arte: O desafio da pesquisa social. In: Minayo MCS, Deslandes AF, Gomes R. *Pesquisa Social Teoria, método e criatividade*. 28 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2009, p. 48.
15. Triviños ANS. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. 1 ed. São Paulo: Ed Atlas. 1987, p. 109-110, 146-152.
16. Bardin L. *Análise de Conteúdo*. 4 ed. Lisboa, Portugal: Edições 70. 2009, p. 121-133, 145-148.
17. Brasil. Portaria nº 2.715, de 17 de novembro de 2011. Atualiza a Política Nacional de Alimentação e Nutrição. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 18 nov. 2011. Seção 1, p. 89.*

18. Pérez-Rodrigo C, Aranceta J. School-based nutrition education: lessons learned and new Perspectives. *Public Health Nutrition*. 2001 fev; 4(1):131-139.
19. Carvalho AP, Oliveira VB, Santos LC. Hábitos alimentares e práticas de educação nutricional: atenção a crianças de uma escola municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais. *Pediatria*. 2010 mar; 32(1):20-27.
20. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à saúde. Departamento de Atenção Básica. Coordenação Geral de Alimentação e Nutrição. Guia Alimentar para a População Brasileira “Promovendo a Alimentação Saudável.” Série A. Normas e Manuais Técnicos, 1ª ed, Brasília: Ed MS. 2006; p. 32-35.
21. Portilho F, Casteñeda M, Castro IRR. A alimentação no contexto contemporâneo: consumo, ação política e sustentabilidade. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2011 jan; 16(1): 99-106.
22. Marins BR, Araújo IS, Jacob SC. A propaganda de alimentos: orientação, ou apenas estímulo ao consumo? *Ciência & Saúde Coletiva*. 2011 set; 16 (9): 3873-3882.
23. Pinheiro ARO, Carvalho DBB. Estado e Mercado: adversários ou aliados no processo de implementação da Política Nacional de Alimentação e Nutrição? Elementos para um debate sobre medidas de regulamentação. *Saúde e Sociedade*. 2008 abr; 17(2):170-183.
24. Bizzo MLG, Leder L. Educação Nutricional nos Parâmetros Curriculares Nacionais Para o Ensino Fundamental. *Revista de Nutrição*. 2005 set./out; 18(5):661-67.
25. Souza EA, Barbosa Filho VC, Nogueira GAD, Azevedo Júnior MR. Atividade física e alimentação saudável em escolares brasileiros: revisão de programas de intervenção. *Cadernos de Saúde Pública*. 2011 ago; 27(8):1459-1471.
26. Vargas ICS, Sandre-Pereira RSG, Veiga GV. Avaliação de programa de prevenção de obesidade em adolescentes de escolas públicas. *Revista de Saúde Pública*. 2011 fev; 45(1):59-68.
27. Fernandes PS, Bernardo CO, Campos RMMB, Vasconcelos FAG. Evaluating the effect nutritional education on the prevalence of overweight/obesity and on foods eaten at primary schools. *Jornal de Pediatria*. 2009 ago; 85(4):315-321.
28. Bernadon R, Silva JRM, Cardoso GT, Monteiro RA, Amorim NFA, Schmitz BAS, Robrigues, MLCF. Construção de metodologia de capacitação em alimentação e nutrição para educadores. *Revista de Nutrição*. 2009 mai/jun; 22(3):389-398.
29. Vargas VS, Lobato RC. O desenvolvimento de práticas alimentares saudáveis: uma Estratégia de Educação Nutricional o Ensino Fundamental. *Vita et Sanitas*. 2007; 1(1): 24-33.
30. Thiesen JS. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. *Revista Brasileira de Educação*. 2008 set./dez; 13(39):545-548.

31. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Volume 1. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.
32. Piccoli L, Johann R, Corrêa EN. A educação nutricional nas séries iniciais de escolas públicas estaduais de dois municípios do oeste de Santa Catarina. *Nutrire:Revista Sociedade Brasileira de Alimentação*. 2010 dez; 35(3):1-15.
33. Caniné ES, Ribeiro VMB. A prática do nutricionista em escolas municipais do Rio de Janeiro: um espaço-tempo educativo. *Ciência & Educação*. 2007 abr; 13(1):47-70.
34. Davanço GM, Taddei JAAC, Gaglianone CP. Conhecimentos, atitudes e práticas de professores de ciclo básico, expostos e não expostos a Curso de Educação Nutricional. *Revista de Nutrição*. 2004 abr/jun; 17(2):177-184.
35. Yokota RTC, Vasconcelos TF, Pinheiro ARO, Schimitz BAS, Coitinho DC, Rodrigues MLCF. Projeto “a escola promovendo hábitos alimentares saudáveis”: comparação de duas estratégias de educação nutricional no Distrito Federal, Brasil. *Revista de Nutrição*. 2010 jan/fev; 23(1):37-47.
36. Brasil. Conselho Federal de Nutricionistas. Resolução nº 465 de 25 ago. 2010. Dispõe sobre as atribuições do nutricionista, estabelece parâmetros mínimos de referencia no Programa de Alimentação Escolar (PAE) e da outras providencias. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 ago. 2010. Seção 1, p. 118-119.*
37. Tuler Sobral NA, Santos SMC. Proposta metodológica para avaliação de formação em alimentação saudável. *Revista de Nutrição*. 2010 mai/jun; 23(3):399-415.
38. Luck H. Perspectivas da Gestão Escolar e Implicações quanto à Formação de seus Gestores. *Em Aberto*. 2000 fev/jun; 17(72):11-33.
39. Boog MCF. Atuação do nutricionista em saúde pública na promoção da alimentação saudável. *Revista Ciência & Saúde*. 2008 jan/jun; 1(1):33-42.
40. Freire P. *Pedagogia do oprimido*. 48 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. p. 67-83.
41. Rodrigues EM, BoogMCF. Problematização como estratégia de educação nutricional com adolescentes obesos. *Cadernos de Saúde Pública*. 2006 mai; 22(5):923-931.
42. Sawaya AL. Comida e educação. *Estudos Avançados*. 2006 set/dez; 20(58):113-118.
43. Camossa ACA, Costa FNA, Oliveira PF, Figueiredo TP. Educação Nutricional: uma área em desenvolvimento. *Revista Alimentação e Nutrição*. 2005 out/dez; 16(4):349-354.

44. Manço AM, Costa FNA. Educação Nutricional: Caminhos possíveis. Revista Alimentação e Nutrição. 2004 abr/jun; 15(2):145-153.
45. Verde SMML, Olinda QB. Educação Nutricional: Uma ferramenta para alimentação saudável [Editorial]. RBPS 2010 jul/set; 23(3):197-198.

3.2 Artigo II

Práticas de Educação Alimentar e Nutricional na escola: uma visão de professores e nutricionistas

Practices of Food and Nutrition Education in schools: a vision of teachers and nutritionists

Resumo

Frente à necessidade da implementação da educação alimentar e nutricional (EAN) na escola, para promover a saúde e segurança alimentar e nutricional da sociedade, é preciso investigar as práticas de EAN na visão de professores e nutricionistas, pois estes profissionais estão ligados à prática-pedagógica e a alimentação escolar, respectivamente. Este estudo tem como objetivo analisar as práticas sobre EAN na escola na perspectiva de professores e nutricionistas. O estudo utilizou abordagem qualitativa. Esse foi realizado no período de maio a julho de 2011, na Secretaria Estadual de Educação e numa escola estadual de Pernambuco. Os participantes foram 8 professores e 13 nutricionistas das Gerências Regionais de Educação, selecionados pela amostra intencional, seguindo critério de saturação. A coleta das informações consistiu de entrevista semiestruturada, submetidas à Análise do Conteúdo Temática (Bardin). Como resultados emergiram: A escola é carente em práticas de EAN; Estratégias de EAN; Limitações para a prática da EAN nas escolas. Conclui-se que há poucas práticas de EAN na escola, norteadas pela transversalidade e interdisciplinaridade, predominando ações isoladas, sendo reflexo das limitações do contexto escolar e do conhecimento fragmentado sobre esta temática.

Palavras-chaves: educação alimentar e nutricional, escola, nutricionista, educador.

Abstract

Faced with the need for implementation of food and nutrition education (FNE) in school, to promote healthy and safety food and nutrition of society, it is necessary to investigate the practices of FNE in the view of teachers and nutritionists, because these professionals are related to practice-teaching and school feeding, respectively. This work aims to analyze the practices of FNE in school from the perspective of teachers and nutritionists. The study used a qualitative approach. This was carried out from May to July of 2011, at the Department of Education and at one state school of Pernambuco. The participants were 8 teachers and 13 nutritionists from Regional Management of Education, selected by purposeful sampling, following saturation criterion. Data collection consisted of semi-structured interview, submitted to thematic content analysis. The results found out: The school is lacking on the practice of FNE, Strategies of FNE; Limitations of FNE's practice in schools. We conclude that there is little practice of EAN on school, guided by transversely and interdisciplinary, there is a predomination of isolated actions, reflecting the fragmented thinking about alimentation and limitations of the school context.

Keywords: food and nutrition education, school, nutritionist, educator.

Introdução

O cenário de saúde atual revela uma elevada prevalência do sobrepeso e obesidade e o impacto desses na incidência de várias doenças crônicas, como hipertensão arterial, diabetes, dentre outras. Havendo destaque, nos últimos anos, para o aumento do sobrepeso em crianças em idade escolar mais acelerado que nas demais faixas etárias.¹ Um dos meios para auxiliar a solução desses problemas é a EAN.

A EAN é uma estratégia mediadora para construção do conhecimento, conscientização e motivação em prol das mudanças alimentares na direção de práticas alimentares saudáveis. Para isso é preciso abordá-la dentro do contexto das dimensões da alimentação (a de direito humano, a biológica, a psicossocial e cultural, a ambiental e a econômica), a fim de superar o conhecimento fragmentado sobre a alimentação, conformando-o em sua complexidade, ou seja, multidimensional e integrado ao contexto.²

Neste âmbito, a escola aparece como ambiente propício para estruturar ações de saúde, com inclusão de práticas de EAN, pois integra o processo de ensino, as relações entre a família e comunidade escolar.^{3,4} Algumas determinações políticas e educacionais existem para nortear a implementação da EAN na escola, como a inclusão pedagógica interdisciplinar nos eixos do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)^{5,6} e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o Ensino Fundamental, que configuram uma referência nacional para os estados organizarem suas matrizes curriculares, de modo a nortear os assuntos a serem trabalhados de forma transversal nas escolas.⁷

Há um leque de possibilidades na escola para exercer a EAN de forma transversal ao currículo escolar. Entretanto, experiências interdisciplinares, ainda são incipientes na escola, embora haja um esforço institucional na direção da interdisciplinaridade. Apesar da interdisciplinaridade está sendo debatida em formações dirigidas a equipe gestora nas escolas, principalmente na organização do projeto político-pedagógico, os desafios ainda são enormes para superar a fragmentação das disciplinas, reconstruir e socializar o conhecimento que orienta a prática.⁸

Neste contexto os profissionais, particularmente professores e nutricionistas, destacam-se como atores importantes na implementação da EAN por conduzir o processo de ensino e a coordenação do PNAE na escola, respectivamente. Para isso, o professor necessita ir além da compreensão densa de sua área de formação e se transformar num profissional com visão integrada da realidade, a partir da aquisição dos conceitos que associam sua área de formação às outras ciências.⁸

Logo, o educador deve possuir o conhecimento em EAN, tendo uma postura consciente de sua atuação para a prática da EAN, de modo a auxiliar, por exemplo, a formação dos hábitos alimentares saudáveis dos alunos.⁹ O nutricionista, por sua vez, ao inserir-se na escola, a fim de exercer a interdisciplinaridade, necessita estabelecer um diálogo entre o saber popular, saber técnico apreendido na formação e o conhecimento multidimensional da alimentação.¹⁰

Diante do exposto, surge à necessidade de conhecer as práticas de EAN na escola, como são percebidas e realizadas por esses profissionais na escola. Dessa forma, este estudo apresenta o objetivo de analisar as práticas de Educação Alimentar e Nutricional (EAN) em escolas públicas, segundo a perspectiva de professores e nutricionistas.

Caminho Metodológico

Este estudo utilizou a abordagem qualitativa, e é descritivo, exploratório. Essa permitiu a descrição e compreensão do objeto de estudo de maneira ampliada e inserida no contexto escolar, a partir dos significados, valores, atitudes, e práticas dos participantes em torno da EAN.^{11,12,13}

O cenário do estudo foi a Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco (SEE) e a Escola Severino de Andrade Guerra, localizada no município de Machados, região do agreste do estado de Pernambuco. Esta escola possui 1.041 alunos, considerada grande porte,¹⁴ Ensino Fundamental II (426 alunos e 23 professores), e Ensino Médio (615 alunos e 32 professores). Esta foi escolhida por ter o PNAE funcionando regularmente, ter educadores disponíveis a participar do estudo, e ser situada numa região que possui como base econômica a agricultura, abarcando as dimensões da SAN.¹⁵

Os participantes foram 13 nutricionistas atuantes nas Gerências Regionais de Educação (GRE), que acompanham as escolas como responsáveis do Programa de Alimentação Escolar, e 8 professores da Escola Severino de Andrade Guerra que lecionavam turmas do 6º ao 9º ano, em diferentes disciplinas, e possuíam licenciaturas diversas, e com o mínimo cinco anos de experiência em sala de aula de escola da rede pública estadual.

O dimensionamento dos participantes aconteceu por meio da amostra intencional, seguindo o critério de saturação para cada grupo. Esse aconteceu à medida que as informações eram coletadas, e quando essas passaram a se repetir, cessava-se a coleta.^{11,16} Houve um estudo piloto com 4 participantes, 2 de cada grupo, mas não foram incluídos na amostra.

A coleta das informações aconteceu no período de maio a julho de 2011, por meio de entrevista semiestruturada individual,^{11,13} utilizando roteiro contendo perguntas fechadas referentes às características demográficas, acadêmicas e profissionais, e a pergunta norteadora: *Como você percebe as ações e atividades de Educação Alimentar e Nutricional EAN na escola?* Todas as entrevistas foram gravadas em MP4 e transcritas na íntegra.

As informações foram analisadas a luz da Análise do Conteúdo Temática, técnica proposta por Bardin.¹⁷ Essa “procura conhecer aquilo que está por trás das palavras” a partir das significações (conteúdos) das falas. Esta análise iniciou-se com uma “leitura flutuante” (análise e conhecimento das informações), e uma organização do material; definiram-se os núcleos de sentido e as unidades de contexto; posteriormente, se procedeu às codificações a partir dos núcleos de sentido, agrupado por semelhança de significados, para se alcançar as categorias temáticas, e por fim, realizou-se o tratamento e interpretação dos depoimentos a luz dos construtos: a EAN como estratégia de promoção à saúde e de segurança alimentar e nutricional; o Programa Nacional de Alimentação Escolar, os Parâmetros Curriculares Nacionais; as bases teóricas educacionais para a EAN, e a atuação dos educadores e nutricionistas e a interdisciplinaridade para a EAN.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres humanos (CEP) do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco (Processo nº. 185/10), em atenção à Resolução 196/96. Para garantir o anonimato, cada participante foi identificado por letra (nutricionista identifica-se com letra N, professores, letra P) e o número de ordem de sua entrevista.

Resultados

Os atores do estudo são a maioria do sexo feminino, apenas um professor era do sexo masculino, com idade variando de 32 e 45 anos, apresentavam cinco a dezoito anos de experiência em escola pública estadual e formação acadêmica em letras, matemática, biologia e geografia. Os nutricionistas possuíam idade entre 22 e 52 anos, apresentavam dois meses a dois anos de exercício profissional no Programa Nacional de Alimentação Escolar do estado.

A análise possibilitou o agrupamento das práticas de Educação Alimentar e Nutricional (EAN) na escola em três categorias temáticas:

Categoria I: A escola é carente em práticas de EAN

A EAN nas escolas ainda é pouco conhecida e praticada, apesar de ultimamente ter se tornado mais visível, perceptível pela atuação do nutricionista nas escolas.

“... Eu acho que está ainda muito pouco divulgada e trabalhada...” (N. 10)

“... com relação a isso (EAN), é muito carente...” (P. 4)

“... Agora com a atuação do nutricionista na GRE (Gerência Regional de Educação) ficou um pouco mais nítida...” (N. 11)

Categoria II: Estratégias de EAN na escola

A merenda escolar quando saudável constitui uma estratégia de EAN. Mas essa alimentação na escola é insuficiente para promover a EAN no aluno, pois esse às vezes opta por alimentos não saudáveis. É necessário associá-la a um trabalho de conscientização sobre a importância desta alimentação.

“... pode começar pela própria qualidade da merenda na escola, que antes a gente tinha muita merenda formulada... aquilo ali não promove educação nutricional...” (N. 10)

“... muitos alunos... eles deixam a merenda da escola e comem os pastéis que são vendidos na porta da escola, coxinhas... vão comer essas guloseimas...” (P. 3)

“... Acho que falta fazer um trabalho, chamar, puxar, conversar, conscientizar, saber para a importância que tem os alimentos na qualidade de vida...” (P. 4)

A EAN é vivenciada em algumas escolas nas Feiras de Ciências e de Alimentação, as quais são organizadas com a participação ativa dos alunos. Em hortas escolares, incentivadas pelo nutricionista e pelo Programa Mais Educação, onde se trabalha a interdisciplinaridade. E ainda na sala de aula, integrada as disciplinas.

“... Através de feira de ciências, feira da alimentação. Através dos estudos deles (alunos), de pesquisas, onde eles expõem uma vez ou duas vezes ao ano na escola...” (N. 8)

“... dei a ideia da horta para começar... eles já estão trabalhando a interdisciplinaridade... o professor de exatas...” (N. 3)

“... tem uma escola... que a professora de matemática, aliou a educação nutricional à matemática, assim porções, frações...” (N. 5)

A EAN é abordada na disciplina de português por meio da compreensão oral e escrita de textos sobre distúrbios alimentares, alimentação saudável, quando presentes nos livros didáticos, revistas. Há produção textual de receitas culinárias saudáveis e pesquisa sobre o consumo alimentar dos alunos.

“... nos textos de língua portuguesa... aparece à questão da bulimia na adolescência...” (P. 2)

“... aquela revista Mundo Jovem... sempre fala na alimentação, aí às vezes trabalho texto, a compreensão oral, escrita... entra no debate... conversa sobre educação alimentar...” (P. 1)

“... quando quero introduzir alimentação, aí trago receitas... Aí coloco (no quadro) o nome das frutas, aí eles vão reproduzir a receita, e eles preparam o modo de fazer... fazem um texto... trago muitas receitas com frutas, verduras, legumes, comidas, que realmente beneficiem o nosso corpo...” (P. 7)

Na disciplina de geografia, a EAN está presente nas temáticas sobre a água e falta de alimentos, mas não é reconhecida.

“... na geografia física relacionada... relevo, hidrografia, a gente questiona... a importância da água, mas o alimento em si próprio não... sinceramente eu não abordo o tema relacionado à alimentação não, só quando eu vejo... os alunos na sala de aula chupando chiclete, comendo muita besteira...” (P. 6)

Na disciplina de ciências, são trabalhadas pesquisas realizadas pelos alunos, com temas sobre necessidades nutricionais, transtornos alimentares, exercícios físicos. Após a aula eram expostos no mural da escola para os demais atores da escola. E projetos realizados com participação ativa dos alunos e socialização com os demais atores da escola.

“... professora de biologia... trabalhava temas sobre anorexia. Aí eles (alunos) traziam a reportagem, ela dava aula na sala... Os alunos ficavam de pesquisar na internet, em revistas... sobre alimentação saudável... eles colavam no mural... os outros paravam para ler...” (P. 6)

“... Sempre quando fazem os projetos, fazem a culminância... no dia estavam expostas, frutas, as verduras, os alunos mesmos explicando os benefícios que aquela alimentação... as outras turmas participaram...” (P. 7)

O professor de matemática aborda o Índice de Massa Corpórea, onde trabalha a prática das medidas e o cálculo matemático. Aproveita para relacionar a questões alimentares, entretanto, ressalta que esta prática não é contínua.

“... Sempre faz parte do meu programa todo ano aquele cálculo do IMC... Índice de Massa Corpórea. Trago balança, trago unidade para medir a altura deles, calcular o IMC... falo um pouco o quanto é importante uma boa alimentação... não é sempre, mas sempre que é possível a gente toca nesse ponto...” (P. 8)

A EAN é abordada no sentido de aconselhamento sobre a importância da alimentação saudável para promover a saúde.

“... olha pessoal, o que a gente faz aqui, isso tudo reflete na nossa velhice, então se tenho uma alimentação saudável, quando eu tiver... meus quarenta... cinquenta anos, vai refletir, vou ter uma vida mais saudável...” (P. 8)

Em algumas escolas a prática da EAN acontece a partir da construção de projetos e oficinas que envolvem o nutricionista e a comunidade escolar. Dentre os métodos de ensino desenvolvidos são palestras e atividades lúdicas, sendo utilizada a roda de alimentos e a pirâmide alimentar. A temática é alimentação saudável.

“... a gente faz várias oficinas na escola onde a gente se engaja com os professores e gestores das escolas...” (N. 10)

“... os próprios alunos das escolas... ajudam a montar... os pais... não todos... professores e o pessoal administrativo da escola... nutricionista e alguns professores ficam como tutores de algumas atividades...” (N. 6)

“... As palestras surgiram mais em torno da alimentação saudável... E as atividades são mais lúdicas... tipo composição de um prato saudável, roda dos alimentos, montagem de pirâmide alimentar...” (N. 6)

As atividades em EAN realizadas pelo nutricionista dependem da faixa etária dos alunos. Para crianças, há atividades lúdicas com utilização do prato equilibrado, fantoche, vídeos, desenhos, jogos, palavras cruzadas, tendo a temática alimentação saudável e não saudável, a higiene pessoal, qualidade da água, merenda escolar. Para adolescentes realiza palestras com a temática de manipulação e higiene dos alimentos, distúrbios alimentares, estética, atividade física, mídia, alimentação saudável, bebida alcoólica, alimentação no período pré-menstrual, menopausa, utiliza como recurso data show e folder.

“... a gente faz dependendo da faixa etária, a gente faz palestras ou faz teatrinho de fantoche...” (N. 13)

“... trabalhei com séries iniciais... então levei vídeos, desenhos, a massa de modelar, é uma conversa informal...” (N. 3)

“... jogos educativos através de... palavras com alimentação saudável para eles (alunos) fazerem as cruzadinhas...” (N. 8)

“... No teatrinho... aborda mais a questão de alimento saudável e não saudável, sempre faz relação... frutas e verduras, feijão, arroz como saudáveis e guloseimas como alimentos não saudáveis...” (N. 13)

“... tentei passar para eles a importância de cada um dos alimentos que tem na merenda escolar...” (N. 11)

“... fiz... uma palestra... para adolescentes... sobre alimentação saudável... em relação à estética... bebida alcoólica... que... traz mal para saúde deles...” (N. 4)

“... tenho trabalhado... a alimentação e atividade física pela interface...” (N. 1)

“... palestras em data show abordando os temas alimentação, manipulação, higiene dos alimentos, distúrbios alimentares...” (N. 11)

“... já trabalhou o tema... alimentação no período menstrual... menopausa...” (N. 1)

“... distribuição de... folder... panfleto...” (N. 8)

As palestras, às vezes, estão associadas a técnicas lúdicas, ou a práticas diagnósticas (aferição da pressão arterial, glicemia). Essas incentivam o aluno a participar, e parecem potencializar o aprendizado, sendo observado interesse em relação ao tema. A palestra contribui em fornecer informações para possibilitar o poder de escolha, mas não é efetiva para mudanças de comportamento alimentar. Há roda de conversa. E um grupo de teatro.

“... a gente faz palestra seguida de uma gincana de perguntas tipo passa, repassa...” (N. 13)

“... trabalha também essa parte de controle das enfermidades não transmissíveis, através da exposição do conteúdo... e de práticas também verificação de pressão, verificação de glicemia...” (N. 8)

“... atividades lúdicas feitas com as crianças, parecem que eles aprendem mais... eles fixam melhor, eles veem... como uma brincadeira...” (N. 6)

“... sei que só palestra não vai fazer que a criança modifique completamente os seus hábitos alimentares... ajuda na questão da informação...” (N. 1)

“... ele vai saber por que... para quê que está servindo aquilo para o organismo dele...” (N. 2)

“... numa escola... a gente fez uma roda, começamos a conversar com as crianças para saber o ponto de vista delas com relação a alimentação... aí um começava a questionar sobre aquilo, fazer perguntas...” (N. 11)

“... alunos e professores... em uma das escolas... trabalham o tema de alimentação e nutrição no teatro...” (N. 1)

O nutricionista considera as orientações sobre os alimentos repassadas às escolas uma maneira de realizar a EAN.

“... as próprias orientações verbais e escritas que o profissional nutricionista repassa para... escolas... Como deve ser feito com relação a alimentos...” (N. 12)

Categoria III: Limitações para a prática de EAN na escola

Alguns motivos dificultam a prática da EAN: as Orientações Teóricas Metodológicas (OTMs) norteiam um planejamento individual, não há boa orientação para aplicar a EAN, existe receio de perder o foco nos conteúdos e de fugir do programado pela escola. Alguns gestores e professores não referenciam a EAN, pois não tem conhecimento sobre o tema.

“... a gente se baseia muito nas OTMs, e é um planejamento muito individual, a gente não pára, por exemplo, para conversar com o professor de ciências... saber quando aplicar dentro de matemática... essa parte de alimentação... e também dentro da biologia aplicar a matemática...” (P. 8)

“... a gente fica com receio de às vezes, de se perder um pouquinho até no conteúdo... querer dá uma coisa que a gente não tem uma orientação boa em relação a isso, e se perca realmente no foco...” (P. 8)

“... particularmente, ainda não trabalhei, até porque não tenho mesmo um amplo conhecimento da área...” (P. 3)

Outra limitação é que alguns gestores escolares não executam os cardápios elaborados pelo nutricionista, devido à verba ser insuficiente ou a escassez de tempo para o preparo. Eles não associam à merenda escolar a EAN.

“... A gente tem o trabalho de elaborar o cardápio... só que é a parte mais difícil... é colocar esse cardápio em prática...” (N. 10)

“... Eles (gestores) dizem que... o recurso não dá... outra hora é que não deu tempo de fazer...” (N. 10)

“... tem gestores que não veem nenhuma interação entre a merenda e a atividade de educação alimentar e nutricional...” (N. 1)

Há poucos nutricionistas na rede, por isso as ações realizadas em EAN por esses profissionais são pontuais, dependentes do calendário escolar e necessidade percebida pelo nutricionista. Esse considera que a EAN não se limita a sua prática. Logo, a execução da EAN depende da exigência da gestão escolar, da participação dos atores da escola, reflexões sobre a educação e avaliação das práticas.

“... Nutricionistas são poucos, de acordo com a nova lei, é uma nutricionista para cada quinhentos alunos. E a experiência que a gente tem é o quê? É cinquenta mil alunos para uma nutricionista...” (N. 7)

“... são ações pontuais, a gente vai numa escola faz uma atividade e pronto...” (N. 13)

“... Então, vai de acordo com o cronograma da escola e com a necessidade que o nutricionista sente em trabalhar naquela escola...” (N. 8)

“... a Educação Alimentar e Nutricional, na escola, não se limita apenas a atuação do nutricionista...” (N. 9)

“... ainda não houve essa cobrança... trabalhar com a questão alimentar... em todas as disciplinas... mas como não se fala... a gente não dá não... a cobrança seria... quando se lança um projeto à direção cobra, todo o conjunto, todo grupo escolar...” (P. 5)

“... a gente... nutricionista... professor... gestor... aluno, merendeira, todos, todos tem que participar...” (N. 1)

“... a gente pode começar a refletir o quê acha o que é educação, nossa prática... a gente precisa sempre rever o que está fazendo... (risos)” (N. 1)

Discussão

As ações de EAN nas escolas estaduais de Pernambuco ainda estão trilhando o caminho da efetivação, visto ser pontuais, tanto em relação àquelas que envolvem a comunidade escolar como um todo, quanto aquelas no interior da sala de aula. Esta carência de ações em EAN revela uma situação que parece ser semelhante nas escolas públicas do Brasil, de acordo com um estudo em nível nacional realizado com professores de escolas públicas.¹⁸

Apesar desse quadro atual no estado, segundo um nutricionista do estudo, as estratégias de EAN são perceptíveis em algumas escolas, ocasionadas pela atuação dos nutricionistas no

Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Apesar de existir um número reduzido de nutricionistas para atender a grande quantidade de escolas.

Entre essas estratégias está a merenda escolar. Essa está inserida no PNAE, o qual possui o objetivo de oferecer refeições saudáveis aos alunos, e a partir dessas, promover a EAN através da formação de hábitos alimentares saudáveis.^{5,10} No estado de Pernambuco, o programa apresenta um Sistema de Gestão Misto, no qual a escola recebe parte em gêneros alimentícios e parte em verba (09 centavos/dia/aluno em 10 parcelas/ano), destinada a aquisição de alimentos para complementar os cardápios.¹⁹ Esse modelo de gestão facilita o atendimento, devido a redução de custos com logística de transporte²⁰ e respeita a diversidade de hábitos alimentares regionais do estado.

Porém, segundo os nutricionistas, há escolas que não executam o cardápio planejado, pelo fato do gestor considerar o empenho pequeno, escassez de tempo para prepará-lo e não reconhecerem a merenda escolar como promotora da EAN. Isso mostra limitações do programa em promover a EAN. Ainda não houve no estado uma avaliação sobre o Modelo de Gestão do PNAE para constatar até onde este pode contribuir na execução dos cardápios planejados pelos nutricionistas.

Ao mesmo tempo, a promoção da EAN através da merenda escolar somente acontece a partir do consumo pelos alunos. Mas é visto que alguns desses optam por não consumi-la e preferem alimentos não saudáveis, comercializados numa cantina existente na calçada da escola. A literatura revela que alunos optam pelos alimentos da cantina por considerá-los mais “saborosos”, corroborando para que donos de cantina escolares tenham dificuldades de mudar os alimentos comercializados.^{21,22} Estudos mostram que a existência de cantinas nas escolas pode interferir na adesão a merenda escolar, e ser uma limitação à EAN.^{23,24} Dessa forma, é necessário associar a oferta da merenda escolar ao processo educativo da EAN.

Outras estratégias de EAN são feiras de ciências e de alimentação que se baseiam na metodologia de ensino da concepção educacional da Escola Nova, a qual busca enfatizar as atividades, o interesse dos alunos pelo assunto, porém não contribui para a compreensão dos conhecimentos articulados entre si.²⁵

A horta escolar é considerada uma estratégia de EAN à medida que apresenta caráter pedagógico quando utiliza o processo de ensino que envolve professores e alunos em torno das dimensões da alimentação (manejo do plantio, colheita, disponibilidade, consumo e utilização biológica dos frutos), sendo trabalhada a interdisciplinaridade. É incentivada nesta perspectiva pelo Programa Mais Educação do Ministério da Educação, o qual possui o objetivo de estender a carga horária dos alunos na escola para garantir um ensino de melhor

qualidade por meio da realização de oficinas.^{26,27} A interdisciplinaridade não prever criar novas disciplinas, mas utilizar os conhecimentos de várias disciplinas, provindos de diferentes olhares, para definir um assunto.²⁸ Neste caminho aparece à possibilidade de algumas aulas exercidas pelos professores na escola ter caráter interdisciplinar.

Na sala de aula, a interdisciplinaridade se expressa por meio da transversalidade dos conteúdos, nos quais os “temas transversais (ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, orientação sexual, trabalho, consumo em geral)” dos PCNs devem integrar as disciplinas obrigatórias do ensino básico.⁷ A EAN apesar de não ser um tema transversal, pode inserir-se como tal, ou ser um conteúdo da própria disciplina, em virtude das dimensões que abarcam a alimentação.

As orientações informais aos alunos sobre alimentação saudável, realizadas por professores são complementares ao processo educativo, que convergem para a aprendizagem.²⁹ A aprendizagem é saber reconstruir, preparar e questionar, não depende somente da aula, mas da relação educador e educando.³⁰ Por isso, os professores a consideram uma forma de EAN, onde uma professora de português percebeu através dessas, mudanças nos hábitos alimentares dos alunos.

A EAN deve ser exercida por meio do processo de ensino. Esse consiste numa sistematização de atividades do educador e educandos, com a finalidade de construir conhecimentos para desenvolver e aprimorar a capacidade de pensamento autônomo e crítico. O processo de ensino envolve os conteúdos de livros didáticos e dos programas, métodos e recursos pedagógicos, e a relação entre professor e alunos.³¹

O processo de ensino varia conforme concepções educacionais. A caracterização de uma delas foi citada, a Educação Nova. Neste estudo surgiram processos de ensino focados em mais três concepções, a Tradicional, a Tecnicista e a Libertadora, esta última conhecida por problematizadora. Na Tradicional o professor transmite o assunto, o aluno absorve, sem que haja troca de saberes no processo. É baseada na exposição do conteúdo.^{30,31,32} A Tecnicista se baseia em técnicas e procedimentos para assegurar a transmissão do assunto, onde uma vez aprendendo como fazer, chega-se a formação adequada do conhecimento. Os conteúdos de ensino são princípios científicos e os assuntos utilizados estão em manuais, livros didáticos, recursos audiovisuais.^{31,32}

Essas concepções educacionais descritas parecem não construir um conhecimento complexo, multidimensional e interdisciplinar para a EAN, pois não integra o educando, o educador, a temática e o contexto social. Essa integração acontece na Educação Libertadora, onde o educador considera as aspirações, anseios e conhecimentos prévios dos educandos,

gera diálogo e criticidade desses. É capaz de contribuir no desenvolvimento da consciência e motivação para mudanças na realidade e assimilação do conhecimento complexo em EAN. O método de ensino é um grupo de discussão, uma roda de conversa.^{31,33}

Diante do exposto, é possível observar nos achados deste estudo diferentes processos de ensino fincados nessas concepções. Assim, as falas dos profissionais expressam temáticas na sua maioria restritas ao aspecto biologicista da alimentação para promoção da saúde. Quando a EAN poderia aparecer como conteúdo da disciplina, numa abordagem inserida na dimensão ambiental e de direito humano da alimentação (importância da água e falta de alimentos), ela não é reconhecida como tal pelo professor. Esse fato mostra o pensamento fragmentado desses professores acerca da EAN.

Nas ações realizadas por nutricionistas nas escolas, há o cuidado da abordagem temática conforme a faixa etária dos alunos, separando métodos de ensino para crianças e adolescentes. Para crianças prevalecem atividades lúdicas. Essas foram consideradas em uma intervenção educativa como ferramentas facilitadoras do aprendizado em EAN, percebidas pela interação dos alunos nas atividades.³⁴ Para adolescentes há predomínio de palestras expositivas, centradas numa educação tradicional e utilização de uma série de recursos pedagógicos.

A maioria dos métodos de ensino, tanto dos professores quanto nutricionistas, seguem a concepção educacional Nova, Tradicional e Tecnicista. Mas surgiu, numa das falas do nutricionista deste estudo, a concepção problematizadora da EAN, quando aparece o método de ensino baseado na roda de conversa. Esses achados aproximam-se das práticas de nutricionistas do PNAE no Rio de Janeiro, onde sobressaem concepções pedagógicas tradicionais, herdada de uma formação no modelo biomédico, “fragmentado e centrado na transmissão de conhecimentos”.³⁵

Em um estudo, foi constatado, entre professores práticas relacionadas à transmissão de conhecimentos, devido a não saberem aproveitar as oportunidades ou não querer responsabilizar-se por ações que possam acarretar mais trabalho.³⁶ A EAN deve partir não da ciência da nutrição, propriamente dita, mas das práticas, os valores, as representações, realidade alimentar vivenciada pela comunidade escolar.³⁷ Pois fornecer informações sobre valores nutricionais dos alimentos não é suficiente para gerar mudanças nos hábitos alimentares.³⁸

O nutricionista em parceria com a comunidade escolar realizam oficinas e projetos. Mas através das falas não se pode afirmar que existe interdisciplinaridade, devido à temática da alimentação saudável está associada a instrumentos lúdico-pedagógicos (roda dos alimentos, montagem de pirâmide alimentar) que enfatizam apenas o consumo alimentar adequado. A

interdisciplinaridade demanda tecer em conjunto os conhecimentos das diversas dimensões sobre a alimentação e poder praticá-la no processo de ensino. Boog³⁷ coloca que ações interdisciplinares exigem “criatividade e disposição” para apreender os conhecimentos compartimentados e integrá-los.

No decorrer dos resultados é possível afirmar que há predominância de ações em EAN realizadas por professores e nutricionistas isoladamente. A construção interdisciplinar é possível à medida que os profissionais disponham a realizá-la. Segundo Boog³⁹ as intervenções individuais prevalecem em detrimento das interdisciplinares.

As práticas de EAN na escola deste estudo também sofrem influência do planejamento escolar, conhecimento dos professores e do número de nutricionistas. A estruturação do currículo escolar do ensino fundamental segue as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).⁷ A partir dos PCNs os estados organizam suas Matrizes Curriculares.

Em Pernambuco, foram criadas, a partir de sua Matriz Curricular, as Orientações Teóricas Metodológicas (OTMs), que norteiam o professor no planejamento da disciplina. As OTMs são referenciais estruturadores das práticas de ensino, com a finalidade de melhorar a qualidade do ensino, a partir da contextualização, reflexão e criticidade da prática pedagógica.^{40,41} Segundo professor da escola, as OTMs não permitem integração do conhecimento contextualizado, interação entre professores e a troca de ideias no planejamento, distanciando-se da interdisciplinaridade, deixando o planejamento escolar engessado. Assim, as OTMs parecem não representar uma boa orientação para inserir a EAN de maneira interdisciplinar. Além disso, os professores relatam que possuem muitos conteúdos obrigatórios para serem ministrados, os quais se afastam do tema e sentem receio de perder tempo, podendo acarretar o não cumprimento de suas metas.

Um estudo revela inadequação dos PCNs em não tratar de forma contextualizada o novo perfil nutricional da população brasileira, podendo o professor ir à busca de informações desprovidas de conhecimento crítico.⁴² Essas limitações podem ser devido à falta de espaços na escola para mudanças e às determinações impostas pelo sistema educacional.³⁶

Alguns professores expõem não possuir qualificação para a prática em EAN, não a conhece, sendo isso muitas vezes a causa da não abordagem em sala de aula. Os conceitos norteadores como segurança alimentar e nutricional e alimentação saudável não são bem compreendidos por professores.⁴³ Mas ao serem capacitados, eles se sentem motivados para serem educadores em EAN.²² E capazes de exercer a EAN em sala de aula, de forma a proporcionar mudanças cognitivas nos alunos sobre o tema alimentação e nutrição.⁴⁴

Nas escolas estaduais de Pernambuco, o baixo número de nutricionistas da rede, dificulta um trabalho interdisciplinar em EAN, por isso esses profissionais priorizam a oferta da merenda escolar saudável. Ao mesmo tempo o nutricionista considera que o exercício da EAN também acontece por meio de orientações neste eixo. Isso se deve há sobrecarga de escolas e grande número de alunos, falta tempo para planejar e executar a EAN. Há 17 Gerências Regionais de Educação (GRE) no estado, essas possuem um a dois nutricionistas que atendem escolas de sua abrangência territorial, que variam de 17 a 112 escolas cada GRE.

A Resolução 465/2010, estipula o número de um nutricionista para quinhentos alunos e detalha várias atribuições para este profissional, dentre essas, a organização de um trabalho interdisciplinar junto à comunidade escolar, incluindo a abordagem ecológica e ambiental da EAN.^{10,45} De acordo com as temáticas abordadas pelos nutricionistas neste estudo, não são referidas a questão da ecologia e meio ambiente.

Para o nutricionista exercer a EAN na escola, é preciso tomar posse de uma educação problematizadora, de modo a superar o processo tecnicista de intervenção e buscar o conhecimento multidimensional da alimentação. O começo para isso já existe, que é o reconhecimento da prática em EAN não ser limitada apenas a sua atuação, e depende da integração dos profissionais da escola. O professor coloca que o papel do gestor escolar é determinante neste processo, pois a escola possui autonomia para projetos. Por conseguinte, as práticas de EAN devem envolver todos os atores da escola em parceria com nutricionistas para dialogar, trocar e integrar os conhecimentos sobre a temática, incluindo o significado dessa educação e a avaliação das práticas, a fim de que haja avanço e aperfeiçoamento da EAN na escola.

Considerações finais

Há poucas práticas de EAN na escola, norteadas pela transversalidade e interdisciplinaridade, predominando ações isoladas. Esse quadro é reflexo do pensamento fragmentado sobre a alimentação e de algumas limitações do contexto escolar. Daí a necessidade de buscar intervenções, como a formação e aperfeiçoamento desses profissionais para compartilhar o conhecimento multidimensional da alimentação e poder abordá-lo nas práticas de EAN. Para isso, é preciso considerar a escola, e os indivíduos parte integrante da sociedade, que sofrem influência da conjuntura econômica, política, social, cultural, cognitiva e afetiva. E assim, poder trilhar na direção da superação dos problemas existentes na escola e no sistema educacional.

Referências

1. IBGE. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). *Pesquisa de Orçamento Familiar, 2008/2009 – Antropometria e estado nutricional de crianças, adolescentes e adultos no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE; 2010. [acessado 2011 13 nov]; Disponível em:
http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pof/2008_2009_encaa/pof_20082009_encaa.pdf
2. Castro IRR, Castro LMC, Gugelmim A. Ações Educativas, Programas e Políticas envolvidos nas mudanças alimentares. In: Diez-Garcia RW, Cervato-Mancuso AM. *Mudanças Alimentares e Educação Alimentar e Nutricional*. Rio de Janeiro: Ed Guanabara Koogan; 2011. p. 19-20.
3. Souza EA, Barbosa Filho VC, Nogueira GAD, Azevedo Júnior MR. Atividade física e alimentação saudável em escolares brasileiros: revisão de programas de intervenção. *Cad Saude Publica* 2011; 8:1459-1471.
4. Bizzo MLG, Leder L. Educação Nutricional nos Parâmetros Curriculares Nacionais Para o Ensino Fundamental. *Rev Nutr* 2005; 5:661-67.
5. Brasil. Resolução nº. 38 de 16 de julho de 2009. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar aos alunos da educação básica no PNAE. *Diário Oficial da União* 2009. 30 jul.
6. Brasil. Portaria Interministerial nº 1.010 de 8 de maio de 2006. Institui as diretrizes para a Promoção da Alimentação Saudável nas Escolas de educação infantil, fundamental e nível médio das redes públicas. *Diário Oficial da União* 2006; 09 mai.
7. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Volume 1. Brasília: MEC/SEF; 1997. 126p.
8. Thiesen JS. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. *Rev Bras Educação* 2008; 39:545-548.
9. Davanço GM, Taddei JAAC, Gaglianone CP. Conhecimentos, atitudes e práticas de professores de ciclo básico, expostos e não expostos a Curso de Educação Nutricional. *Rev Nutr* 2004; 2:177-184.
10. Costa EQ, Ribeiro VMB, Ribeiro ECO. Programa de alimentação escolar: espaço de aprendizagem e produção de conhecimento. *Rev Nutr* 2001; 3:225-229.
11. Minayo MCS. *O desafio do conhecimento Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 11ª ed. São Paulo: Hucitec; 2008.

12. Santos MJFS. Desenho de estudos e desenhos amostrais em pesquisa qualitativa. In: Várquez ML, Ferreira MR, Mogollón AS, Fernandez MJ, Delgado ME, Vargas I. **Introdução às técnicas qualitativas de pesquisa aplicadas em saúde - Materilas 168. Grups de Recerca d' America id' Africa (Cursos GRAAL 5)**. Barcelona: Servei de Publicacions; IMIP; 2009. p. 37.
13. Triviños ANS. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1ª ed. São Paulo: Ed Atlas; 1987.
14. Tassitano RM, Barros MVG, Tenório MCM, Bezerra J, Hallal PC. Prevalência e fatores associados ao sobrepeso e à obesidade em adolescentes, estudantes de escolas de Ensino Médio de Pernambuco, Brasil. **Cad Saude Publica** 2009; 12:2639-2652.
15. IBGE. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Resultado do Censo Demográfico 2010. Sinopse do Censo Demográfico 2010 Pernambuco. Machados – PE. Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE; 2010 [acessado 2011 12 nov]; Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?codmun=260910>
16. Minayo MCS. Ciência, Técnica e Arte: O desafio da pesquisa social. In: Minayo MCS, Deslandes AF, Gomes R. **Pesquisa Social Teoria, método e criatividade**. 28ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2009. p. 48.
17. Bardin L. **Análise de Conteúdo**. 4ª ed. Lisboa, Portugal: Edições 70. 2009.
18. Boog MCF, Carvalho MC, Silva MV, Fonseca MCP, Motta DG, Nogueira RM, Farfan JÁ. Avaliação do Projeto “Criança Saudável – Educação Dez”: A Visão de Gestores e Professores de Escolas Brasileiras de Ensino Fundamental. **Segurança Alimentar e Nutricional** 2009; 2:60-86.
19. Pernambuco. Instrução Normativa nº 001 de 14 de agosto de 2010. Dispõe sobre o Programa de Alimentação Escolar da Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco. Pernambuco. **Diário Oficial de Pernambuco** 2010; 14 ago.
20. Santos, LMP; Santos, SMC; Santana, LAA; Henrique, FCS; Mazza, RPD; Santos, LAS; Santos, LS. Avaliação de políticas públicas de segurança alimentar e combate à fome no período 1995-2002. 4 – Programa Nacional de Alimentação Escolar. **Cad Saude Publica** 2007; 11:1931-1945
21. Vargas ICS, Sandre-Pereira RSG, Veiga GV. Avaliação de programa de prevenção de obesidade em adolescentes de escolas públicas. **Rev Saude Publica** 2011; 1:59-68.
22. Schmitz BAS, Recine E, Cardoso GT, Silva JRM, Amorim NFA, Bernardon R, Rodrigues MLCF. A escola promovendo hábitos alimentares saudáveis: uma proposta metodológica de capacitação para educadores e donos de cantina escolar. **Cad Saude Publica** 2008; 24(Supl 2):312-22.
23. Danelon MAS, Danelon MS, Silva MV. Serviços de alimentação destinados ao público escolar: análise da convivência do Programa de Alimentação Escolar e das cantinas. **Segurança Alimentar e Nutricional** 2006; 1:85-94.

24. Sturion GL, Silva MV, Ometto AMH, Furtuoso COM, Pipitone MAP. Fatores condicionantes da adesão dos alunos ao Programa de Alimentação Escolar no Brasil. *Rev Nutr* 2005; 2:167-187.
25. Saviani D. Introdução pedagogia e teoria da educação: referencias preliminares. In: _____. *A pedagogia no Brasil "História e Teoria"*. Ed Autores Associados LTDA; 2008. p. 77-88.
26. Brasil. Portaria Normativa Interministerial nº17, de 24 de abril de 2007. Institui o Programa Mais Educação, que visa fomentar a educação integral de crianças, adolescentes e jovens, por meio do apoio a atividades sócio-educativas no contra turno escolar. *Diário Oficial da União* 2007; 26 abr.
27. Brasil. Decreto nº 7.083, de 27 de janeiro de 2010. Dispões sobre o Programa Mais Educação. *Diário Oficial da União* 2010; 27 jan.
28. Brasil. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)* 2000. [acessado 2010 12 set]; Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12598:publicacoes&catid=195:seb-educacao-basica
29. Libâneo JC. **Didática**. 1ªed. São Paulo: Ed Cortez; 1994.
30. Namen, FM, Jr Galan J. Reflexões sobre a educação de profissionais da área de saúde. *Ciênc saúde coletiva* 2011; 16(Supl.1):1611-1619.
31. Luckesi CC. *Filosofia da Educação*. 11ª ed. São Paulo: Ed Cortez; 1994.
32. Valente FLS. Em busca de uma Educação Nutricional crítica. In: Valente FLS. *Fome e Desnutrição, Determinantes sociais*. 2ª ed. São Paulo: Ed Cortez; 1989. p. 74-90.
33. Freire P. *Pedagogia do oprimido*. 48ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2005.
34. Toassa EC, Leal GVS, Wen CL, Philippi ST. Atividades lúdicas na orientação nutricional de adolescentes do Projeto Jovem Doutor. *Nutrire Rev Soc Bras Alim Nutr* 2010; 3:17-27.
35. Caniné ES, Ribeiro VMB. A prática do nutricionista em escolas municipais do Rio de Janeiro: um espaço-tempo educativo. *Ciênc educ* 2007; 1:47-70.
36. Petroni AP, Souza VLT. As relações na escola e a construção da autonomia: um estudo da perspectiva da psicologia. *Psicol Soc* 2010; 2:355-364.
37. Boog MCF. Programa de educação nutricional em escola de ensino fundamental de zona rural. *Rev Nutr* 2010; 6:1005-1017.
38. Silva ECR, Fonseca AB. Abordagens Pedagógicas em Educação Alimentar e Nutricional em escolas no Brasil. In: *VII Encontro nacional de Pesquisa em Educação em Ciência*; 2009; Florianópolis.

39. Boog MCF. Atuação do nutricionista em saúde pública na promoção da alimentação saudável. *Ciênc Saúde* 2008; 1:33-42.
40. Secretariade Educação de Pernambuco. Espaço Professor. Leis e Orientações. *Orientações Teóricas Metodológicas, 2008*. [acessado 2011 nov 08]; Disponível em: <http://www.educacao.pe.gov.br>
41. Pernambuco (Estado). Instrução Normativa nº 02 de 14 de janeiro de 2011. Dispõe sobre as Matrizes Curriculares da Educação Básica no âmbito das escolas da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco. Pernambuco. *Diário Oficial de Pernambuco* 2011; 29 jan.
42. Fernandez PM, Silva DO. Descrição das noções conceituais sobre os grupos alimentares por professores de 1ª a 4ª série: A necessidade de atualização dos conceitos. *Ciênc educ* 2008; 3:451-66.
43. Luliano BA, Mancuso AMC, Gambardella AMD. Educação nutricional em escolas de ensino fundamental do município de Guarulhos-SP. *Mundo Saúde* 2009; 3:264-272.
44. Detregiachi CRP, Braga, TMS. Projeto “criança saudável, educação dez”: resultados com e sem intervenção do nutricionista. *Rev Nutr* 2011; 1:51-59.
45. Brasil. Conselho Federal de Nutricionistas. Resolução nº 465 de 25 ago. 2010. Dispõe sobre as atribuições do nutricionista, estabelece parâmetros mínimos de referencia no Programa de Alimentação Escolar (PAE) e da outras providencias. *Diário Oficial da União* 2010; 25 ago.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste estudo, considera-se que o desvelar dos conhecimentos dos educadores e nutricionistas possibilitou perceber a escola pública como um ambiente propício para a EAN, por ter a merenda escolar, nutricionistas, professores e alunos em idade favorável para formação de hábitos alimentares. Enfim, a escola congrega o principal dos recursos para a EAN que é o ser humano relacionando-se com o alimento provindo da merenda escolar. A EAN na escola mostrou-se como um ensinamento da alimentação saudável voltada ao consumo alimentar, com a finalidade de prevenir doenças e promover a saúde.

Essa visão data desde a década de 1940 quando se vivia o caos da desnutrição. Os conhecimentos em EAN nesta época estavam ligados aos aspectos nutricionais da alimentação na tentativa de sanar esse problema que dizimava vítimas, principalmente crianças. De posse dessa herança que perdura atualmente, é comum e aceitável que nutricionistas e educadores apresentem seus conhecimentos e práticas em EAN engessados na dimensão biologicista/nutricional da alimentação. Mas não mais em virtude da desnutrição e sim por conta do perfil nutricional e de saúde vivenciado nos últimos anos, que apresenta alta prevalência do excesso de peso e doenças crônicas não transmissíveis associadas.

Neste contexto, é possível justificar os conhecimentos e práticas dos nutricionistas e educadores. Esses carregam uma história social e científica imbricada, como uma formação e vida centradas no paradigma cartesiano¹, especificamente, os nutricionistas por possuírem uma formação inserida no modelo biomédico, o qual restringe uma visão holística do ser humano e da sociedade. Dessa forma, existe a dificuldade de expressar um conhecimento complexo, multidimensional da alimentação, por conseguinte, sobre a EAN.

Os professores da escola reconhecem a carência de conhecimento para trabalhar a EAN. Contudo existem outros que se identificam com a mesma, inclusive considerando o nutricionista parceiro para as ações em EAN, no desenvolvimento da interdisciplinaridade. Mas, sentem-se impossibilitados pelo sistema educacional, pela escola e deficiência de conhecimentos sobre o tema para realizar a EAN nesta direção.

¹ Ramos (2008) ao analisar o Paradigma Cartesiano, o compreende como método de estudo que ao abordar um dado assunto, o faz de maneira compartimentalizada, enfoca a objetividade e racionalidade, e deixa de lado as dimensões culturais, sociológicas, filosóficas. Como resultado produz conhecimentos fragmentados sobre o objeto de estudo.

Em relação aos educadores da Gerência de Políticas Educacionais do Ensino Fundamental II, presentes apenas no primeiro artigo, colocaram que a prática da EAN deve ser realizada a partir da interdisciplinaridade dos atores escolares incluindo o nutricionista e enfatizaram a autonomia da escola em relação às práticas pedagógicas, a partir da Matriz Curricular e das Orientações Teóricas Metodológicas estabelecidas por essa gerência. Diante disso, percebe-se uma complexidade que existe desde o planejamento do currículo escolar à prática em sala de aula na escola.

Os nutricionistas, por sua vez, reconhecem que a EAN não se limita a sua atuação, o que abre caminho para o exercício da interdisciplinaridade. Eles reconhecem as regulamentações que norteiam sua atuação no PNAE, porém há percalços, como grande número de alunos por profissional, que dificultam a prática contínua da EAN nas escolas.

Assim, há poucas práticas de EAN nas escolas, predominantemente realizadas de maneira isolada pelos profissionais, sejam na sala de aula, feiras de ciências, oficinas do Programa Mais Educação, dentre outras. Esse quadro é reflexo do pensamento fragmentado sobre a alimentação, mas também causado por limitações do contexto, associadas a questões políticas, econômicas, sociais, dentre outras.

A partir da abordagem multidimensional do conhecimento sobre a alimentação, é possível adentrar na abordagem da EAN não somente para promover a saúde, mas também para a segurança alimentar e nutricional. É primordial que os profissionais sejam formados continuamente para tal, a fim de tornar o olhar mais sensível para os problemas sociais, de modo interdisciplinar, reconhecendo a necessidade de integrar os saberes e as ações para melhorar a qualidade de vida da comunidade escolar e da sociedade.

O desvelar dos achados deste estudo possibilitará uma reflexão para traçar intervenções em busca da efetivação da EAN, a começar pela discussão dos aspectos teóricos educacionais, a compreensão da EAN por parte dos atores da escola, e o reconhecimento de todos da EAN para a promoção da segurança alimentar e nutricional, além da saúde. E que seja considerada a prática dos atores da escola, reconhecendo as possibilidades e dificuldades que lhes permitam essa práxis. Com isso almejam-se novos rumos para a atuação destes profissionais, a fim de melhorar a qualidade de vida da comunidade escolar por meio da alimentação e nutrição com repercussões na sociedade.

Dessa forma, faz-se necessário o planejamento de intervenções que promovam o despertar desses profissionais para a questão da EAN na escola, considerando a escola, bem como os indivíduos parte integrante da sociedade, que sofre influência da conjuntura

econômica, política, social, cultural, cognitiva e afetiva. E assim, poder trilhar na direção da superação dos problemas existentes na escola e no sistema educacional.

Com relação à limitação deste estudo, considera-se o não acompanhamento das práticas do professor em sala de aula na escola. Assim, fazem-se necessárias novas pesquisas referentes ao processo de ensino do objeto de estudo (EAN na escola), com uma abordagem mais detalhada destas práticas, integrando-as a uma avaliação, junto aos alunos, dos conhecimentos discutidos em sala de aula. E assim, no futuro servir de subsídio para o desenvolvimento e análise de práticas em EAN efetivas no ambiente escolar. Além disso, consideram-se complexas as relações estabelecidas entre o planejamento do currículo escolar até a aplicabilidade na sala de aula, merecendo estudos aprofundados referentes à EAN neste contexto.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. M. A pesquisa em Representações Sociais: proposições teórico-metodológicas. IN: ALMEIDA, M.F.S.S.; ALMEIDA, L.M.; **Diálogos com a Teoria das Representações Sociais**. 2 ed. Recife: Ed Universitária UFPE, 2005, p 136-137.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 4 ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009, p. 45; 121-133; 145-148.
- BATISTA FILHO, M.; SHIRAIWA, T. Indicadores de Saúde para um Sistema de Vigilância Nutricional. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 98-104, jan/mar. 1989.
- BERNADON, R. et al. Construção de metodologia de capacitação em alimentação e nutrição para educadores. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 389-398, mai./jun. 2009.
- BIZZO, M. L. G. LEDER, L. Educação Nutricional nos Parâmetros Curriculares Nacionais Para o Ensino Fundamental. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 18, n. 5, p. 661-67, set./out. 2005.
- BOOG, M. C. F. Atuação do nutricionista em saúde pública na promoção da alimentação saudável. **Revista Ciência & Saúde**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 33-42, jan./jun. 2008.
- BOOG, M. C. F. Contribuições da Educação Nutricional à Construção da Segurança Alimentar. **Saúde em Revista**. Piracicaba, v. 6, n. 13, p. 17-23, out. 2004.
- BRASIL. Portaria nº 2.715, de 17 de novembro de 2011. Atualiza a Política Nacional de Alimentação e Nutrição. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 18 nov. 2011. Seção 1, p. 89.
- _____. Decreto nº 7.083, de 27 de janeiro de 2010. Dispõe sobre o Programa Mais Educação. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 27 jan. 2010a. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7083.htm >. Acesso em: 16 nov. 2011.
- _____. Conselho Federal de Nutricionistas. Resolução nº 465 de 25 ago. 2010. Dispõe sobre as atribuições do nutricionista, estabelece parâmetros mínimos de referencia no Programa de Alimentação Escolar (PAE) e da outras providencias. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 ago. 2010b. Seção 1, p. 118-119.
- _____. Resolução nº. 38 de 16 de julho de 2009. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar aos alunos da educação básica no PNAE. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 17 jul. 2009a. Seção 1, p. 10.
- _____. Lei Nº. 11.947 de 16 de junho de 2009. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da educação básica. Brasília, **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 17 jun. 2009b. Seção 1, p. 113.

_____. Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. Institui o Programa Saúde na Escola. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 06 dez. 2007a. Seção 1, p. 02.

_____. Portaria Normativa Interministerial nº17, de 24 de abril de 2007. Institui o Programa Mais Educação, que visa fomentar a educação integral de crianças, adolescentes e jovens, por meio do apoio a atividades sócio-educativas no contra turno escolar. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 26 abr. 2007b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=14887&Itemid=817>. Acesso em: 16 nov. 2011.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à saúde. Departamento de Atenção Básica. Coordenação Geral de Alimentação e Nutrição. **Guia Alimentar para a População Brasileira “Promovendo a Alimentação Saudável.”** Série A. Normas e Manuais Técnicos, 1ª ed. Brasília: Ed MS, 2006a, p.18-21; 32-35.

_____. Lei nº. 11.346 de 15 de setembro de 2006. Dispõe sobre a criação do Sistema de Segurança Alimentar e Nutricional - SISAN. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 18 set. 2006b. Seção 1, p. 1.

_____. Portaria Interministerial nº 1.010 de 8 de maio de 2006. Institui as diretrizes para a Promoção da Alimentação Saudável nas Escolas de educação infantil, fundamental e nível médio das redes públicas. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 09 mai. 2006c. Seção 1, p. 70.

_____. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio) 2000. Parte I - Bases Legais, p. 21. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12598:publicacoes&catid=195:seb-educacao-basica>. Acesso em: 12 set. 2010.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Volume 1. Brasília: MEC/SEF, 1997a, p. 36-37, 62-64, 111.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais e Ética**. Volume 8. Brasília: MEC/SEF, 1997b, p. 39-41.

CAMOSSA, A. C. A et al. Educação Nutricional: uma área em desenvolvimento. **Revista Alimentação e Nutrição**, São Paulo, Araraquara, v. 16, n. 4, p. 349-354, out./dez. 2005.

CANINÉ, E. S; RIBEIRO, V. M. B. A prática do nutricionista em escolas municipais do Rio de Janeiro: um espaço-tempo educativo. **Ciência & Educação**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 47-70, abr. 2007.

CASTRO, I. R. R.; CASTRO, L. M. C.; GUGELMIM, S. A. Ações Educativas, Programas e Políticas envolvidos nas mudanças alimentares. In: DIEZ-GARCIA, R. W; CERVATO-MANCUSO, A. M. **Mudanças Alimentares e Educação Alimentar e Nutricional**. 1ed. Rio de Janeiro: Ed Guanabara Koogan, 2011. p. 19-20.

COSTA, E. Q; RIBEIRO, V. M. B; RIBEIRO, E. C. O. Programa de alimentação escolar: espaço de aprendizagem e produção de conhecimento. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 14, n. 3, p. 225-229, set./dez. 2001.

DAVANÇO, G. M.; TADDEI, J. A. A. C.; GAGLIANONE, C. P. Conhecimentos, atitudes e práticas de professores de ciclo básico, expostos e não expostos a Curso de Educação Nutricional. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 17, n. 2, p.177-184, abr./jun. 2004.

DIEZ-GARCIA, R. W. Mudanças Alimentares: Implicações Práticas, Teóricas e Metodológicas. . In: DIEZ-GARCIA, R. W; CERVATO-MANCUSO, A. M. **Mudanças Alimentares e Educação Alimentar e Nutricional**. 1ed. Rio de Janeiro: Ed Guanabara Koogan, 2011. p. 3.

FRANCO, A. C., BOOG, M. C. F. Relação teoria-prática no ensino de educação nutricional. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 20, n. 6, p. 643-655, nov./dez. 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 48 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. p. 71-83.

GADOTTI, M. Perspectivas atuais da Educação. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 14, n. 2, p. 3-11, abr./jun. 2000.

IBGE. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Pesquisa de Orçamento Familiar, 2008/2009 – Antropometria e estado nutricional de crianças, adolescentes e adultos no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010a. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/pof/2008_2009_encaa/pof_20082009_encaa.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2011.

_____. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Resultado do Censo Demográfico 2010. Sinopse do Censo Demográfico 2010 Pernambuco. Machados – PE. Brasil**. Situação em 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010b. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/link.php?codmun=260910>> Acesso em: 12 nov. 2011.

_____. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Resultado do Censo Demográfico 2010. Sinopse do Censo Demográfico 2010 Pernambuco. Brasil. Situação em 2010**. Rio de Janeiro: IBGEc, 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse>>. Acesso em: 12 nov. 2011.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 1 ed. São Paulo: Ed Cortez, 1994, p. 54.

LUCK. H. Perspectivas da Gestão Escolar e Implicações quanto à Formação de seus Gestores. **Em Aberto**, Brasília, v. 17, n. 72, p. 11-33, fev./jun. 2000.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação**. 11 ed. São Paulo: Ed Cortez, 1994, p. 56-65.

LULIANO, B. A.; MANCUSO, A. M. C.; GAMBARDELLA, A. M. D. Educação nutricional em escolas de ensino fundamental do município de Guarulhos-SP. **O Mundo da Saúde**, São Paulo. v. 33, n. 3, p. 264-272, mai. 2009.

MANÇO, A. M.; COSTA, F. N. A. Educação Nutricional: Caminhos possíveis. **Revista Alimentação e Nutrição**, São Paulo, Araraquara, v. 15, n.2, p.145-153, abr./jun. 2004.

MINAYO, M. C. S. Ciência, Técnica e Arte: O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M.C.S. DESLANDES, A.F. GOMES, R. **Pesquisa Social Teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2009, p.48.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 11 ed.. São Paulo: Hucitec. 2008, p. 191-198.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 5 ed. São Paulo: Ed Cortez, 2002.

OLIVERA, I. A. Espaço Escolar – Território de Construção de Representações e Identidades. **Trilhas**, Belém, v.1, n.2, p. 56-65, nov. 2000.

PERNAMBUCO (Estado). Instrução Normativa nº 02 de 14 de janeiro de 2011. Dispõe sobre as Matrizes Curriculares da Educação Básica no âmbito das escolas da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco. Pernambuco, **Diário Oficial [de] Pernambuco, Brasil**. 29 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/elannialins/instruo-normativa-n-02-2011-republicada-29-jan-matrizes-curriculares>>. Acesso em: 16 nov. 2011.

PERNAMBUCO (Estado). Tribunal de Contas do Estado. Coordenadoria de Controle Externo. Departamento de Controle Estadual – Divisão de Contas dos Poderes Estaduais. Processo TC Nº 0901756-2 – Exercício 2008. Disponível em: <diretrizes e bases da educação...
www.tce.pe.gov.br/index.php?option=com_docman>Acesso em: 06 nov. 2010.

PORTILHO F., CASTEÑEDA M., CASTRO I. R. R. A alimentação no contexto contemporâneo: consumo, ação política e sustentabilidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 99-106, jan. 2011.

RAMOS, R. A educação e o conhecimento: uma abordagem complexa. **Educar**, Curitiba, n. 32, p. 75-86, 2008.

RIBEIRO, S. L. Espaço Escolar: um elemento (in)visível no currículo. **Sitientibus**, Feira de Santana, n 31, p. 103-118, jul./dez. 2004.

RODRIGUES, E. M.; BOOG, M.C.F. Problematização como estratégia de educação nutricional com adolescentes obesos. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 5, p. 923-931, mai. 2006.

SANTOS, L. A. S. Resgate Histórico da Educação Alimentar e Nutricional no Brasil: alguns desafios e dilemas. In: V ENCONTRO NACIONAL DO PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR, 2010. Bahia. **Seminários...** Bahia: UFBA – CECANE, 2010. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/index.php/ae-encontros-tecnicos>>. Acesso em: 08 mar. 2011.

SANTOS, L. A. S. Educação alimentar e nutricional no contexto da promoção de práticas alimentares saudáveis. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 8, n.5, p. 681-692, set./out. 2005.

SANTOS, M. J. F. S. Desenho de estudos e desenhos amostrais em pesquisa qualitativa. In: VÁRQUEZ, M. L. et al. **Introdução às técnicas qualitativas de pesquisa aplicadas em saúde, Materilas 168**. Grups de Recerca d' America id' Africa (Cursos GRAAL 5). Recife: Instituto Materno Infantil. Servei de Publicacions, Universitat Autònoma de Barcelona, p. 37, 2009.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 41 ed. Campinas, São Paulo: Ed Autores Associados LTDA. 2009, p. 3-5; 63-66.

SAVIANI, D. Introdução pedagogia e teoria da educação: referencias preliminares. In: _____. **A pedagogia no Brasil "História e Teoria"**. Ed Autores Associados LTDA. 2008, p.77-80.

SAWAYA, A. L. Comida e educação. **Estudos Avançados**, São Paulo, n. 58, v. 20, p. 113-118, set./dez. 2006.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO. Censo Escolar, 2009. Disponível em:<<http://www.educacao.pe.gov.br/>>. Acesso em: 08 nov. 2011.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE PERNAMBUCO. Espaço Professor. Leis e Orientações. Orientações Teóricas Metodológicas, 2008. Disponível em:<<http://www.educacao.pe.gov.br/>>. Acesso em: 08 nov. 2011.

SILVA, D. O; RECINE, E. G. I. G; QUEIROZ, E. F. O. Concepções de profissionais de saúde da atenção básica sobre a alimentação saudável no Distrito Federal, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n. 18, v. 5, p.1367-1377, set./out. 2002.

SOUZA, E. A. et al. Atividade física e alimentação saudável em escolares brasileiros: revisão de programas de intervenção. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 8, ago. 2011.

TASSITANO, R. M. et al. Prevalência e fatores associados ao sobrepeso e à obesidade em adolescentes, estudantes de escolas de Ensino Médio de Pernambuco, Brasil. **Cadernos Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n 12, p. 2639-2652, dez. 2009.

THIESEN, J. S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13 n. 39, p. 545-548, set./dez. 2008.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1 ed. São Paulo: Editora Atlas, 1987, p. 109-110, 146-152.

VALENTE, F. L. S. Em busca de uma Educação Nutricional crítica. In: _____. **Fome e Desnutrição, Determinantes sociais**. 2 ed. São Paulo: Ed Cortez. 1989, p. 74-90.

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. Improving Health Through Schools National and International Strategies School Health Component of for Health Promotion. Who information series onschoolhealth. Genebra, 1999. 123 p.

APÊNDICE A – Quadro 1: Distribuição das Gerências Regionais de Educação (GRE) segundo número de escolas da rede estadual e municípios de Pernambuco, Brasil, 2010.

Gerências Regionais de Educação	Nº de Escolas	Municípios
1. Recife Norte	92	Recife
2. Recife Sul	104	Recife
3. Metropolitana Norte	112	Abreu e Lima, Araçoiaba, Igarassu, Itamaracá, Itapissuma, Olinda e Paulista.
4. Metropolitana Sul	105	Cabo de Santo Agostinho, Camaragibe, Ipojuca, Jaboatão dos Guararapes, Moreno e São Lourenço da Mata.
5. Mata Norte	62	Aliança, Buenos Aires, Camutanga, Carpina, Condado, Ferreiros, Goiana, Itambé, Itaquitinga, Lagoa do Carro, Macaparana, Nazaré da Mata, Paudalho, São Vicente Ferrer, Timbaúba, Tracunhaém, Vicência.
6. Mata Centro	40	Barra de Guabiraba, Bezerros, Bonito, Camocim de São Félix, Chã de Alegria, Chã Grande, Escada, Glória do Goitá, Gravatá, Pombos, Sairé, São Joaquim do Monte, Vitória de Santo Antão.
7. Mata Sul	35	Água Preta, Amaraji, Belém de Maria, Catende, Cortês, Jaqueira, Joaquim Nabuco, Lagoa dos Gatos, Maraiá, Palmares, Primavera, Quipapá, Ribeirão, São Benedito do Sul, Xexéu.
8. Litoral Sul	17	Barreiros, Gameleira, Rio Formoso, São José da Coroa Grande, Sirinhaém, Tamandaré.
9. Vale do Capibaribe	39	Bom Jardim, Casinhas, Cumaru, Feira Nova, Frei Miguelinho, João Alfredo, Lagoa de Itaenga, Limoeiro, Machados, Orobó, Passira, Salgadinho, Santa Maria do Cambucá, Surubim, Vertente do Lério, Vertentes.
10. Agreste Centro Norte	64	Agestina, Altinho, Belo Jardim, Brejo da Madre de Deus, Cachoeirinha, Caruaru, Cupira, Ibirajuba, Jatauba, Panelas, Riacho das Almas, Santa Cruz do Capibaribe, São Caetano, Tacaimbó, Taquaritinga do Norte, Toritama.
11. Agreste Meridional	60	Águas Belas, Angelim, Bom Conselho, Brejão, Caetés, Calçado, Canhotinho, Capoeiras, Correntes, Garanhuns, Iati, Itaiba, Jucati, Jupi, Jurema, Lagoa do Ouro, Lajedo, Palmeirinha, Paranatama, Saloá, São Bento do Una, São João, Terezinha.
12. Sertão do Moxotó	103	Alagoinha, Arcoverde, Betânia, Buíque, Custódia, Ibimirim, Inajá, Manari, Pedra, Pesqueira, Poção, Sanharó, Sertânia, Tupanatinga, Venturosa.
13. Sertão do Alto Pajeú,	45	Afogados da Ingazeira, Brejinho, Calumbi, Carnaíba, Flores, Iguaraci, Ingazeira, Itapetim, Quixaba, Santa Cruz da Baixa Verde, Santa Terezinha, São José do Egito, Serra Talhada, Solidão, Tabira, Triunfo, Tuparetama.
14. Sertão do Submédio São Francisco	72	Belém do São Francisco, Carnaubeira da Penha, Floresta, Itacuruba, Jatobá, Petrolândia, Tacaratu.
15. Sertão do Médio São Francisco	84	Afrânio, Cabrobó, Dormentes, Lagoa Grande, Orocó, Petrolina, Santa Maria da Boa Vista.
16. Sertão Central	37	Cedro, Mirandiba, Moreilândia, Parnamirim, Salgueiro, São José do Belmonte, Serrita, Terra Nova, Verdejante.
17. Sertão do Araripe	31	Araripina, Bodocó, Exu, Granito, Ipubi, Ouricuri, Santa Cruz de Malta, Santa Filomena, Trindade.

APÊNDICE B – Roteiro da Entrevista

PROJETO: CONHECIMENTOS, PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DE EDUCADORES E NUTRICIONISTAS SOBRE A
EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NO AMBIENTE ESCOLAR

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Nome: _____ Data: ____/____/____

Nº Roteiro: ____ Horário de Início da Entrevista: _____ h Término da Entrevista: _____ h

Entrevistado: Educador da SEE

1. Idade: ____ (anos). 2. Sexo: (a) Masculino (b) Feminino 3. Formação _____

4. Escolaridade/ Especificar (a) Superior Incompleto _____
(b) Superior Completo _____
(c) Especialização _____
(d) Mestrado _____
(e) Doutorado _____

5. Atualmente está estudando: (a) Sim (b) Não

Se Sim o que: (a) Ensino formal (b) Cursos

Qual: _____

6. Cargo e função: _____

7. Experiência como professor (a) em Escola Pública estadual:

Disciplinas que lecionou: _____

Séries que lecionava: _____

Quantidade de turmas que lecionava: _____

8. Tempo de experiência no cargo como professor: _____

9. Tempo de experiência no cargo atual: _____

10. Vínculo empregatício atual: (1) Estatutário (2) Contratado

11. Participação em curso referente à Alimentação:

Perguntas Norteadoras

1. De acordo com seus conhecimentos, o que você sabe sobre a Educação Alimentar e Nutricional (EAN) na escola?
2. Como você percebe as ações e atividades de EAN nas escolas?
3. Em sua opinião, o que pode ser feito em termos de EAN no ambiente escolar?

APÊNDICE B – Roteiro da Entrevista

PROJETO: CONHECIMENTOS, PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DE EDUCADORES E NUTRICIONISTAS SOBRE A
EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NO AMBIENTE ESCOLAR

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Nome: _____ Data: ____/____/____

Nº Roteiro: ____ Horário de Início da Entrevista: _____ h Término da Entrevista: _____ h

Entrevistado: Educador da Escola

1. Idade: ____ (anos). 2. Sexo: (a) Masculino (b) Feminino

3. Formação _____

4. Escolaridade/ (a) Superior Incompleto _____
Especificar (b) Superior Completo _____
 (c) Especialização _____
 (d) Mestrado _____
 (e) Doutorado _____

5. Atualmente está estudando: (a) Sim (b) Não
Se Sim o que: (a) Ensino formal (b) Cursos
Qual: _____

6. Experiência como professor (a) em Escola Pública estadual:
Disciplinas que leciona: _____
Séries que leciona: _____
Quantidade de turmas que leciona: _____

7. Tempo de experiência no cargo como professor: _____

8. Vínculo empregatício atual: (1) Estatutário (2) Contratado

9. Participação em curso referente à Alimentação:

Perguntas Norteadoras

1. De acordo com seus conhecimentos, o que você sabe sobre a Educação Alimentar e Nutricional (EAN) na escola?
2. Como você percebe as ações e atividades de EAN na escola? E na sua sala de aula?
3. Em sua opinião, o que pode ser feito em termos de EAN no ambiente escolar?

APÊNDICE B – Roteiro da Entrevista

PROJETO: CONHECIMENTOS, PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DE EDUCADORES E NUTRICIONISTAS SOBRE A
EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NO AMBIENTE ESCOLAR

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Nome: _____ Data: ____/____/____

Nº do Roteiro: _____ Horário de Início da Entrevista: _____ h Término da Entrevista: _____ h

Entrevistado: Nutricionista

CARACTERIZAÇÃO

GRE:	MUNICÍPIO:

1. Idade: ____ (anos). 2. Sexo: (a) Masculino (b) Feminino
3. Formação/ ano de conclusão _____ Qual a IES: _____
4. Escolaridade: (a) Especialização (b) Mestrado (c) Doutorado
Qual área da pós-graduação: _____
Cursos na área do PNAE: _____
5. Atualmente está fazendo algum curso: (1) Sim (2) Não
Se Sim o que: (1) Ensino formal (2) Cursos Quais: _____
6. Possuía experiência profissional no PNAE antes deste emprego atual: (a) Sim (b) Não
7. Tempo de atuação no PNAE do estado: _____
8. Nº de escolas sob responsabilidade técnica: _____
9. Nº de alunos sob responsabilidade técnica: _____
10. Vínculo empregatício atual: (1) Estatutário (2) Contratado

FORMAÇÃO ACADÊMICA EM EDUCAÇÃO NUTRICIONAL

11. Você considera importante a disciplina de Educação Alimentar e Nutricional?
(a) Sim, por que: _____
(b) Não, por que: _____
(c) Um pouco, por que: _____
12. Você considera que sua formação na graduação foi suficiente para trabalhar a EAN na escola?
(a) Sim, por que: _____
(b) Não, por que: _____
(c) Um pouco, por que: _____

Perguntas Norteadoras

1. De acordo com seus conhecimentos, o que você sabe sobre a Educação Alimentar e Nutricional (EAN) na escola?
2. Como você percebe as ações e atividades de EAN na escola?
3. Em sua opinião, o que pode ser feito em termos de EAN no ambiente escolar?

APÊNDICE C – Grelhas

APÊNDICE C – Grelhas

Questão 1	Transcrição das falas Nutri 8 - 21 minutos e 49 segundos	Núcleo de Sentido	Trecho da Entrevista	Codificação Códigos	Subcategorias	Categoria Temática
De acordo com os seus conhecimentos, o que você sabe sobre a EAN na escola?	(Pensando) Eu entendo... bom... mais assim é... A Educação Nutricional na escola vai através de... de transmissão, de saber transmitir o seu conhecimento para outras pessoas na linguagem deles, na linguagem da criança, na linguagem do estudante. Então, são técnicas que você <i>adquire ao longe</i> do seu, das suas <i>experiências práticas</i> , onde consegue <i>transmitir</i> essa educação alimentar. E não é só um dia, nem dois, são todos os dias, esse é <i>uma prática constante na vida</i> , principalmente na nossa profissão que é <i>trabalhar com aluno, dinâmicas</i> , é... saber se <i>expressar na linguagem deles</i> . Então, não é eu chegar, querer e conseguir, <i>eu sei o conteúdo</i> , eu sei a <i>importância, mas saber passar... eles entenderem... tem que ter um jeito... transmitir isso... desenhos, dinâmicas e conversas, depoimentos</i> deles... a gente sabe que a	... transmissão... saber transmitir... conhecimento na linguagem deles... ... são técnicas... adquirir ao longe... experiências práticas... transmitir... ... é uma prática constante na vida... trabalhar... dinâmicas... expressar na linguagem deles... ... eu sei o conteúdo... importância, mas saber passar... eles entenderem... tem que ter um jeito... transmitir isso... desenhos, dinâmicas e conversas, depoimentos deles...	... A Educação Nutricional na escola vai através de... de transmissão, de saber transmitir o seu conhecimento para outras pessoas na linguagem da criança, na linguagem do estudante... ... são técnicas que você <i>adquire ao longe</i> do seu, das suas <i>experiências práticas</i> , onde consegue <i>transmitir</i> essa educação alimentar... ... E não é só um dia, nem dois, são todos os dias, esse é <i>uma prática constante na vida</i> , principalmente na nossa profissão que é <i>trabalhar com aluno, dinâmicas</i> , é... saber se <i>expressar na linguagem deles</i> não é eu chegar, querer e conseguir, <i>eu sei o conteúdo</i> , eu sei a <i>importância, mas saber passar para eles, para eles entenderem</i> o que eu quero passar, <i>ai você tem que ter um jeito</i> para fazer isso, para <i>transmitir</i> isso através de <i>desenhos</i> ,	Saber transmitir o conhecimento com base na linguagem dos alunos Envolve técnicas de ensino adquiridas na prática profissional É uma prática continua na profissão do nutricionista, o trabalho com dinâmicas sobre EAN expressadas na linguagem dos alunos Para ser educador não basta apenas saber o conteúdo, é preciso ter habilidade em transmitir o conhecimento na linguagem dos alunos, utilizando dinâmicas, conversas e depoimentos, assim a aprendizagem se torna mais fácil e factível	É uma atividade continua do nutricionista, que envolve técnicas de ensino, como dinâmicas adquiridas na prática profissional Para trabalhar a EAN não basta apenas saber o conteúdo, é preciso ter habilidade em transmitir o conhecimento na linguagem dos alunos, utilizando dinâmicas, conversas e depoimentos, assim a aprendizagem se torna mais fácil e factível	

APÊNDICE C – Grelhas

<p>alimentação é um eixo para tudo, né, para uma <i>melhor</i> é... <i>aprendizagem</i>, uma <i>melhor qualidade de vida</i>. Então, é importante porque aí é que vem a <i>educação</i>, o <i>conhecimento</i> tanto <i>teórico</i> como <i>prático</i> do, da importância da <i>alimentação saudável</i>. A <i>alimentação saudável</i> é aqueles <i>hábitos</i>..., é uma alimentação em que <i>tem todos os nutrientes</i>, tem tudo o que o corpo necessita para um bom desenvolvimento, como as <i>proteínas</i>, <i>vitaminas</i>, <i>sais minerais</i>, <i>ser completo</i> e <i>variado</i> também. Que uma alimentação só é completa quando ela é variada. E naturalmente, claro, né, <i>sem ser</i> a questão de <i>industrializada</i>. <i>Alimentação natural</i> que a gente sabe que é tem uma aceitação muito pouca, mas agora está <i>aumentando</i> a aceitação, <i>aceitabilidade</i> desses alimentos, <i>dessa prática de alimentar-se bem</i>, com qualidade. O <i>nutricionista tem um papel</i> muito importante agora é... sempre teve, né, mas agora é que está sendo, sendo <i>reconhecido um pouco a necessidade dele em está em escola</i> e em outra instituição, que <i>promova alimentação, que promova a vida saudável</i>, né. Então, é importante esse acompanhamento a... como é que eu posso dizer, a qualidade, a qualidade do... a qualidade da educação relacionado a alimentação, a vida saudável. Então, ele (nutricionista) está <i>inserido nessa importância de promover a qualidade de vida</i> tanto na escola quanto em casa. É o tema, é um <i>tema bem sugestivo</i></p>	<p>... importante... maneira de transmitir... eles aprendem mais facilmente... praticam... ... transformação... ... alimentação... eixo... melhor... aprendizagem... de qualidade de vida... ... educação... conhecimento... teórico... prático... alimentação saudável... ... alimentação saudável... todos os nutrientes... proteínas, vitaminas... minerais, completo... sem ser industrializada... alimentação natural... aumentando... de prática</p>	<p><i>dinâmicas e conversas, depoimentos deles</i> próprios também... ... É importante você ter essa maneira de transmitir, porque eles aprendem mais facilmente e eles praticam, eles põem em prática... ... Então, por pouquinho que seja, mas eles vão transmitir, eles estão aprendendo, né. E começa a <i>transformação</i>, essa... a <i>educação</i> mesmo... ... a <i>alimentação</i> é um eixo para tudo, né, para uma <i>melhor</i> é... <i>aprendizagem</i>, uma <i>melhor qualidade de vida</i>... ... Então, é importante porque aí é que vem a <i>educação</i>, o <i>conhecimento</i> tanto <i>teórico</i> como <i>prático</i> do, da importância da <i>alimentação saudável</i>... ... A <i>alimentação saudável</i> é aqueles <i>hábitos</i>..., é uma <i>alimentação</i> em que <i>tem todos os nutrientes</i>, tem</p>	<p>É um tema importante para proporcionar melhor aprendizagem escolar e qualidade de vida A EAN é o conhecimento teórico e prático sobre alimentação saudável, que consiste em consumir alimentos naturais, não industrializados, variados, equilibrados com todos os nutrientes, de forma a melhorar a aprendizagem escolar e qualidade de vida</p>	<p>A EAN é ter o conhecimento teórico e prático sobre alimentação saudável, que consiste em consumir alimentos naturais, não industrializados, variados, equilibrados com todos os nutrientes, de forma a melhorar a aprendizagem escolar e qualidade de vida</p>
---	--	--	--	---

APÊNDICE C – Grelhas

<p>Educação Alimentar e Nutricional, um tema muito <i>importante</i>. E se praticar melhor ainda, porque <i>é difícil, não é fácil</i> você é... <i>passar</i> essa educação, você <i>transmitir</i>. A pessoa que está ouvindo, que já tem uma... <i>já tem um conceito de comida</i> e para você quebrar isso, <i>dizer que os alimentos saudáveis é assim, que tem que ter horário</i>, tem que ter <i>qualidade</i>, que tem que ter <i>quantidade</i>. E para quem está iniciando, <i>para quem está ouvindo a primeira vez, a segunda vez é difícil</i>. Ai a partir da terceira, da quarta você já vai tendo um <i>olhar diferente</i>, já vai mudando alguns hábitos. <u>Gostaria de falar algo mais sobre a EAN na escola? Não, não. Vamos a segunda pergunta</u></p>	<p><i>alimentar-se bem...</i></p> <p>... <i>tema bem sugestivo... importante...</i></p> <p>... <i>é difícil, não é fácil... passar... transmitir...</i></p> <p><i>pessoa... já tem um conceito de comida ... dizer que os alimentos saudáveis é assim... tem que ter horário... qualidade...</i></p> <p>... <i>para quem está ouvindo a primeira... segunda vez é difícil... partir da terceira, da quarta... olhar</i></p>	<p>tudo o que o corpo necessita para um bom desenvolvimento, como as <i>proteínas, vitaminas, sais minerais, ser completo e variado</i> também... E <i>sem ser</i> a questão de naturalmente, claro, né, <i>industrializada</i>. <i>Alimentação natural</i> que a gente sabe que é tem uma aceitação muito pouca, mas agora está <i>avaliando</i> a aceitação, desse alimentos, dessa <i>prática de alimentar-se bem</i>, com qualidade...</p> <p>... <i>é um tema bem sugestivo</i> Educação Alimentar e Nutricional, um tema muito <i>importante...</i></p> <p>... se praticar melhor ainda, porque <i>é difícil, não é fácil</i> você é... <i>passar</i> essa educação, você <i>transmitir</i>. A pessoa que está ouvindo, que já tem uma... <i>já tem um conceito de comida</i> e para você quebrar isso, <i>dizer que os alimentos saudáveis é assim, que tem que ter horário</i>, tem que ter <i>qualidade</i>, que</p>	<p>Os primeiros contatos do aluno com a EAN é difícil, a partir dos demais forma-se um olhar diferente que se expressa através de mudanças nos hábitos alimentares</p>	<p>Há dificuldade em trabalhar a EAN, pois as pessoas já possuem um conceito sobre comida e hábitos alimentares, contudo após diversos contatos com o tema observa-se um olhar diferente e mudanças no comportamento alimentar</p>	
--	---	---	--	--	--

APÊNDICE C – Grelhas

Questão 2	Transcrição das falas Nutri 8	Núcleo de Sentido	Trecho da Entrevista	Codificação Códigos	Subcategorias	Categoria Temática
Como você percebe as ações e atividades de EAN nas escolas?	Através de <i>feira de ciências, feira da alimentação</i> . Através dos <i>estudos deles</i> (alunos), de <i>pesquisas</i> , onde eles <i>expõem uma vez ou duas vezes ao ano saudável</i> . Ai pesquisam, e expõem o que eles acham que seja. Ai a gente ver <i>o interesse é o aprendizado que é pouco</i> , não é. Não é assim, ah... aprendeu hoje e já está praticando, né? Não. É aos pouquinhos, <i>cada dia aprender e praticar um pouquinho</i> . Acho que a curiosidade do aluno, que a partir do momento que ele ver na escola, ele tem curiosidade de saber mais um pouquinho. Ele <i>vê na escola através de... da disciplina</i> , que <i>tem uma disciplina com este conteúdo</i> , com este tema, e também, agora também com as nossas, com as <i>visitas dos nutricionista</i> , com as <i>palestras</i> que eles dão, que elas (nutricionistas) dão. Então, isso vai abrir o despertar do aluno para <i>alimentação saudável</i> . Como acontecem essas palestras? As	... <i>feira de ciências, feira da alimentação</i> <i>estudos deles... pesquisas... expõem uma vez ou duas vezes ao ano na escola...</i> ... <i>dia da alimentação saudável...</i> ... <i>interesse e o aprendizado que é pouco... cada dia aprender e praticar um pouquinho...</i> ... <i>vê na escola através... da disciplina... tem uma disciplina</i>	tem que ter <i>quantidade...</i> ... É para quem está iniciando, <i>para quem está ouvindo a primeira vez, a segunda vez é difícil</i> . Ai a partir da <i>terceira, da quarta</i> você já vai tendo um <i>olhar diferente</i> , já vai mudando alguns hábitos...	Através de <i>feira de ciências e feira da alimentação saudável</i> Na <i>vivência do Dia da Alimentação Saudável</i> , uma ou duas vezes ao ano, os alunos fazem pesquisas sobre o tema O <i>interesse, o aprendizado e a prática do aluno em relação ao tema é pequeno e gradativo a cada dia</i> O conteúdo da EAN está presente em <i>disciplina e o aluno vê este na escola</i> Visitas <i>escolares e</i>	Vivenciadas em <i>Feira de Ciências, Feira da Alimentação Saudável, Dia da Alimentação Saudável</i> , onde os alunos fazem pesquisas sobre o tema O aluno <i>vê a EAN na escola por meio de conteúdo na sala de aula; através das visitas escolares e das palestras do nutricionista, sendo às palestras dependentes do calendário e necessidade da escola, bem como da disponibilidade de</i>	

APÊNDICE C – Grelhas

<p><i>palestras sempre acontecem de acordo com é... com as atividades da escola e a disponibilidade do nutricionista, como, por exemplo, muitas escolas não tem como você dar todo mês uma palestra, para uma escola só. Então, vai de acordo com o cronograma da nutricionista sente em trabalhar aquela para fazer todo mês as palestras? A palestra é... não dar tempo assim ser todo mês, mensal, realmente não tem para um nutricionista. Então, não tem como você atender, você dar uma palestra a cada... todo mês em uma escola, na mesma escola... é uma escola, a outra e assim vai. Que são oitenta escolas, no meu caso, né? Que porque não tem só palestra, tem todo outro trabalho, tem é... acompanhamento, tem avaliação nutricional. Então, é como eu disse é a maneira, é a disponibilidade e a necessidade que o nutricionista sente de fazer este trabalho. Além de feiras de ciências, das ações que você relatou você já presenciou mais alguma, já viu mais alguma? E... foi trabalhado também além de feiras da alimentação saudável, foi trabalhado também a questão de controle de doenças, controle das doenças não transmissíveis como é hipertensão, obesidade, é diabetes. Então, foi trabalho... isso comigo juntamente com os alunos, e alunos da faixa etária</i></p>	<p><i>com este conteúdo... ... visitas dos nutricionista... palestras... ... palestras... acontecem de acordo... com as atividades da escola e a disponibilidade do nutricionista ... vai de acordo com o cronograma da escola e... necessidade que o nutricionista sente... ... palestra... não dar tempo assim ser todo mês... porque são muitas escolas para um nutricionista... ... não tem como... atender... dar uma palestra... todo mês... ... disponibilidade e</i></p>	<p><i>conteúdo, com este tema... ... e também, agora também com as nossas, com as visitas dos nutricionista, com as palestras que eles dão, dão... isso vai abrir o despertar do aluno para alimentação saudável. ... As palestras sempre acontecem de acordo com é... com as atividades da escola e a disponibilidade do nutricionista, como, por exemplo, muitas escolas não tem como você dar todo mês uma palestra, para uma escola só... Então, vai de acordo com o cronograma da escola e com a necessidade que o nutricionista sente em trabalhar aquela naquela escola... ... A palestra é... não dar tempo assim ser todo mês, mensal, realmente não tem condições, porque são muitas escolas para um nutricionista... ... disponibilidade e</i></p>	<p><i>palestras, sendo essas últimas exercidas de acordo com o calendário e necessidade da escola, bem como disponibilidade do nutricionista, pois há muitas escolas para um nutricionista, impossibilitando esta atividade mensal em cada escola</i></p>	<p><i>tempo do nutricionista, sendo esta última atividade não continua em cada escola</i></p> <p><i>As atividades de EAN são executadas de acordo com a faixa etária dos alunos, para os de maior idade, realizam-se palestras expositivas (prevenção de doenças crônicas não transmissíveis), seguida de práticas de diagnósticos (afirmação da pressão arterial, glicemia), e também distribuição de folder, para os alunos de menor faixa etária utiliza-se abordagens lúdicas e interativas (teatro, jogo, palavra cruzadas), sendo observado que o interesse, aprendizado e a prática do aluno em relação ao tema é pequeno e gradativo</i></p>	<p><i>Para alunos de maior faixa etária, é realizada a palestra como uma exposição do conteúdo, abordando o controle de doenças não transmissíveis (hipertensão arterial, obesidade, diabetes), seguida de práticas de diagnóstico (afirmação da pressão arterial, glicemia), e</i></p>
--	--	---	---	--	---

APÊNDICE C – Grelhas

	<p><i>mais adulta</i> no caso, né, à noite. Então, é trabalhar também essa parte de controle das enfermidades não transmissíveis, através da <i>exposição do conteúdo e de... e de práticas</i> também <i>verificação de pressão</i>, verificação de <i>glicemia</i>, é... distribuição de matérias como <i>folder</i>, como <i>panfleto</i>. E você gostaria de complementar mais algo sobre as ações que aconteceram nas <u>escolas relacionadas à Educação Alimentar e Nutricional?</u> Não tem assim, que são várias as coisas que a gente faz no dia a dia de diferente, mas assim além da, da, do que foi relatado, também a questão de <i>teatrinho</i> para os <i>menorzinhos</i> de, da primeira fase, <i>teatro com apresentações</i> de... dos <i>alimentos tanto saudáveis como não saudáveis, a diferença</i>... que é que vai, qual é o melhor para eles identificarem, para eles. Então, além de... do teatro de você ter o papel, eles também terem, é se enturma também através dessa minha personagem vivenciada é torna-se... <i>Jogos</i> também, <i>folder</i>... <i>jogos educativos</i> através de... <i>palavras com alimentação saudável para eles</i> (alunos) <i>fazerem as cruzadinhas</i>. Então, são essas coisas assim que a gente utiliza para chamar a atenção dos <i>menorzinhos</i>... É... assim, eu particularmente é estou querendo, montando um <i>projeto para avaliar a área indígena</i>, os alunos da área indígena, porque ainda não tenho esse, esse, eu ainda não tenho essa informação. Então, <i>avaliar e em cima dos resultados fazer intervenção</i>. É o</p>	<p><i>a necessidade que o nutricionista sente de fazer este trabalho</i>... ... <i>feiras da alimentação saudável</i>... ... <i>controle de doenças... não transmissíveis... hipertensão... obesidade... diabetes... alunos da faixa etária mais adulta</i>... ... <i>exposição do conteúdo e de... e de práticas... verificação de pressão... glicemia, ... folder... panfleto</i>... ... <i>teatrinho... menorzinhos... teatro com apresentações... alimentos ... saudáveis como não saudáveis, a diferença</i>... ... <i>Jogos... jogos educativos</i>...</p>	<p>... Então, <i>não tem como você atender, você dar uma palestra</i> a cada... <i>todo mês</i> em uma escola, na mesma escola... é uma escola, a outra e assim vai. Que são oitenta escolas... ... tem todo outro trabalho, tem é... acompanhamento, tem avaliação nutricional. Então, é como eu disse é a maneira, é a <i>necessidade que o nutricionista sente de fazer este trabalho</i>... ... É... foi trabalhado também além de <i>feiras da alimentação saudável</i>... ... foi trabalhado também a questão de <i>controle de doenças</i>, controle das <i>doenças não transmissíveis</i> como é <i>hipertensão, é obesidade, é diabetes</i>. Então, foi trabalhado... isso comigo juntamente com os <i>alunos, e alunos da faixa etária mais adulta</i> no caso, né, à noite... ... , é trabalhar também</p>	<p>distribuição de folder Para alunos de menor faixa etária é utilizado o teatro, que expõe a diferença entre os alimentos saudáveis e não saudáveis, jogos educativos, palavras cruzadas com o temática da alimentação e nutrição Nutricionista planeja projeto para realizar a avaliação nutricional dos alunos de escolas indígenas, para a partir dessa realizar as intervenções em EAN</p>	<p>Projeto sendo planejado com intuito de avaliar o estado nutricional dos alunos de escolas indígenas, e a partir dessa realizar as intervenções em EAN</p>
--	--	--	---	---	--

APÊNDICE C – Grelhas

	<p>que eu pretendo. Você gostaria de falar mais sobre as ações e atividades de EAN das escolas? Não, só isso mesmo.</p>	<p><i>palavras com alimentação saudável para eles fazerem... cruzadinhas...</i></p> <p><i>... projeto para avaliar a área indígena... avaliar e em cima dos resultados fazer intervenção...</i></p> <p><i>... fazem a horta e a comunidade... degrada... se a comunidade tivesse esse olhar da importância...</i></p> <p><i>... eu me prontifico a ajudar também...</i></p>	<p>essa parte de controle das enfermidades não transmissíveis, através da <i>exposição do conteúdo e de... e de práticas</i> também <i>verificação de pressão</i>, verificação de <i>glicemia</i>, é... distribuição de matérias como <i>folder</i>, como <i>panfleto</i>...</p> <p>... a questão de <i>teatrinho</i> para os <i>menorzinhos</i> de, da primeira fase, <i>teatro com apresentações</i> de... dos <i>alimentos</i> tanto <i>saudáveis</i> como <i>não saudáveis</i>, a <i>diferença</i>... que é que vai, qual é o melhor para eles identificarem...</p> <p><i>... Jogos também, jogos educativos</i> através de... <i>palavras com alimentação saudável para eles</i> (alunos) <i>fazerem as cruzadinhas</i>. Então, são essas coisas assim que a gente utiliza para chamar a atenção dos <i>menorzinhos</i>...</p> <p>... estou querendo, montando um <i>projeto para avaliar a área indígena</i>, os alunos da área indígena, porque ainda não tenho esse,</p>		
--	---	---	--	--	--

APÊNDICE C – Grelhas

<i>esse, eu ainda não tenho essa informação. Então, avaliar e em cima dos resultados fazer intervenção...</i>

APÊNDICE C – Grelhas

Questão 1	Transcrição das falas Educador 7 - 18 minutos e 9 segundos	Núcleo de Sentido	Trecho da Entrevista	Codificação Códigos	Subcategorias	Categoria Temática
De acordo com os seus conhecimentos, o que você sabe sobre a Educação Alimentar e Nutricional na escola?	Rapaz, eu... a gente que está em sala de aula sempre ouve né, falar que <i>hoje em dia</i> está tendo uma <i>preocupação maior</i> com a questão da <i>alimentação</i> , que antes não existia. E essas contratações de <i>peessoas da área</i> para <i>vê a questão da nutrição</i> , o que é essencial para as <i>crianças</i> . E sempre vem sendo informado nas <i>escolas</i> esse <i>cuidado</i> que o governo está tendo com essa <i>área</i> , que antes não tinha tanto. E também na questão até do <i>balanceamento</i> que a gente vê pela <i>merenda</i> nas escolas, que hoje se tem uma <i>alimentação mais balanceada e mais saudável</i> nas escolas. Como seria essa <i>alimentação balanceada</i> , mais <i>saudável</i> ? A gente vê é uma <i>mistura de nutrientes</i> bem... a questão da <i>proteína</i> , da <i>fibra</i> , do <i>próprio leite</i> , dos <i>derivados de leite</i> , o <i>iogurte</i> , <i>cereais</i> . A gente vê que... como no todo você ler, vê em internet, revistas, que há uma grande preocupação com a questão do <i>balanceamento</i> desses <i>nutrientes</i> , que isso é <i>importante</i> para o <i>metabolismo</i> do corpo. Como você entende educação alimentar e nutricional na escola? Eu acho que é uma <i>forma de realmente pensar</i> , se <i>reeducar</i> na <i>questão dos alimentos</i> , porque <i>hoje em dia</i> há uma <i>quantidade imensa</i> de <i>alimentos</i> que são <i>desfavoráveis à saúde</i> , os <i>fast food</i> estão aí a todo o momento, as <i>peessoas</i> se alimentando devido à <i>correria</i> exacerbada da	... <i>hoje...</i> <i>preocupação maior...</i> <i>alimentação...</i> ... <i>peessoas da área...</i> <i>vê a questão da nutrição...</i> <i>crianças...</i> ... <i>balanceamento...</i> <i>merenda...</i> <i>alimentação mais balanceada e mais saudável...</i> ... <i>vê... mistura...</i> <i>nutrientes...</i> <i>proteína...</i> <i>fibra...</i> <i>leite...</i> <i>derivados de leite...</i> <i>cereais...</i> ... <i>balanceamento...</i> <i>nutrientes...</i> <i>importante...</i>	... que <i>hoje em dia</i> está tendo uma <i>preocupação maior</i> com a questão da <i>alimentação</i> , que antes não existia... ... E essas contratações de <i>peessoas da área</i> para <i>vê a questão da nutrição</i> , o que é essencial para as <i>crianças</i> . E sempre vem sendo informado nas <i>escolas</i> esse <i>cuidado</i> ... está tendo com essa <i>área</i> questão até do <i>balanceamento</i> que a gente vê pela <i>merenda</i> nas escolas, que hoje se tem uma <i>alimentação mais balanceada e mais saudável</i> nas escolas... ... A gente vê é uma <i>mistura de nutrientes</i> bem... a questão da <i>proteína</i> , da <i>fibra</i> , do <i>próprio leite</i> , dos <i>derivados de leite</i> , o <i>iogurte</i> , <i>cereais</i> uma grande preocupação com a questão do	Atualmente existe uma preocupação maior com a merenda da escola Existência de nutricionistas para cuidar da nutrição dos alunos na escola Existência de uma merenda mais balanceada e saudável na escola A merenda na escola contempla alimentos diversos, havendo um balanceamento de nutrientes, considerado importante para o metabolismo	Existem nutricionistas para cuidar da merenda escolar, bem como uma preocupação maior no balanceamento desta que se expressa na diversidade de alimentos saudáveis, considerados importante para o metabolismo A EAN é repensar a alimentação como fundamental para a saúde, para formação de hábitos alimentares na tentativa de reverter o consumo de alimentos não saudáveis na população, apesar da vida agitada e da grande disponibilidade e praticidade desses últimos	

APÊNDICE C – Grelhas

	<p>questão da <i>população</i> mesmo, porque <i>hoje não se tem tempo de parar para comer, de vê o quê que realmente faz bem para a saúde, o quê não faz.</i> Tem a questão da obesidade que está muito presente no dia a dia, e as pessoas não há, não havia, não há uma preocupação. E <i>hoje</i> já se está <i>repensando</i> um pouco essa questão que a <i>alimentação é fundamental a saúde,</i> é importante que as <i>pessoas se reeduque</i> nesta questão, querendo vê o <i>melhor qualidade de vida.</i></p>	<p><i>metabolismo...</i></p> <p><i>...forma de... repensar... reeducar... questão dos alimentos... hoje... quantidade imensa... alimentos... desfavoráveis a saúde...</i></p> <p><i>... população... hoje não... tem tempo de parar... comer... vê o quê... faz bem... a saúde, o quê não faz...</i></p> <p><i>...hoje... repensando... alimentação... a saúde... pessoas se reeduque... proporcionar uma melhor qualidade de vida.</i></p>	<p><i>balançamento</i> desses nutrientes, que isso é importante para o <i>metabolismo</i> do corpo...</p> <p><i>... acho que é uma forma de realmente repensar, se reeducar na questão dos alimentos, porque hoje em dia há uma quantidade imensa de alimentos que são desfavoráveis a saúde, os fast food estão aí...</i></p> <p><i>... devido à correria exacerbada da questão da população mesmo, porque hoje não se tem tempo de parar para comer, de vê o quê que realmente faz bem para a saúde, o quê não faz...</i></p> <p><i>... E hoje já se está repensando um pouco essa questão que a alimentação fundamental a saúde, é importante que as pessoas se reeduque nesta questão, querendo vê o melhor qualidade de vida...</i></p>	<p>indivíduo analisar esta questão de consumo de alimentos saudáveis e não saudáveis</p> <p>Hoje a alimentação é repensada como fundamental para a saúde, daí é necessária a EAN das pessoas para que essas tenham melhor qualidade de vida</p>	
--	--	---	--	---	--

APÊNDICE C – Grelhas

Questão 1	Transcrição das falas Professor 7 10 minutos e 19 segundos	Núcleo de Sentido	Trecho da Entrevista	Codificação Códigos	Subcategorias	Categoria Temática
De acordo com seus conhecimentos, o que você sabe sobre a EAN na escola?	É... pelo meu conhecimento? Eu acho que a forma de... é a educação que a gente recebe desde criança, como a forma que a gente deve se alimentar, o que é bom e o que é ruim para nossa saúde, no caso as vitaminas, as proteínas, os carboidratos, só. E você poderia explicar o que é esse ser bom e esse ser ruim para saúde? O ser bom são os alimentos que nos fazem bem, não é? São os alimentos que fornecem as substâncias necessárias para que a gente possa ter uma vida saudável, no aspecto nutricional, não é isso? Não ficar doente, não ter problemas cardíacos, não ter cansaço, não ter gripes frequentemente, e isso tudo depende da alimentação que a gente consome durante a nossa vida diária. E os ruins são os que prejudicam a nossa saúde, como gordura em excesso, mais ou menos isso, pelo que eu tenho conhecimento, né. As gorduras em excesso, às vezes refrigerantes, não se alimentar nas horas certas, abusar de doces... a forma que a gente deve se alimentar, o que é bom e o que é ruim para nossa saúde... ... a gente recebe desde criança... de... é a educação que a gente recebe desde criança, como a forma que a gente deve se alimentar, o que é bom e o que é ruim para nossa saúde... ... o ser bom são os alimentos que nos fazem bem, não é? São os alimentos que fornecem as substâncias necessárias para que a gente possa ter uma vida saudável, no aspecto nutricional... Não ficar doente... problemas cardíacos... cansaço... gripes... ... os ruins... prejudicam... saúde... gordura em excesso... refrigerantes, não se alimentar nas horas certas, abusar de doces...	... a gente recebe desde criança... de... é a educação que a gente recebe desde criança, como a forma que a gente deve se alimentar, o que é bom e o que é ruim para nossa saúde... ... o ser bom são os alimentos que nos fazem bem, não é? São os alimentos que fornecem as substâncias necessárias para que a gente possa ter uma vida saudável, no aspecto nutricional... Não ficar doente... problemas cardíacos... cansaço... gripes... ... os ruins... prejudicam... saúde... gordura em excesso... refrigerantes, não se alimentar nas horas certas, abusar de doces...	Eu acho que a forma de... é a educação que a gente recebe desde criança, como a forma que a gente deve se alimentar, o que é bom e o que é ruim para nossa saúde... ... o ser bom são os alimentos que nos fazem bem, não é? São os alimentos que fornecem as substâncias necessárias para que a gente possa ter uma vida saudável, no aspecto nutricional, não é isso? Não ficar doente, não ter problemas cardíacos, não ter cansaço, não ter gripes frequentemente... ... E os ruins são os que prejudicam a nossa saúde, como gordura em excesso, mais ou menos isso, pelo que eu tenho conhecimento, né. As gorduras em excesso, às vezes refrigerantes, não se alimentar nas horas certas, abusar de doces, é o que faz mal, o que prejudica a nossa saúde...	A EAN é um processo educativo que começa na infância e consiste em saber a forma adequada de alimentar-se, conhecer os alimentos bons e ruins para a saúde, sendo os primeiros fornecedores de substâncias essenciais à vida saudável sob o aspecto nutricional para evitar doenças, e os segundo prejudicam a saúde, pois possuem gordura e açúcares em excesso, além de hábitos como não se alimentar nas horas certas	A EAN é um processo educativo que começa na infância e consiste em saber a forma adequada de alimentar-se, conhecer os alimentos bons (fornecedores de nutrientes essenciais à vida saudável) e os ruins (gordura e açúcares em excesso), bem como horários certos para a alimentação, assim convergir para vida saudável	

APÊNDICE C – Grelhas

Questão 2	Transcrição das falas Professor 7	Núcleo de Sentido	Trecho da Entrevista	Codificação Códigos	Subcategorias	Categoria Temática	
Como você percebe as ações e atividades de EAN nas escolas?	A escola sempre trabalha com projetos em cima da alimentação, de preferência nas aulas de biologia, de ciências. Na minha área mesmo, eu sou da área de letras, mas sempre eu trago textos falando de alimentação, falando de atividades físicas e como eu estou agora em educação física nas quintas séries e nas sextas, aí eu sempre trago textos, falando sobre comer, a alimentação... deve ingerir... ... não trazer muito refrigerante... uma fruta... textos falando... ... têm melhorado... ... merenda... ... vejo que eles optam... frutas... gostam... frutas... merenda... diversificada... escola... ... Quando não	... escola... trabalha... projetos... alimentação... de aulas de biologia... ciências... ... sou da área de letras... trago textos falando de alimentação... atividades físicas... trago textos... devem se comportar... a alimentação... deve ingerir... ... não trazer muito refrigerante... uma fruta... textos falando... ... têm melhorado... ... merenda... ... vejo que eles optam... frutas... gostam... frutas... merenda... diversificada... escola... ... Quando não	... A escola sempre trabalha com projetos em cima da alimentação, de preferência nas aulas de biologia, de ciências... ... Na minha área mesmo, eu sou da área de letras, mas sempre eu trago textos falando de alimentação, falando de atividades físicas e como eu estou agora em educação física nas quintas séries e nas sextas, aí eu sempre trago textos, falando sobre comer, como eles (alunos) devem se comportar, como a alimentação que ele deve ingerir durante o dia, até mesmo em casa, né... ... Eu sempre dou o exemplo de não trazer muito refrigerante para escola, no lugar trazer refrigerante, trazer uma fruta e sempre trabalho em cima de textos falando sobre alimentação. Eu acho um esforço muito positivo. Eles têm melhorado, eles gostam muito de frutas, né. Eu sempre vejo uma merenda mais diversificada aqui na escola, maçã, melancia, melão, eles gostam muito. Eles deixam, tem uma senhora que vende pastel mesmo, eles não, a quantidade não é tão grande como antigamente, que eles iam muito aos pastéis, vão mais para as frutas. Quando não tem na escola, eles trazem de casa, eu já vi nas minhas turmas tem alunos que trazem de casa frutas, banana que tem mais acesso a eles,	Na escola há projetos de EAN nas aulas de biologia e ciências, onde se trabalha a parte teórica e após é realizada pelos alunos a culminância para toda a escola, com exposição e explicação sobre a importância da alimentação saudável A EAN é trabalhada na disciplina de português por meio de textos que retratam o tema, e de produção textual de receitas saudáveis, onde o professor escreve os ingredientes no quadro e os alunos elaboram o modo de preparo da receita, ambas as atividades com enfoque no consumo alimentar saudável	Na escola há projetos de EAN nas aulas de biologia e ciências, onde se trabalha a parte teórica e após é realizada a culminância para toda a escola, com exposição e explicação sobre a importância da alimentação saudável A EAN é trabalhada na disciplina de português por meio de textos que retratam o tema, e de produção textual de receitas saudáveis, onde o professor escreve os ingredientes no quadro e os alunos elaboram o modo de preparo da receita, ambas as atividades com enfoque no consumo alimentar saudável	Na escola há projetos de EAN nas aulas de biologia e ciências, onde se trabalha a parte teórica e após é realizada a culminância para toda a escola, com exposição e explicação sobre a importância da alimentação saudável A EAN é trabalhada na disciplina de português por meio de textos que retratam o tema, e de produção textual de receitas saudáveis, onde o professor escreve os ingredientes no quadro e os alunos elaboram o modo de preparo da receita, ambas as atividades com enfoque no consumo alimentar saudável	

APÊNDICE C – Grelhas

<p>não é? Sempre quando as meninas (professoras) fazem os <i>projetos</i>, eles fazem a <i>culminância</i>. No ano passado mesmo, no ano passado... foi em uma turma, ela trabalhou muito sobre... em cima de alimentação, aí no dia estavam <i>expostas</i>, assim, as <i>frutas</i>, as <i>verduras</i>, os <i>alunos</i> mesmos <i>explicando</i> os <i>benefícios</i> que aquela <i>alimentação</i> trazia. Aí eles <i>exuseram</i> lá muitas <i>frutas</i>, <i>sucos</i>, <i>verduras</i> de toda qualidade, foi bem proveitoso, a gente <i>participou</i>, as <i>outras turmas participaram</i>, eles falaram do assunto, foi bem proveitoso. <u>E como aconteceu essa culminância?</u> Durante... pelo que eu tenho conhecimento, porque não é da minha área, eles <i>trabalharam</i> em <i>sala de aula a teoria</i>, e depois no último dia marcaram um dia e <i>fizeram a culminância</i> mostrando todo o trabalho que foi feito durante esse período nesse projeto, eles <i>exuseram</i>, <i>aos outros alunos</i>, para <i>todo o corpo da escola</i>. Sempre <i>quando tem projeto</i> assim, sempre aí vai o <i>ensino médio</i> e o <i>ensino fundamental</i> eles <i>participam</i> sempre, eu <i>trabalho</i> muito <i>texto</i>, porque eles têm muita dificuldade de leitura, aí o quê é que eu faço, quando eu quero <i>introduzir alimentação</i>, aí eu <i>trago receitas</i>... preparo receitas, só os <i>ingredientes</i>... eu sempre trago coisas que não haja muita gordura, por exemplo, uma <i>salada de frutas</i>. Aí eu <i>coloco</i> (no quadro) o <i>nome das frutas</i>, aí eles vão reproduzir a receita, eu <i>dou</i></p>	<p><i>tem na escola... trazem de casa... frutas, banana... mais acesso...</i> ... <i>projetos... culminância... expostas... frutas... verduras... alunos... explicando... benefícios... alimentação... expuseram... frutas, sucos, verduras...</i> <i>outras turmas participaram... trabalharam... sala de aula a teoria... fizeram... culminância... expuseram, aos outros alunos... todo o corpo da escola...</i> ... <i>quando tem projeto... ensino médio e o ensino fundamental... participam...</i> ... <i>português... trabalho... texto... introduzir alimentação... trago receitas...</i></p>	<p>refrigerantes... ... Na <i>merenda</i> mesmo, quando eles estão servindo a merenda eu <i>vejo que eles optam</i> muito por <i>frutas</i>, eles <i>gostam</i> muito de <i>frutas</i>, <i>merenda</i> né. Eu sempre vejo uma <i>merenda</i> muito <i>diversificada</i> aqui na <i>escola</i>, <i>maçã</i>, <i>melancia</i>, <i>melão</i>, eles <i>gostam</i> muito... <i>Quando não tem na escola</i>, eles <i>trazem de casa</i>, eu já vi nas minhas turmas tem alunos que <i>trazem de casa frutas, banana</i> que tem <i>mais acesso</i> a eles... ... Sempre quando as <i>meninas</i> (professoras) fazem os <i>projetos</i>, eles <i>fazem a culminância</i>... no dia estavam <i>expostas</i>, assim, as <i>frutas</i>, as <i>verduras</i>, os <i>alunos</i> mesmos <i>explicando</i> os <i>benefícios</i> que aquela <i>alimentação</i> trazia. Aí eles <i>exuseram</i> lá muitas <i>frutas</i>, <i>sucos</i>, <i>verduras</i> de toda qualidade, foi bem proveitoso, a gente <i>participou</i>, as <i>outras turmas participaram</i>... falaram da importância dessas frutas, foi bem proveitoso... eles</p>	<p>Na escola a merenda é diversificada, há frutas, e os alunos optam por consumi-la, nos dias em que não há frutas na merenda, os alunos trazem de casa uma banana, considerada fruta de fácil acesso, pois é produzida na região</p> <p>O professor de educação física, com formação e letras, aborda textos que incentivam ao consumo de uma alimentação variada em hortaliças e frutas</p> <p>Na disciplina de português, há trabalho de EAN, por meio de produção textual de receitas compostas de alimentos saudáveis, onde o professor escreve os ingredientes no quadro e os alunos elaboram o modo de preparo saudável</p> <p>O professor de educação física, com formação e letras, aborda textos que incentivam ao consumo de uma alimentação variada</p>
---	--	--	---

APÊNDICE C – Grelhas

	<p>os <i>ingredientes</i> e eles <i>preparam</i> o <i>modo de fazer</i>. Agora sempre com produtos que não haja muita gordura, que não haja muito açúcar, aí eles <i>preparam, fazem um texto, fazem a receita e preparam um texto a partir do alimento</i> que eu dou, aí eu sempre trago muita, muitas <i>receitas</i> com <i>frutas, verduras, legumes, comidas</i> que realmente <i>beneficiem o nosso corpo</i>. Na <i>educação física</i> eu também, eu sempre trago <i>textos</i> que <i>falam</i> sempre de <i>alimentação</i>, através de <i>textos</i> também, <i>incentivando a comer mais fruta</i>, mais <i>verdura</i>, mais <i>legumes</i>. Eu <i>noventa por cento da turma rejeitou</i> na <i>série</i>, aí eu <i>coloquei... assinale os alimentos</i> que <i>vocês mais gostam... isso</i> foi logo no <i>início</i>, aí era só <i>coxinha, refrigerante...; aí eu coloquei frutas e legumes</i>, legumes eu acho que <i>noventa por cento da turma rejeitou</i> na pesquisa que eu fiz... Aí ninguém gostava de legumes, principalmente os pequeninhos... ah, eu não gosto disso não, eu não como isso... Eu acho que gostava de legumes. Agora sabem o que é <i>abóbora, chuchu</i>, aí eu <i>sempre fico incentivando... não, se você não comer</i> você vai, <i>você não vai crescer... assim</i> conversando com eles. Um dia desses, eu <i>fiz outra pesquisa</i> com eles, eu já <i>sentir o acréscimo</i>, eles já <i>optavam por comer... olha professora</i>, ontem eu comi aquela <i>verdura</i>, ela é boa viu... Eles sempre ficam falando, os <i>pequeninhos</i> em fase de crescimento... eu provei daquela</p>	<p><i>ingredientes... de salada frutas... coloco... das frutas... dou... ingredientes... preparam o modo de fazer... fazem um texto, fazem a receita... preparam... texto a partir do alimento... receitas... frutas, verduras, legumes, comidas... beneficiem nosso corpo... educação física... textos... falam... incentivando a comer mais fruta... verdura... legumes... questionário... alimentos... mais gostam... início... só coxinha, refrigerante... frutas... legumes... noventa por cento da turma</i></p>	<p><i>trabalharam em sala de aula a teoria</i>, e depois no último dia marcaram um dia e <i>fizeram a culminância</i> mostrando todo o trabalho que foi feito durante esse período nesse projeto, eles <i>exposeram, aos outros alunos, para todo o corpo da escola...</i></p> <p>... Sempre <i>quando tem projeto</i> assim, sempre aí vai o ensino médio e o <i>ensino fundamental</i> eles <i>participam</i> também...</p> <p>... Na área de <i>português</i> eu sempre, eu <i>trabalho muito texto</i>, porque eles têm muita dificuldade de leitura, aí o que é que eu faço, quando eu quero <i>introduzir alimentação</i>, aí eu <i>trago receitas...</i> preparo <i>receitas</i>, só os <i>ingredientes...</i> eu sempre trago coisas que não haja muita gordura, por exemplo, uma <i>salada de frutas</i>. Aí eu <i>coloco</i> (no quadro) o <i>nome das frutas</i>, aí eles vão reproduzir a <i>receita</i>, eu dou os <i>ingredientes</i> e eles <i>preparam o modo de fazer...</i> aí eles <i>preparam, fazem um texto, fazem a receita</i> e <i>preparam</i> um</p>	<p>em hortaliças e frutas</p> <p>O professor de português aplica em sala de aula aos alunos um questionário a cada bimestre sobre o consumo alimentar, especificando as preferências alimentares, como resultado da primeira pesquisa, noventa por cento da turma rejeitou frutas e legumes, na segunda percebeu um acréscimo neste percentual, os alunos já optam por comer frutas e vegetais.</p> <p>A EAN sempre trabalhada em sala de aula com enfoque no consumo alimentar saudável</p> <p>O professor considera que possui o papel na formação do aluno enquanto a questão alimentar e procura</p>	<p>O professor de português realiza em sala de aula pesquisa sobre o consumo alimentar dos alunos, e em duas já realizadas percebeu um acréscimo no consumo de frutas e hortaliças, constatando uma mudança real no comportamento alimentar dos alunos</p> <p>O professor considera que possui o papel na formação do aluno, assim procura fazer a EAN</p>
--	---	--	---	--	--

APÊNDICE C – Grelhas

<p>comida, bem que a senhora disse que era gostosa, é realmente boa... Agora quando for nesse terceiro bimestre eu vou fazer outra pesquisa para saber se como é que está, se eles estão se alimentando melhor, se eles deixaram mais as frituras e os refrigerantes de lado, aí eu trabalho esse tema, aí eu trabalho muito com alimentação. Depois que eu faço essa pesquisa, eu comento com eles, eu faço um comentário na sala mesmo, comento com eles dos benefícios que eles estão, como eles estão melhorando, fico sempre incentivando... muito bem, é assim que deve fazer... e às vezes são de famílias carentes, não tem nem condições de comprar alimentos, assim, frutas, legumes, a gente sabe que tudo é caro e eles não têm condições, mas o que eu posso fazer... vou fazendo a minha parte, vou contribuindo como eu posso. Algo mais a falar sobre as ações e atividades de E.A.N na escola? Não.</p>	<p>rejeitou... sempre... incentivando... se você não vai comer... não vai crescer... fiz outra pesquisa... o sentir o crescimo... optavam por comer... terceiro bimestre... fazer outra pesquisa... saber... estão se alimentando melhor... pesquisa... comento com eles... sala... benefícios... sempre incentivando... vou fazendo a minha parte... contribuindo como eu posso...</p>	<p>texto a partir do alimento que eu dou, aí eu sempre trago muita, muitas receitas com frutas, verduras, legumes, comidas que realmente beneficiem o nosso corpo... ... Na educação física eu também, eu sempre trago textos que falam sempre de alimentação, através de textos também, incentivando a comer mais fruta, mais verdura, mais legumes...</p>	<p>fazer o que está em seu alcance</p>	
--	---	---	--	--

APÊNDICE C – Grelhas

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

assim conversando com eles. Um dia desses, eu fiz *outra pesquisa* com eles, eu já *sentir o acréscimo*, eles já *optavam por comer...* olha professora, ontem eu comi aquela verdura, ela é boa viu... eu provei daquela comida, bem que a senhora disse que era gostosa, é realmente boa... Agora quando for nesse *terceiro bimestre* eu vou *fazer outra pesquisa* para *saber* se como é que está, se eles *estão se alimentando melhor*... Depois que eu faço essa *pesquisa*, eu *comento com eles*, eu faço um comentário na *sala* mesmo, comento com eles dos *benefícios* que eles estão, como eles estão melhorando, *fico sempre incentivando...* muito bem, é assim que deve fazer... às vezes são de famílias carentes, não tem nem condições de comprar alimentos, assim, frutas, legumes... é caro e eles não têm condições, mas o que eu posso fazer... *vou fazendo a minha parte*, vou *contribuindo como eu posso...*

ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
Comitê de Ética em Pesquisa

Of. Nº. 027/2011 - CEP/CCS

Recife, 03 de fevereiro de 2011

Registro do SISNEP FR – 392700
CAAE – 0480.0.172.000-10
Registro CEP/CCS/UFPE Nº 485/10
Título: **Conhecimento, percepções e práticas de educadores e nutricionistas sobre a Educação Alimentar e Nutricional no ambiente escolar.**
Pesquisador Responsável: Alicinez Guerra Albuquerque.

Senhor (a) Pesquisador (a):

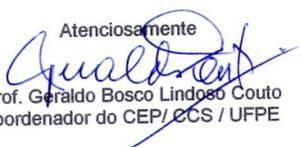
Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco (CEP/CCS/UFPE) registrou e analisou de acordo com a Resolução N.º 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, o protocolo de pesquisa em epigrafe, liberando-o para início da coleta de dados em 02 de fevereiro de 2011.

Ressaltamos que a aprovação definitiva do projeto será dada após a entrega do relatório final, conforme as seguintes orientações:

- a) Projetos com, no máximo, 06 (seis) meses para conclusão: o pesquisador deverá enviar apenas um relatório final;
- b) Projetos com períodos maiores de 06 (seis) meses: o pesquisador deverá enviar relatórios semestrais.

Dessa forma, o ofício de aprovação somente será entregue após a análise do relatório final.

Atenciosamente


Prof. Geraldo Bosco Lindoso Couto
Coordenador do CEP/CCS / UFPE

A
Mestranda Alicinez Guerra Albuquerque
Programa de Pós- Graduação em Nutrição- CCS/UFPE



APÊNDICE D

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco pelo telefone (81) 2126 8588, localizado na Av. Prof. Moraes Rego s/n, Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50670-901, bem como a autora da pesquisa Alicinez Guerra Albuquerque, e-mail: alicinez@yahoo.com.br, Fone: (81) 36491191 / 99954371.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: CONHECIMENTOS, PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DE EDUCADORES E NUTRICIONISTAS SOBRE A EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NO AMBIENTE ESCOLAR.

Trata-se de uma pesquisa que tem o propósito de investigar os conhecimentos, as percepções e práticas de educadores e de nutricionistas sobre a educação alimentar e nutricional na escola, bem como verificar as opiniões dos mesmos para melhorar as ações de educação alimentar e nutricional no ambiente escolar.

Os riscos presentes nesta pesquisa referem-se a qualquer tipo de constrangimento da participação na entrevista ou timidez provocada pelo uso do gravador nos registros discursivos, saliento que esses ficarão armazenados sob a responsabilidade do pesquisador responsável. Para minimização destes riscos, serão descartados os fragmentos que não pretenda divulgar. Os benefícios serão o retorno das informações de forma sistematizada que contribuirão para realização de oficinas de trabalho para implementar a educação alimentar e nutricional na escola, com vistas à promoção da alimentação saudável. Os dados individuais não serão divulgados. Esclarecemos que a sua participação é decorrente de sua livre decisão após ter recebido todas as informações que julgar necessárias. A sua desistência em participar da pesquisa, não implicará em nenhum prejuízo e poderá ocorrer em qualquer momento no transcorrer da pesquisa.

_____ Pesquisador Responsável

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG/CPF _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo CONHECIMENTOS, PERCEPÇÕES E PRÁTICAS DE EDUCADORES E NUTRICIONISTAS SOBRE A EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL NO AMBIENTE ESCOLAR, como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador responsável sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Recife: ____/____/____ Nome e assinatura do sujeito: _____

Testemunha: _____

Testemunha: _____

Pesquisador Responsável: Alicinez Guerra Albuquerque _____